



OS LIVROS DA VIDA DE PANDORA
Os Anunnaki e a Disputa pela Genética de
Pandora
Livro 3



Corrigido e Adaptado por
Gullan Grey

10-05-2022

SINTESE

Neste terceiro livro da coleção "Os Livros da Vida de Pandora", Jeane Miranda empresta a sua escrita para que o espírito da principal matriarca da humanidade continue a contar a sua história.

Ao executar o plano para proteger do Olimpo os 'humanos de estimação', Pandora enfrenta uma nova ameaça vinda de Nibiru. Os 'filhos de Anu', ou Anunnaki, estão na Terra em busca de ouro para salvar a atmosfera do seu planeta, e demonstram um suspeito interesse na genética que começava a surgir naquela que se tornaria a primeira mulher.

Assim, com a ajuda dos irmãos titãs e da sua filha Pirra, Pandora precisará proteger-se da malícia por trás da cordialidade do príncipe Enlil, bem como da fúria de Zeus, que está prestes a eclodir sobre inimigos que conspiram contra o seu reinado.

OS LIVROS DA VIDA DE PANDORA

OS ANUNNAKI E A DISPUTA PELA GENÉTICA DE
PANDORA

LIVRO 3

Conteúdo

CITAÇÃO.....	1
NOTA DA AUTORA TERRENA.....	1
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PANDORA.....	1
CAPÍTULO 1.....	1
NOTÍCIAS DO OLIMPO	1
CAPÍTULO 2.....	6
A NOVA MORADA DOS “ANIMAIS DE DUAS PERNAS”	6
CAPÍTULO 3.....	11
O “MACHO NÚMERO DOIS”	11
CAPÍTULO 4.....	15
NA PRESENÇA DE ZEUS E TÊMIS	15
CAPÍTULO 5.....	20
FRENTE A FRENTE COM A MINHA CRIADORA!	20
CAPÍTULO 6.....	29
PIRRA, PARCEIRA DE IDEAL	29
CAPÍTULO 7.....	34
APRENDENDO A SER ESTRATEGA	34
CAPÍTULO 8.....	39
OS SERES DAS NAVES	39
CAPÍTULO 9.....	49
O PRÍNCIPE ANUNNAKI	49
CAPÍTULO 10.....	53
PUREZA GENÉTICA	53
CAPÍTULO 11.....	59
UM CONVITE INESPERADO	59
CAPÍTULO 12.....	65
O SOFRIMENTO DE PIRRA!	65
CAPÍTULO 13.....	69
O SEGUNDO ENCONTRO OFICIAL COM ENLIL	69
CAPÍTULO 14.....	75
A IRA DE ZEUS	75
CAPÍTULO 15.....	81
OLIMPIANOS VERSUS ANUNNAKI: QUE VENÇA O MAIS FORTE!	81

CAPÍTULO 16.....	84
O MELHOR PROTÓTIPO DOS TITÃS E OLIMPIANOS.....	84
CAPÍTULO 17.....	90
CONSTATAÇÕES INEVITÁVEIS	90
CAPÍTULO 18.....	94
A FUGA DOS ANUNNAKI!.....	94
SOBRE A AUTORA	1
LIVROS DA AUTORA.....	1

"Quanto é a verdade que um espírito suporta, quanto é a verdade que ousa?

Essa foi, para mim, e cada vez mais, a tábua para medir valores.

Engano (a crença no ideal) não é cegueira, engano é covardia...

Toda a conquista, todo o passo adiante no conhecimento é consequência da coragem, da dureza em relação a si mesmo, da decência consigo mesmo.

Eu não refuto os ideais, eu apenas visto luvas diante deles..."

Nietzsche

NOTA DA AUTORA TERRENA

Numa certa oportunidade Pandora disse-me:

"Ouse imaginar-se como um super-humano, uma supermulher que, senhora de si, comandará o seu próprio destino! Liberte-se do que você pensa e sente! Livre-se das suas opiniões e dos julgamentos a respeito de tudo! Siga adiante e não tenha medo de ser quem você é, verdadeiramente!"

Ao ouvir esse conselho de Pandora, ponderei que vivemos num mundo aonde o agir com liberdade de pensamento é algo que todos pensam que possuem. Todavia, se pararmos um pouco para observar se, de facto, a temos ou não, perceberemos que o ser humano permanece envolvido numa teia tal de controlo mental e emocional, que a liberdade tornou-se algo utópico diante da realidade em que estamos inseridos.

Muitos acreditam que os seus pensamentos e ações são decorrentes da educação e dos princípios que receberam da família, da escola, da sociedade e da religião, por exemplo. Contudo, entendo que não é bem assim, posto que vivemos dentro de bolhas nas quais o modo de pensar e agir humano, muitas vezes, é determinado e controlado por seres que vivem em dimensões distintas daquelas em que residimos.

Para que possamos tornar-nos o que verdadeiramente somos, temos de ousar imaginarmo-nos diferentes daquilo que costumamos projetar normalmente, na tentativa de enganarmos aos outros e a nós próprios. Somos mestres em mostrar algo que não conseguimos ser, efetivamente, no nosso quotidiano. Adornamos o nosso modo de atuar com um certo refinamento para que os demais acreditem que somos pessoas gentis, educadas e cultas. Adoramos vestir-nos bem, andar em carros vistosos e morar em boas casas para que pensem que temos sucesso e que somos felizes. Por que será que nos comportamos assim? Por que damos tanta importância para as aparências? Qual a razão de nos esforçarmos tanto em demonstrar um comportamento que não faz parte da nossa natureza pessoal ou sequer do nosso modo de agir quando estamos juntos daqueles que nos são mais íntimos?

A resposta pode parecer simples, no entanto, infelizmente, não é! Agimos assim porque herdámos esse tipo de comportamento de seres que se intitularam deuses, mas que, na verdade, sempre se comportaram igualmente ou ainda pior em relação ao modo que agora reproduzimos e consideramos como normal. Sem sabermos que, no passado mais remoto da existência desta Obra, os Criadores Universais "decaídos" (Brahma, Shiva e Vishnu, assim denominados na mitologia hindu/ariana), aclamados como deuses pelos antigos

humanos e, portanto, vistos como seres perfeitos, atuavam de maneira questionável, como alguns humanos ainda o fazem. Eis a questão!

No início desta Criação, esses "Senhores da Trimurti" passaram um longo tempo a disputar, entre si, qual deles era o mais forte, o que dentre eles mais havia criado algo neste universo e aquele que o comandava. Inevitavelmente, teremos de admitir que esse tipo de postura também existe entre os humanos, ou seja, a todo o instante, disputamos quem é aquele que manda, que é o dono ou o mais forte. A aparência era outro aspecto que muito importava para eles, ainda que preferissem mostrar as suas faces mais aterrorizantes, no sentido de intimidar os demais. Esses distúrbios do psiquismo reinam aqui e alhures, pois todos os seres vivos pensantes carregam os germes da disputa, do orgulho, de valorizar o que não é importante e desconsiderar o que nos faz evoluir. Felizmente, alguns humanos têm conseguido desabilitar tais convenções, que correspondem a determinadas sequências genéticas do DNA humano.

Quando surgimos nesta realidade material, recebemos uma programação para representar um certo papel. Ao refletir sobre como nos vemos e nos comportamos neste mundo, penso que, no fundo, essa imposição aprisiona-nos e condiciona-nos a ficar presos aos ditames de uma genética que nos sentencia a agir e pensar de determinado modo, de sentirmos aflições, inquietações e pavores que, muitas vezes, não nos pertencem. Entretanto, mesmo estando ligados à genética advinda do Criador deste universo, temos a possibilidade de nos libertar, de maneira contundente, dos grilhões que nos levam a sermos aquilo que não somos! Se pararmos de representar o personagem que não foi escolhido por nós, se assim procedêssemos, deixaríamos de servir de massa de manobra nas mãos daqueles que somente querem dominar-nos!

Dito isso, chamo a atenção do leitor para a questão de que é chegado o tempo de não mais nos submetermos aos ditames que nos infligiram até então. É hora de ousarmos ser, pelo menos, o que o nosso Espírito espera de nós! Não podemos mais perder tempo, manifestando somente o que fomos programados para ser! Precisamos colocar um ponto final no domínio e controlo a que fomos submetidos até este momento, e para conseguirmos esse intento, primeiro temos de aprender a ser livres.

Entretanto, o que realmente significa ser livre? Como exercer a nossa liberdade sem ferirmos a do outro? Como podemos desenvolver o nosso potencial de sermos pessoas dignas, honestas, éticas e amorosas uns com outros? Não há respostas fáceis! A espécie humana terá de achar um caminho de atuação no qual o firme propósito, baseado no bem agir, no belo e no amor que existe em nós, nos torne alguém do tipo que imaginamos como um Deus Perfeito atuaria se estivesse encarnado na Terra. Esse caminho é árduo, porém, necessário e profícuo. Se todos entenderem que o atual modo humano de proceder é algo que não deveria mais deixar espaço para o orgulho, o

preconceito, a agressividade e a violência, talvez, conseguíssemos mudar o foco do que é realmente importante para a nossa evolução pessoal e coletiva, enquanto espécie.

O convite que faço é que ousemos ser bons mesmo quando não existe motivo para tal. Que sejamos a mudança que queremos ver no mundo, conforme dizia Ghandi. É chegado o tempo, repito, para o indivíduo humano ousar expressar mais do que o que ele foi programado para ser, fazendo da sua vida um exemplo a ser seguido pelos demais. Se conseguirmos viver com dignidade, logo transformaremos a maneira de existir neste planeta num modelo a ser seguido e multiplicado em outros mundos habitados, o que muito provavelmente existe neste imenso universo!

Precisamos mostrar maioridade espiritual. Não há mais como viver de modo infantilizado e egoísta. É imperativo que crescamos e passemos a agir como se fossemos "perfeitos", efetivamente cuidando uns dos outros, sem esperar ajuda de fora do planeta. Somos nós, os humanos, que teremos de organizar e estruturar a Criação que foi elaborada por outros seres.

Quando passarmos a não esperar nada de deuses, que acreditamos que possam reger e cuidar das nossas vidas, certamente que conseguiremos estabelecer o "Reino de Deus" aqui mesmo, na Terra – tanto para nós, os humanos, quanto para todos os outros seres que porventura possam existir neste vasto universo.

Jeane Miranda

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PANDORA

Ao nascer como um ser assexuado e já pronto para a vida, Kadmon, filho da titânide Themis (ou Témis) e de Zeus, o "Rei do Olimpo", jamais imaginou que se tornaria a primeira mulher da humanidade terrestre, a grande ancestral que, mais tarde, ficou conhecida como Pandora.

O titã Prometeu, Pandora, a sua mãe Themis e a sua Irmã olimpiana Athena pensaram em promover uma condição de vida diferente da do Olimpo, e foi quando criaram a expressão "*Falaia Charis*" que significa "inscrever-se no futuro". Pensar, falar e agir, essas atitudes mudam o futuro, e o ser que assim procede, inscreve-se nele. Isso significa construir um "Eu melhorado" a partir de uma versão antiga de um "Eu" – esse é um foco novo, capaz de orientar os elétrons, que se desprenderam do Corpo Mental do Criador.

Como o Espírito de Pandora, outros que também animaram olimpianos, passaram a encarnar como humanos, vivenciando os desafios, decepções, alegrias e descobertas do quanto a vida na Terra pode ser difícil para aqueles que insistem em manter a sua Alma livre.

Dentre as olimpianas que se enquadram nesta situação, podem ser citadas Astreia e Despina, ex-filhas de Poseidon, além de algumas musas e ninfas, ex-filhas de Zeus.

Quando as musas foram geradas, Pandora, humana e já cansada de tanto lutar pelos seus ideais, estava com uma atitude de repúdio a tudo o que viesse do Olimpo e, portanto, não conviveu com essas filhas de Zeus e da titânide Mnemosine. Contudo, as musas tiveram contato com Pirra – a filha de Pandora e Epimeteu – e o seu consorte Deucalião.

Uma ninfa, ao morrer, pode ter o seu Espírito "imantado" com certa facilidade a um corpo humano em formação, pois ele encontra-se mais "limpo", uma vez que esse tipo de ser não apresenta malícia. Entretanto, esse não foi o caso de Pandora e de outros seres do universo antimaterial, que perderam os seus corpos e, depois, passaram a nascer como humanos terrestres, pois precisaram fazer algumas tentativas de encarnação para se adaptar ao novo tipo de vibração que a espécie *Homo sapiens sapiens* oferece – o Espírito de Pandora obteve sucesso já na segunda tentativa. Desse modo, ultrapassado esse problema de imantação espiritual, outros apresentaram-se, principalmente porque tem sido complicado para tais humanos, cujos Espíritos carregam, pelo

menos, a vivência do modo de ser à moda olímpiana — que Pandora, nesta série de livros sobre a sua vida, tão bem descreve —, alinharem-se com o "caminho do meio", recomendado por Sidartha Gautama.

Além disso, eles precisam suportar o assédio dos seres olímpianos que, do universo paralelo, conseguem mexer no DNA desses humanos cuja assinatura quântica os identifica como ex-habitantes do Olimpo. Entretanto, Pandora desenvolveu uma resistência psíquica tão grande em relação ao controle dos olímpianos, que essa "marcação" no seu DNA espiritual bloqueia essas interferências quando o seu Espírito reencarna — e ela prefere vir no sexo feminino.

Pandora foi, acima de tudo, uma grande guerreira, pois resistiu bravamente ao domínio de Zeus, negando-lhe lealdade ao preferir seguir a sua intuição, dedicando-se ao projeto dos irmãos titãs Prometeu e Epimeteu, relativo à criação dos humanos, aos quais protegeu, além de procurar incutir neles o hábito de se ajudarem uns aos outros e se manterem independentes dos deuses e de outros que pretendessem dominá-los.

A questão é que, manter a fidelidade aos deuses sempre os levaria a tornarem-se criaturas dependentes de seres inferiores quanto à capacidade de raciocínio crítico e de razão filosófica, enquanto um dos objetivos principais da vida nesta Criação consiste em obter um tipo de ser evoluído e emancipado, capaz de reordenar a Mente Universal, restabelecendo o Criador "caído" e permitindo a finalização desta Obra cheia de "feridas" e que parece um programa de computador corrompido e virótico.

Nos humanos, a utilização de um apurado senso crítico acompanhado de uma razão filosófica nobre, permite a arte da decifração do sentido de existir, o sentimento e a priorização de emoções, resultando no desenvolvimento das mais sublimes expressões das mesmas.

Nos tempos atuais, os desafios continuam para os ex-olímpianos agora humanos, que com a sagacidade e os princípios filosóficos melhorados e adquiridos na condição humana, são utilizados como ferramentas para que Zeus, o deus do Olimpo, possa receber informações mais refinadas e entender os acontecimentos que o envolvem e o que se espera dele e dos seus comandados quanto a esse "Programa Universal" para resolver o problema do Criador e da sua Criação "vexaminosa".

Depois de 13,7 bilhões de anos desde o início da expansão que gerou esta Criação com os seus dois universos, surgiu uma espécie — a humana terrestre — que lançou uma luz na solução dos problemas universais, estabelecendo o início de um caminho evolutivo promissor. E isso só foi possível porque Pandora ousou transformar-se, tornando-se a primeira mulher que já apareceu livre —

o que lhe valeu a primeira expressão de um sorriso nesta Obra complicada, uma satisfação que nem os deuses mais poderosos conseguem alcançar — para escrever o novo rumo da História Universal.

Pandora, ao expressar-se sobre a sua vivência, não espera aprovação ou críticas pelo que fez ou deixou de fazer. Ela apenas deseja que os humanos da atualidade compreendam o quanto foi e será difícil viver em busca do aprimoramento espiritual que nos libertará definitivamente desta “Armadilha” — a Criação — que prende tantos Espíritos em condições vexatórias.

Que cada um viva de maneira bela e nobre cada existência, no grau máximo que conseguir!

(Texto elaborado Por Mana Helena Kummer, baseado nos ensinamentos de Jan Val Ellam, sobre a “Revelação Cósmica”)

NOTÍCIAS DO OLIMPO

“Porque eu sou do tamanho do que vejo. E não do tamanho da minha altura”

Alberto Caeiro – Heterónimo de Fernando Pessoa

Seguindo, então, com a narrativa passada¹, ao analisar o que Prometeu me revelou sobre a vontade da minha criadora Témis em se encontrar comigo, fiquei imensamente curiosa como se daria este primeiro contato, pois jamais, ao longo de toda a minha existência, voltámos a ficar frente a frente após a minha criação. Em vista disso, confesso que ela nunca chegou a demonstrar qualquer Interesse por mim.

Estávamos todos juntos, eu, Pirra, Epimeteu e Prometeu, tendo este último, recém-chegado do Olimpo. Fixei a minha atenção na questão que ele havia me interrogado, ou seja, se havíamos conseguido alterar o laboratório principal de lugar e, principalmente, se tínhamos conseguido levar o "macho especial" para algum esconderijo seguro. Revelámos tudo o que fizemos, e ele ficou extremamente excitado com o progresso que alcançámos.

Terminada a minha explanação, Prometeu alertou-nos:

— Temos de estar preparados para o caso de Ares descobrir o meu ardil. Da maneira como ele é impulsivo e ainda possuindo o respaldo de uma ordem direta de Zeus pata atacar livremente, precisaremos de alguma estratégia de fuga, no caso dele decidir vir ao nosso encalço e liquidar-nos. Teremos que nos precaver de modo a evitar isso. Continuemos, portanto, com o planeado. O melhor é permanecermos aqui, neste laboratório virtual e, individualmente ou no máximo em dois componentes, organizarmos a nova morada dos nossos “animais de estimação”.

— Qual o local aonde eles se encontram? — perguntou Prometeu.

— Diz-me, ó Pandora! Eu já selei o ambiente, então, podemos falar em segurança. Onde fica a nova morada dos “seres de duas pernas”? Explique-me como conseguiu levar todos eles de uma só vez até lá!

Contei a Prometeu tudo o que fiz e como o “macho especial” reagiu a todos os acontecimentos.

O titã ficou satisfeito com o que escutou e concluiu:

— O “macho especial” está a mostrar-se muito inteligente! Se as suas percepções estiverem corretas, ó Pandora, esse será, sem dúvida, o nosso melhor protótipo. Devemos todos trabalhar com ele, estimulando-o para que ele tome mais decisões e que haja com mais liberdade. Assim, desenvolverá mais o seu cérebro, pois precisará pensar em vez de receber comandos de outros. Vamos evitar dizer-lhe o que ele tem de fazer, mesmo no sentido de como resolver algo. Devemos simplesmente apresentar o problema e deixá-lo tentar, sozinho, encontrar uma solução. Percebe a necessidade de procedermos assim, ó Pandora? Falo-lhe diretamente porque sei da maneira como você age com relação a esse ser. Permita que ele cresça e desenvolva a capacidade de pensar e de atuar por si mesmo, sem a sua ajuda direta.

Mesmo contrariada, concordei com ele:

— Sei do que você fala, ó Prometeu. Entendo a necessidade de ensiná-lo a pensar e agir por si mesmo. Entretanto, acho que ele ainda não é capaz de tomar decisões que envolvam a segurança dele ou do grupo. Acredito que, em relação a ele, devemos interferir naquilo que diz respeito a essa questão. No mais, estou de acordo com você! É chegado o momento para esse protótipo, principalmente, tornar-se mais independente. Digo-lhe que já o designei como líder dos nossos “animais de estimação” e o adverti para ter cuidado com relação às decisões que tomará, uma vez que elas serão seguidas pelos outros onze do seu grupo. Parece-me que ele entendeu a responsabilidade que lhe dei, pois notei que muito se preocupa com o bem-estar dos seus pares em espécie.

— Por enquanto, porém, esqueçamos esses seres e conte-nos como Atena se dirigiu a você quando percebeu o seu ardil, ó Prometeu — solicitei a ele, curiosa sobre o que acontecia no Olimpo.

— Ela levará adiante, com Ares, a caçada aos que, supostamente, tramam contra Zeus? Será que ela não nos entregará a Témis, por estarem aliadas neste momento, conforme percebi?

— Penso, Pandora, que tudo ficou esclarecido com Atena — respondeu ele. — Contudo, você tem razão com relação à questão de que elas andam a entender-se muito bem! Acredito até que Témis está a usar Atena para controlar ainda mais a Zeus, pois que, como todos nós sabemos, ela é a sua filha preferida. Ele não nega absolutamente nada à “Deusa da Estratégia”! Até mesmo ouvi rumores que os outros filhos dele andam desgostosos com esse privilégio que ele anda a conceder a ela. Pelo que pude observar, quando Zeus mandou que eu me reunisse com Atena e sem a presença de Ares, vi no seu semblante um certo ar de deboche e ressentimento para com o irmão. De facto, está instalada uma disputa entre esses dois deuses para determinar qual é o preferido do “Rei do Olimpo”!

— Nessa contenda, sinto uma certa pena de Ares, porque Zeus diz a todos, abertamente, que Atena é aquela em quem mais confia, depois de Témis — continuou

Prometeu. — Hefesto revelou-me, em outra oportunidade na qual estive com ele, que Hera andava a tramar contra Témis e Atena, pois não admitia que elas estivessem a tirar a atenção do “Rei dos Deuses” com relação a ela e o seu filho. A cada dia, Témis está a ser mais solicitada por Zeus para ajudá-lo a tomar decisões e dar ordens aos outros deuses e seus descendentes. Até mesmo Hera foi obrigada a esperar que ele recebesse uma resposta de Témis para poder decidir sobre algo que ela havia pedido diretamente ao próprio Zeus! Hefesto confidenciou-me que Hera ficou furiosa por ter sido submetida a essa humilhação!

Como que se deliciando com as informações que me repassava, o titã seguiu com a sua narrativa:

— Em seguida, Hefesto contou-me, em tom de desprezo e ironia, que Hera dirigiu-se a Zeus, solicitando-lhe que interviesse com relação às constantes piadas que os outros deuses andavam a fazer sobre as ações sanguinárias de Ares. Hera chegou a exigir que o próprio “Rei do Olimpo” humilhasse e punisse quem se atrevesse a falar mal do seu filho!

— Ó Pandora, você bem sabe que Ares, apesar de ser um grande guerreiro, é completamente demente quando se trata de montar alguma estratégia de luta — ponderou Prometeu. — Ele não é dado a pensar muito, certo? E isso já está a virar motivo de piada entre os outros deuses, principalmente para os descendentes de Zeus! Hera, que tanto orgulho tem do seu filho, está furiosa pelo facto dos olímpianos o considerarem um deus ridículo e estúpido! Posso dizer a vocês que Ares, neste momento, está a fazer algo que será lembrado como mais uma asneira do “Senhor da Guerra”. Se ele não se aliar a Atena, os habitantes menos poderosos do Olimpo terão grandes motivos para se incomodar, essa é a verdade!

— Acredito que o Olimpo verá dias tristes, e os seus habitantes nos esquecerão por uns tempos, de tão preocupados que estão com a própria sobrevivência, pois que está aberta a caça aos possíveis traidores do “Rei dos Deuses” — disse um irónico Prometeu. — Ficarei atento a tudo o que acontecerá no reino de Zeus. Será muito agradável presenciar a decadência de todos os deuses e os seus descendentes tolos, imbecis e ridículos!

Neste momento, tive algo que, na Terra, os humanos da atualidade chamam de “pressentimento”, e disse a Prometeu:

— Você não deveria brincar assim com eles, ó Prometeu. Pressinto que, em algum momento, você terá sérios problemas com Zeus e, caso não haja alguém que possa defendê-lo, penso que estará encrencado.

— Ó Pandora, do que estás a falar? — retrucou o titã — O que queres dizer com “pressinto”? Por um acaso podemos nós, titãs, ou vocês, olímpianos, perceber algo do futuro? Que sabe você sobre o futuro?

Preferi calar-me e nada respondi, uma vez que Epimeteu e Pirra nada sabiam da capacidade que o próprio Prometeu tinha de “antever”, mesmo que de maneira inconsciente, certos acontecimentos futuros.

Para encerrar o assunto, disse a Prometeu:

— É verdade, ó Prometeu. Que sabemos nós sobre o futuro? Entretanto, peço-lhe mais cautela no trato com os deuses olímpianos. Somente por diversão, não se ponha em risco desnecessário. Neste momento, sei que o caos, o terror e a desconfiança estão a ser instalados no Olimpo. Posso imaginar que todos os deuses e os seus descendentes se aproveitarão para entregar uns aos outros. Não é preciso ver o futuro para perceber que isso acontecerá. Sei que, com a sua perspicácia, já deve ter previsto que isso aconteceria e que, de modo consciente, você provocou a instalação da desconfiança e do terror entre eles. No entanto, rogo-lhe que, por enquanto, mantenha-se afastado do Olimpo. Primeiro, espere que eu me encontre com Témis, e só depois que eu souber o que ela me quer falar, é que nós faremos um replaneamento da maneira como atuaremos a partir de então. Por ora, não precisamos preocupar-nos com os nossos “animais de estimação”, o laboratório e as principais poções, pois todos estão seguros.

— Portanto, devemos levar as nossas vidas tranquilamente, para não levantar suspeitas e não ficar com Ares a rondar a nossa porta! — aconselhei. — Conforme você bem disse, com ele não há diálogo, e a única certeza que há é que teremos de lutar! Também precisamos levar em consideração que, apesar dos seus ardis e dos de Epimeteu, eu ou Pirra não temos a menor hipótese num confronto direto com ele. Lembre-se disso, ó Prometeu!

Quando terminei de falar, Epimeteu, dirigindo-se ao irmão, assim se expressou:

— Ó Prometeu, Pandora tem toda a razão. Não podemos colocar em risco a vida dela ou de Pirra. Você já fez a sua parte e, por sinal, muito bem feita! Tenho certeza que todas as atenções do Olimpo, agora, encontram-se centradas na busca de culpados, e não em nós! Acho o mesmo que Pandora, pois aqueles seres tolos, certamente, desejarão tirar alguma vantagem desta ocasião de terror e, se possível, colocar alguns inimigos para lutar diretamente com Ares.

— E a respeito do que Pandora disse com relação a estarmos seguros, por ora, penso que eu e Pirra devemos aproveitar este momento para seguir com a catalogação das últimas poções, enquanto vocês iniciam o adestramento das “criaturas de duas pernas” — sugeriu Epimeteu. — O que acha disso, ó meu irmão?

— Sim, podemos todos efetivar este planeamento — concordou Prometeu. — Antes, porém, gostaria de lhes dizer que sei o quanto os preocupo com as minhas intrigas com Zeus. Entretanto, não sou estúpido para fazer algo que me coloque numa situação difícil ou que, principalmente, os deixe em perigo. Não tenham medo, pois jamais causarei dano a qualquer um de vocês. Entendo muito bem quando posso e quando não

devo atrever-me a fazer graça com o “Rei do Olimpo”. Também acho que devemos todos ficar restritos aos ambientes terrenos e deixar que os olímpianos façam uma guerra entre eles! E é isso que certamente acontecerá!

— Vamos, Pandora, aproveitemos estes instantes de liberdade — animou-se o titã provocador. — Leve-me ao local em que os nossos “animais de estimação” estão a viver. Estou ansioso para ver o que você fez e como o “macho especial” está a comportar-se diante do grupo.

¹ Episódio narrado no Livro 2 “*Os Livros da Vida de Pandora: O Coquetel de Poções e o Ataque do Olimpo*”, Capítulo 15

CAPÍTULO 2

A NOVA MORADA DOS “ANIMAIS DE DUAS PERNAS”

“A Liberdade é a possibilidade de isolamento. Se te é impossível viver só, nasceste escravo.”

Fernando Pessoa

mediatamente, tratei de levar Prometeu ao local aonde os nossos “animais” estavam.

Ao chegar à entrada que eu havia improvisado, Prometeu foi logo me orientando:

— Ó Pandora, precisamos melhorar esse holograma que você fez! Qualquer olimpiano, um pouquinho mais esperto, perceberá que existe uma passagem secreta entre estas duas montanhas. Preste atenção, pois a ensinarei como fazer para que a entrada fique invisível, de facto! Observe como vou usar a minha mente para produzir uma projeção bastante realista de um bloqueio, escondendo esta entrada. Entretanto, primeiro é necessário que você desfaça a sua projeção, de modo que eu possa elaborar a minha. Atente para a diferença entre uma e outra.

Eu desfiz o meu holograma, e Prometeu construiu outro no lugar, bem rápido, por meio do seu poder mental. Eu tinha que admitir que o trabalho dele apresentava uma incrível perfeição! Mesmo me esforçando, ao usar todo o meu poder mental, não conseguia ver se existia algo entre as duas montanhas.

Admirada com o seu trabalho, logo lhe pedi:

— Ensina-me a fazer projeções tão convincentes! Percebo que preciso aprender muito com você, ó Prometeu!

— A questão é que esta projeção que eu acabei de produzir, simplesmente aconteceu! — revelou ele. — Lembre-se que há conhecimentos e poderes muito antigos e diferentes ao extremo, que os titãs possuem e que os olimpianos não ostentam, principalmente Zeus e a sua linhagem.

— Portanto, sou, com certeza, mais esperto do que todos os olimpianos juntos! — concluiu Prometeu, com um certo ar de ironia.

Eu nem me dei ao trabalho de retrucá-lo, pois concordava plenamente com a afirmativa dele.

Adentrámos a passagem entre as duas montanhas e percorremos rapidamente o caminho até ao local aonde estavam as “criaturas de duas patas”.

O “macho especial”, ao perceber que estava a chegar alguém, aproximou-se com cuidado, mas parou ao nos reconhecer, parecendo não acreditar no que estava a ver.

Por fim, quando veio ao nosso encontro, foi com uma expressão de alegria.

— Que bom ver! — disse o meu preferido, apontando para mim.

— Você voltou!

Prometeu olhou à volta e, sem dar muita atenção ao “macho especial”, foi logo analisando o local.

— Sim, vejo que você fez algo, ó Pandora — observou o titã. — No entanto, não se ofenda com o que vou lhe dizer, porém você precisa melhorar, e muito, o uso do seu poder mental!

— Venha, que vamos começar a sua primeira aula de como utilizar o que lhe resta dele, de modo que você consiga produzir algo que servirá não apenas como aprendizado, mas para as futuras necessidades que ainda estão por vir — afirmou um Prometeu muito sério.

Ao notar que o titã havia alterado a voz, olhei-o com mais atenção e percebi que ele estava em transe. Fiquei a perguntar-me como esse processo acontecia tão de repente e sem que ele se desse conta que era dominado por forças desconhecidas.

Fiquei em silêncio, à espera para ver o que ele faria em seguida, porque, nesses momentos, era melhor ficar calada e somente observar, de maneira a não tirá-lo desse estado singular. Quando o “macho especial” tentou dizer-nos algo, eu o adverti para que se mantivesse calado.

Num tipo de delírio, Prometeu explicou:

— Agora, preste atenção, ó Pandora. Veja como vou proceder e, depois, tente reproduzir. Aqui é o lugar perfeito para estas criaturas começarem a aprender. Deixaremos algumas tarefas para que eles desenvolvam. Contudo, temos que ajudá-los, construindo alguns artefatos para que eles passem a aprender a usá-los. No entanto, ó Pandora, não podemos fazer tudo por eles, já que precisam desenvolver o pensamento e isso somente será possível ao se depararem com novas situações que os desafiem a achar soluções. Ao tentarem resolver tais problemas, os seus cérebros que estão acostumados à dormência e à preguiça, despertarão e elaborarão novos pensamentos.

— Lembre-se, ó Pandora, que aumentámos a caixa craniana deles, ou seja, fizemos crescer a dimensão da estrutura de ossos que envolvem os seus cérebros — continuou o titã. — Entretanto, eles ainda não possuem mecanismos neurais para conseguir estabelecer padrões de pensamentos de natureza minimamente simples. É como se tivessem uma ferramenta superpoderosa, mas não soubessem o que podem fazer com ela ou de que maneira devem manuseá-la! Portanto, temos que lhes dar alguma motivação para que passem a aplicar esses novos recursos, evitando resolver tudo por eles, como sempre fizemos até agora.

— E não se esqueça, ó Pandora, de sempre mudar o ambiente para que eles não se acostumem a ele — esclareceu Prometeu. — Quando perceber que adquiriram um certo padrão de comportamento e que já não precisam mais aprender algo na condição em que se encontram, é hora de alterar tudo. Terá que mudar constantemente este espaço no qual eles estão, criando-lhes sempre novos desafios. Entende a importância disso, ó Pandora? Então, por hoje, procure verificar o que eles fizeram na sua ausência. Se estiver tudo igual, significa que eles nada aprenderam de novo. Caso este macho tiver realizado algo, então, trabalharemos de maneira mais estruturada com ele. Entretanto, Pandora, peço-lhe que não o poupe de nada. Diferente disso, é com ele que você deve ser mais severa e exigente, passando-lhe mais tarefas e cobrando mais resultados. Lembre-se disso! Precisa ensiná-los porque não estaremos sempre por perto para ajudá-los.

Nisso, as outras “criaturas de duas patas” que estavam mais próximos da água, fizeram barulho ao notarem a nossa presença.

Em seguida, Prometeu perguntou-me se eu lhe mostraria ou não o que tinha na gruta.

Eu me prontifiquei a atendê-lo, mas parei porque percebi que ele havia saído do transe.

— Escute-me, ó Prometeu! — chamei a sua atenção. — Você acabou de sair de um transe no qual me repassou uma série de instruções de como agir com estes seres.

Algo surpreendido, o titã comentou:

— Não me lembro de nada, ó Pandora. Diga-me o que foi que orientei para você fazer, e veremos se este “outro eu” tem razão nas instruções que lhe forneceu.

Depois que relatei tudo a ele, demonstrando uma certa aflição, Prometeu confessou-me:

— É desconcertante! Isso está sem controlo e anda a ocorrer cada vez mais frequentemente! Preciso fazer algo para dominar esse processo!

— Nada tema, ó Prometeu, porque em todas as oportunidades que presenciei esse processo, ele é tão forte que eu só noto que ele está a acontecer porque você muda a voz e passa a ficar mais sério do que é normalmente — argumentei, ao presenciar a sua aflição. — E parece que se trata de algo bom, pois você sempre me dá sugestões ou ordens que são apropriadas e até imprescindíveis para uma nova execução ou solução de algum problema. Penso que você não deve temer essa força que o domina. Conforme expliquei, dela sempre vem algo que nos ajuda a resolver alguma questão crucial nas constantes aventuras que andamos a vivenciar.

— Percebo, ó Pandora, que você está a ser sincera — disse Prometeu. — Quando você me revela o que acontece, vejo que essa força que me controla quer ajudar-nos, orientando-nos sobre o melhor modo de resolvermos os nossos problemas. Todavia, eu sou um titã de longa data, e nunca, em toda a minha longa existência, permiti que me dominassem dessa forma, mas a solução desse problema ficará para uma outra ocasião. Por enquanto, temos que focar-nos no que nos interessa neste momento. Vamos ver como estes seres estão a viver neste espaço que você criou para eles.

Olhando à volta, verificámos que o “macho especial” continuava ao nosso lado, enquanto os outros estavam espalhados em pequenos grupos. Caminhámos em direção a um grupo maior e percebemos que eles estavam a tentar comunicar-se por meio de grunhidos e empurrões.

O “macho especial”, que estava ao nosso lado, aproximou-se do grupo e impediu que um empurrasse o outro, e segurando-o de modo firme, disse-lhe:

— Não!

Eu e Prometeu ficámos a observar o que aconteceria a seguir.

O que fora contido, reagiu e empurrou também o “macho especial” que, imediatamente, segurou o agressor de modo firme e falou, com uma voz mais alta:

— Eu mando! Você obedece!

Então, o desafiante encarou o “macho especial”, mas, ao receber deste um olhar duro e forte, agachou-se, ficou quieto e nada fez.

Depois de observarmos aquela cena inusitada, eu e Prometeu entreolhámo-nos e percebemos que o “macho especial” era respeitado como líder. Ele havia interferido, dado uma ordem e exigiu ser obedecido. Concluí que ele havia entendido bem o que eu já havia dito a ele na última vez que estivemos juntos.

Narrei para Prometeu as instruções¹ que eu havia dado ao “macho especial” e o comando para que os demais o obedecessem.

— Muito bem, ó Pandora! — elogiou o titã. — Já temos um líder, e assim, tudo fica mais fácil. Leve-me à gruta que você ajeitou para eles ficarem protegidos². Vou passar-lhe algumas orientações e mostrar como produzir ferramentas para estes seres começarem a aprender como usá-las, primeiro de tudo. Depois, ensine-os a construí-las.

Entrámos na caverna e o titã mostrou-me como abrir mais espaço e o que fazer para melhorar os aspectos das pedras que eu havia ajeitado para serem usadas por eles.

Prometeu deu-se por satisfeito para aquele dia e, na saída da caverna, declarou:

— Temos muito trabalho a fazer Pandora. Estes “animais” vão precisar de muito estímulo para poder desenvolver os seus cérebros. Contudo, agora haverá mais tempo para nos dedicarmos a esse intento. O Olimpo e os seus deuses estarão muito ocupados por um longo período, portanto, vamos planejar como eu, você, Pirra e Epimeteu deveremos agir para adestrá-los.

Concordando com ele, dirigi-me ao “macho especial” para dele me despedir. Olhei-o diretamente nos olhos e disse-lhe que logo voltaria, e que ele continuasse a cuidar dos seus pares em espécie.

Quando ele entendeu que ficaria novamente sozinho, foi logo me dizendo:

— Espero por você!

Essa frase mexeu tanto comigo que me afastei sem nem olhar para trás. Era sempre difícil separar-me dele! Contudo, por enquanto, não havia outra maneira.

Sáímos através do holograma entre as duas montanhas. Ao olhar mais uma vez para a entrada do esconderijo, pude perceber o excelente trabalho que Prometeu havia realizado. Era impossível detetar que existia uma passagem ali!

Pensei, admirada:

“Ainda tenho muito o que aprender com este velho titã!”

¹ Episódio narrado no Livro 2 “*Os Livros da Vida de Pandora: O Coquetel de Poções e o Ataque do Olimpo*”, Capítulo 13

² Episódio narrado no Livro 2 “*Os Livros da Vida de Pandora: O Coquetel de Poções e o Ataque do Olimpo*”, Capítulo 13

O “MACHO NÚMERO DOIS”

“Nossas dúvidas são traidoras e fazem-nos perder o que, com frequência poderíamos ganhar, por simples medo de arriscar.”

William Shakespeare

Voltámos para junto de Pirra e Epimeteu.

Eles estavam no laboratório e ao verem que havíamos retornado, Pirra disse:

— Veja, ó Prometeu, elaborámos um novo coquetel de poções com o qual esperamos alcançar um resultado surpreendente! Em seguida, ela perguntou-nos:

— Perceberam alguma alteração significativa no corpo ou no comportamento de algum macho que não seja o nosso “protótipo um”?

— Alteração? — indagou Prometeu. — Explica melhor, ó Pirra, que não estamos a entender nada do que estás a falar!

Ao compreender que os recém-chegados não sabiam do que se tratava, Pirra explicou-nos sobre a experiência que ela e o pai estavam a fazer:

— Antes disso tudo acontecer, estávamos a experimentar, num outro integrante do grupo das “criaturas de duas pernas”, que não o “macho especial”, um novo coquetel de poções que elaborámos. Administrámos nele essa poção e o classificámos como o “protótipo dois”. Desse modo, até agora, somente dois desses seres tomaram algum tipo de beberagem. Já catalogámos o resultado no “macho especial”, o primeiro a ser testado, e sabemos que funcionou muito bem! Entretanto, nesse outro, não tivemos tempo para observar os efeitos desse novo coquetel.

— Lembra-se, ó Pandora, que quando fui criada para esta existência¹, eu e o meu pai preparámos uma poção para o “macho especial”, o qual, após tomá-la, começou a expressar alguns sons? — continuou ela, voltando-se para mim. — Recorda-se que, ao analisarmos o motivo disso ter acontecido, verificámos que, provavelmente, foi porque o seu crânio tinha aumentado de tamanho e as suas cordas vocais estavam diferentes, perçivelmente bem mais preparadas para emitir algum tipo de som? Comentámos com você sobre essas transformações, certo, ó Pandora?

— Sim, recordo-me bem, ó Pirra — respondi. — Entretanto, quero alertá-los que, na ocasião, aquela poção provocou muitas dores no “macho especial”. No entanto, é inegável que surtiu um resultado impressionante, pois a partir de então, ele começou a pronunciar pequenos sons.

Entusiasmada com a minha resposta, Pirra continuou a explicar-nos:

— Agora, temos dois problemas para resolver. Já mencionámos o primeiro, que se trata de não podermos verificar se alcançámos o que pretendíamos com o nosso “protótipo dois”, pois ele foi levado com os outros para o esconderijo secreto. E o segundo é que, para termos certeza de que o efeito será similar em todos os outros integrantes do grupo, teríamos que dar o coquetel a todos, ao mesmo tempo, e depois ficarmos perto deles, monitorando e catalogando os resultados.

— Infelizmente, nada posso acrescentar que seja útil para as observações de vocês com relação ao “protótipo dois”, e afirmo que não verificámos nenhuma alteração em qualquer outro integrante do grupo de machos — relatou Prometeu. — Somente nos focámos no “macho especial” porque ele permaneceu junto a mim e a Pandora. Se vocês tivessem nos alertado sobre o novo teste, talvez tivéssemos alguma novidade. No entanto, amanhã, ó Pirra, você e Pandora poderão verificar se as intenções desejadas, foram alcançadas. Por agora, digo-lhes que fiquei impressionado com o “macho especial”. Ele é o líder do grupo. Caso o “protótipo dois” se mostrar capaz de compreender algo, deixaremos que ele passe a auxiliar o “macho especial” na tomada de decisão. Penso que, assim, eles progredirão juntos no processo de aprendizagem, e, portanto, poderemos perceber as reações deles.

— Alguma notícia do Olimpo? — perguntou Prometeu, mudando de assunto, ao dirigir-se aos dois que haviam ficado no local. — Estou muito curioso em saber o que se passa por lá!

Eu e Pirra entreolhámo-nos e falámos quase ao mesmo tempo:

— Não é da sua conta o que se passa no Olimpo!

Antecipando-me a Pirra, encarei-o com uma expressão séria e disse-lhe:

— Não vá colocar-nos em risco por conta da sua curiosidade, ó Prometeu! Lembre-se que Ares é um poderoso inimigo. Não quero deixar de existir tão cedo para esta vida. Tenho muito o que fazer antes de deixar de ocupar este corpo que agora visto! E penso que Pirra e Epimeteu também concordam comigo com relação a essa questão!

Prometeu olhou-nos com um ar de quem nada entendeu, e argumentou:

— Pensem que, se nada soubermos do que anda a acontecer por lá, como nos manteremos tranquilos por aqui? E se, por um acaso, eles já descobriram o meu ardil e

estiverem a tramar algo contra nós? Precisamos tomar conhecimento do que se passa, de maneira a termos certeza de que estamos seguros!

Concluí, comigo mesma:

“Não temos maneira de evitarmos que ele vá ao Olimpo. É impossível! Ele não aguentará não saber o que está a acontecer entre os deuses!”

Mal acabei de formular esses pensamentos, e eis que, de modo inesperado, entra no laboratório um emissário da deusa Témis, convocando-nos, a mim e a Prometeu, para que nos apresentássemos imediatamente ao salão principal do Olimpo!

Eu fiquei pasma com aquela situação. Como eu voltaria ao Olimpo?

Zeus havia baixado um decreto para que eu nunca mais retornasse por lá, então, como eu falaria com Témis no salão principal do Olimpo? E, principalmente, por que ela havia me convidado para ir ter com ela de maneira tão aberta? E mais, por que também convidou Prometeu para a nossa conversa? Eu pensei que ela queria estar comigo em completo segredo! O que, afinal, estava a acontecer?

Prometeu, logo declarou:

— Aceito o convite da deusa Témis! Todavia, pergunto-lhe como Pandora irá ao Olimpo, uma vez que Zeus decretou que ela não mais retornasse por lá?

O emissário da deusa respondeu-nos:

— Vocês sabem que sou, dos filhos de Témis, um dos que guardam os portões do Olimpo! Ninguém entra ou sai de lá sem que saibamos ou sem passar por nós. Então, a minha criadora enviou-me para que todos soubessem que você, ó Pandora, estava a ser convidada para ali entrar. Zeus está ciente da sua visita ao Olimpo. Témis já tratou de tudo. Agora, sem mais demora, acompanhe-me, ó filha de Zeus e da minha criadora, e você também, ó filho de Jápeto. Sigam-me, que Zeus e Témis aguardam por vocês!

Eu e Prometeu nos entreolhámos sem nada entender. Por essa não esperávamos! Zeus e Témis a aguardar-nos? O que estava a acontecer no Olimpo? O que Prometeu estava a sentir para, mal acabar de falar sobre isso, termos um emissário de Zeus à nossa porta, convocando-nos ao salão principal?

Não havia tempo para combinarmos nada. A sorte, agora, estava lançada! Não conseguíamos prever o que aconteceria nesse encontro!

Olhando para Pirra do modo mais calmo que consegui, orientei-a:

— Continuem com o trabalho, que logo estaremos de volta. Pirra, tome cuidado para que Epimeteu não se confunda com o que havíamos anteriormente acordado.

Tenho certeza de que nos reuniremos em breve, para tratar das tarefas que ainda esperam por ser realizadas.

Com o olhar, Pirra acordou que entendia o que eu lhe havia dito e respondeu:

— Não se preocupe com nada! Cuidarei para que o meu criador não faça nenhuma tolice. Nós daremos continuidade ao trabalho combinado. Fiquem tranquilos de que estaremos preparados para que tudo ocorra conforme planeámos.

Epimeteu, que até então estava calado, dirigindo-se a mim, falou de modo altivo:

— Aqui estarei e estejam certos de que ficarei lúcido e farei tudo o que for necessário para proteger o nosso bem maior, ó Pandora!

Horas, o guardião dos portões do Olimpo, ouviu aquele estranho diálogo e sem mais paciência ordenou:

— Parem de falar e sigam-me, imediatamente! Não podemos deixar o “Rei do Olimpo” à espera!

Sem alternativa, pois não podíamos desobedecer a nenhuma ordem trazida por um dos guardiões dos portões do Olimpo, tratámos de seguir com ele para aquele estranho encontro com Zeus e Témis.

Não sabíamos o que nos esperava! Deixámos Pirra e Epimeteu sem saber se conseguiríamos voltar a vê-los!

O que afinal estava a acontecer? Esta resposta somente teríamos quando adentrássemos o principal salão do Olimpo, onde estava localizado o trono de Zeus!

¹ Episódio narrado no Livro 1 “*Os Livros da Vida de Pandora: Zeus, os Titãs e a Criação da Espécie Terrestre*”, capítulo 13.

NA PRESENÇA DE ZEUS E TÉMIS

“Tudo é ousada para quem a nada se atreve.”

Fernando Pessoa

Sem alternativa, fomos ao encontro de Témis e Zeus.

No percurso, tentei travar algum diálogo com Prometeu, procurando articular algo para que, caso fosse necessário, pelo menos ele tivesse alguma hipótese de escapar do Olimpo! Todavia, não conseguia encontrar um meio para falarmos sem a efetiva presença do emissário do Olimpo, pois que este não nos permitia estarmos sozinhos!

Em certo momento, Horas disse-nos:

— A minha criadora avisou-me para não deixá-los sozinhos nem por um instante! Agora, vejo que ela tinha total razão, pois percebi que você, ó Pandora, tenta tramar algo com Prometeu, a todo o custo! Vou fazer-lhes um favor, porque acho que este poderá ser o último que talvez eu faça por vocês. Digo-lhes que a minha criadora Témis preparou-se para enfrentá-los, caso pensem em fugir a este encontro. Pois que, se ainda não perceberam, existe uma escolta muito bem armada, acompanhando-nos neste momento. Informo-lhes que Ares e Atena estão atentos e a vigiar-nos o tempo todo. Por isso, peço-lhes que nada façam. Ares, como bem sabem, age antes de perguntar algo. Então, se querem preservar as vossas vidas, sigam-me sem mais demora e sem maiores conversas!

Eu logo pensei:

“O que está a acontecer que justifique todo este aparato em torno de nós?”

Vi que Prometeu mantinha-se inalterado, sem deixar transparecer nenhum tipo de preocupação. Diferente dele, eu estava “aflita” e com um crescente “nervosismo”! Tentei, de todas as maneiras, controlar o que “sentia” por dentro e fiquei pasma de como eu, uma ex-olimpiana, podia sentir tantas “emoções e sentimentos”, como naquela situação.

Lembro o leitor que isso era impossível para os seres da minha espécie! Somos ardilosos, insensíveis e sequer temos o que vocês, os humanos, chamam de sentimentos. Acabei por chegar à conclusão que estava a deixar-me levar, o tempo todo, por emoções e sentimentos que nunca, até então, havia expressado na minha natureza de olimpiana.

Finalmente, depois de um longo percurso, chegámos ao Olimpo e fomos encaminhados diretamente para o salão principal. Ao adentrarmos o recinto, encontramos Zeus sentado no seu trono, com Témis ao seu lado.

Ela dirigiu-se ao seu filho Horas, dispensando-o imediatamente:

— Muito bem, Horas! Pode retornar às suas funções. Diga a Ares e Atena que permaneçam em guarda na porta deste salão. Ninguém entra ou sai sem a ordem de Zeus! E agora deixe-nos a sós!

Prometeu, que aparentava uma tranquilidade que eu não sabia de onde vinha, comportava-se de um modo que parecia que ele estava ali como convidado para uma conversa entre amigos.

Ele cumprimentou amavelmente Zeus e Témis e, em seguida, expressou-se educadamente:

— Então, Témis e Zeus, podemos ajudá-los? Penso que algo muito sério está a acontecer para que mandem chamar-nos tão de repente. Aqui estamos! O que podemos fazer para ser úteis a vocês?

Zeus, olhando diretamente para Prometeu, pronunciou-se primeiro:

— Témis explicar-lhes-á, ó Prometeu! Vamos precisar que vocês nos esclareçam o que está a acontecer nos ambientes terrenos.

Nisso, Témis toma a palavra e diz-nos:

— Percebemos que vários outros seres de estirpes que desconhecemos, novamente retornaram aos ambientes terrenos. E como você e o seu irmão titã vivem por lá há muito tempo, queremos saber quem são e quais as intenções deles.

— Ó Témis, que você pergunte a mim, até compreendo — argumentou Prometeu, dirigindo-se a Témis. — Entretanto, por que Pandora também foi convocada? Gostaria de saber quais foram as motivações que a trouxeram nesta nossa audiência, uma vez que ela foi proibida, pelo próprio Zeus, de aqui regressar. Lembra-se disso, ó Zeus?

Percebi que Prometeu estava a tentar entender o motivo da minha presença naquele encontro. Penso que ele queria descobrir algo, de modo a montar, rapidamente, alguma estratégia e livrar-me daquela situação, uma vez que ele não se preocupava consigo mesmo, pois sempre nos dizia que conseguia sair facilmente dos ardis que Zeus ou outros olímpianos tentavam pregar-lhe.

— Ó Prometeu, Pandora foi aqui intimada a comparecer porque Zeus anda desconfiado que ela está a tramar algo contra ele — retrucou Témis. — Na verdade, ele

acha que ela é a responsável pela chegada desses estranhos seres aos ambientes terrenos!

Ao ouvir tais palavras, fiquei pasma com a acusação! Eu nem sabia de que seres eles falavam, e ainda era acusada de tê-los chamado para a Terra?

Aquela reunião estava muito estranha para o meu gosto, e rapidamente falei para Zeus, de modo austero:

— Você perdeu totalmente o juízo, ó Zeus! Acha que eu conheço seres de outras estirpes e que os chamei para invadirem a Terra?

Não é o caso, mas se eu os conhecesse, qual seria o propósito dessa convocação, ó Zeus? Esclareça-me!

Zeus, ao escutar-me, disse-me de maneira grave e autoritário:

— Aqui, quem pergunta algo sou eu! Você somente responde! Não queira que eu a destrua sem lhe dar o direito de se defender, ó Pandora! Só desta vez, permitirei que se dirija a mim desta maneira porque sei que fui extremamente duro com você na outra ocasião. No entanto, alerto-a que nunca mais fale comigo dessa maneira! Advirto-a que na próxima vez em que você se comportar desrespeitosamente, não sobreviverá após a sua fala! É o meu último aviso!

Prometeu, ao perceber a gravidade da situação e, na tentativa de evitar que a fúria de Zeus se abatesse sobre mim naquele exato momento, repreendeu-me:

— Acalme-se, ó Pandora! Estamos aqui como convidados! Não percebe? Está a ser descortês com os seus criadores! Penso que você deve respeito e obediência a eles, portanto, tenho certeza que quer desculpar-se por ter sido tão indelicada, não é mesmo Pandora?

Quando olhei para Prometeu, vi o seu ar sério e sombrio. Entendi a seriedade daquele momento e acalmei-me.

Dirigindo-me novamente a Zeus, tratei de me desculpar:

— Prometeu tem razão! Portanto, ó Zeus, peço-lhe desculpas por ter agido de maneira desrespeitosa para com você. O que podemos fazer para esclarecer sobre estes seres que aqui chegaram? De antemão, afirmo que não sei quem são eles, de onde vieram e muito menos o que estão a fazer na Terra. Entretanto, se você quiser, posso aproximar-me deles e verificar o que planeiam. Agora, gostaria de deixar claro que nada estou a entender sobre o que você e Témis estão a falar, tampouco, e, principalmente, que estipe é essa à qual se referem.

Zeus, focando-se em Témis, assim lhe falou:

— Está a ver, ó Témis, como se deve tratar alguém quando se quer que ele a respeite? Este ser que aqui se apresenta, aprende rápido, posso perceber. Vejo que, agora, já sabe quem de facto manda! Uma vez que acertámos, neste exato momento, quem manda em quem, ordeno-lhe que você investigue para mim quem são esses seres e por que entraram nos meus domínios sem pedir a minha autorização. Eu vou ao encontro do meu irmão Poseidon para verificar com ele, se essas criaturas também invadiram os seus domínios. Fique aqui, ó Témis, e faça-os descobrir quem são esses estrangeiros e que nos tragam breves notícias das intenções deles! Use a inteligência de Prometeu para elaborar algo, pois não quero Ares ou Atena nesse propósito e, além do mais, os dois estão a investigar quem são os que andam a tramar contra mim, no Olimpo. Não quero que esses meus dois filhos desviem o foco deles dessa tarefa de identificar os traidores, pois esse assunto é mais importante para mim do que saber desses seres que aqui chegaram.

— Agora percebi, conforme você havia me alertado anteriormente, ó Témis, que este ser nada tem a ver com isso — disse Zeus, apontando diretamente para mim. — Sim, agora acredito que ele nada sabe a esse respeito. Contudo, é importante que cumpram as minhas últimas ordens e você, ó Témis, deve instruí-los quanto a isso.

Em seguida, Zeus retirou-se do salão principal do Olimpo e, ao encontrar Ares e Atena de guarda na porta, ordenou-lhes que continuassem com as identificações dos seus possíveis inimigos e que não poupassem nenhum deus ou qualquer descendente que estivesse a pensar em traí-lo! Que Ares os destruísse com toda a sua cólera!

Ao ouvir isso de Zeus, Ares rapidamente saiu da frente da porta do salão principal e, com Atena e Zeus, desapareceram das nossas vistas.

Témis, ao verificar que estávamos sozinhos, rapidamente instruiu-nos:

— Sigam-me, quero falar com vocês noutra lugar. Vamos à minha sala de audiência particular.

Lá chegando, ela revelou-nos:

— Aqui, posso falar mais abertamente porque este local está selado por mim. Ninguém, nem o próprio Zeus conseguiria invadir este ambiente e escutar a nossa conversa. Então, quero explicar-lhes algo que somente vocês podem saber. Primeiro, devo dizer-lhe que não conseguiria encontrar-me sozinha com você, ó Pandora, pois Zeus anda sempre ao meu lado. Portanto, encontrei um motivo que não levantaria suspeitas, para provocar o nosso encontro sob as suas vistas. Esse motivo existe de facto, entretanto, por enquanto, não representa um perigo para a nossa estirpe. Contudo, como Zeus muito se preocupa com o seu reinado, aproveitei a chegada desses seres para estar sozinha com vocês.

— Peço-lhe que, a partir de agora, aja com mais cautela, pois que Zeus já deu ordem direta a Ares para destruí-lo caso perceba que você está a tramar algo contra ele — avisou Têmis, focando-se no titã. — Ares anda raivoso porque soube que você, ó Prometeu, anda a dizer aos olímpianos que ele não é inteligente e que só faz asneiras quando se trata da arte de guerrear. Portanto, diante disso, ele pode até inventar que descobriu algo contra você, somente para justificar, perante Zeus, a sua provável destruição. Então, todo o cuidado é pouco, no seu caso! Agora que está advertido, tome as providências que achar necessárias de modo a seguir sobrevivendo, pois penso que, se você não agir com a esperteza que lhe marca a frente, terá de enfrentar, brevemente, o “Deus da Guerra”!

— Agora, preciso falar sozinha com Pandora, ó Prometeu! — informou a titânide, minha criadora. — Selarei o ambiente no qual conversarei com ela. Entretanto, solicito-lhe que fique aqui e não se afaste deste recinto, para que os espiões de Zeus não percebam que eu estive sozinha com ela. Não quero que ele saiba disso!

Prometeu assegurou que havia entendido e que não se ausentaria daquele ambiente.

Em seguida, Têmis criou um campo de proteção em torno de nós duas, aonde, finalmente, ficámos eu e ela sozinhas, frente a frente! O assunto, naquele momento, era entre mim e minha criadora!

FRENTE A FRENTE COM A MINHA CRIADORA!

“Domina ou cala. Não te percas, dando aquilo que não tens.”

Ricardo Reis – heterónimo de Fernando Pessoa

Finalmente, estávamos a sós! Esta era a ocasião que sempre esperei! Agora, entenderia as motivações da minha criadora em marcar aquele encontro.

Em vista disso, fui diretamente ao assunto:

— Diga-me, ó Témis, o que você pretende? Peço-lhe que seja honesta comigo, pois não tenho muita paciência para delongas em contextos que não me interessam. Se quer falar algo a mim, aproveite este momento para ser sincera. O que você quer de mim e dos meus afetos?

— Calma, ó Pandora! — alertou a titânide. — Depois que você foi modificada, tem sido mais assertiva e direta. Eu logo a esclarecerei sobre o que está a acontecer e o que desejo de você. Não será fácil o seu percurso, entretanto, penso que conseguirá, pois vejo em você força e ousadia para ir até ao fim. Deixe-me explicar melhor o que percebo. Eu sei que você e Prometeu andam a elaborar uma nova espécie. No meu entender, talvez, essa venha a ser o melhor tipo de ser que há de existir enquanto linhagem, porque, como você bem sabe, a nossa estirpe está fadada ao fracasso. Sei que já refletiu sobre isso e tem conhecimento que não há como melhorarmos enquanto titãs ou olímpianos. Diferente disso, somente pioraremos a partir daqui.

— Entretanto, quero que fique ciente que algo estranho aconteceu desde que você foi modificada, conforme decisão da “Assembleia dos Deuses” — revelou Témis. — Desde então, passei a ter algumas visões nas quais você sempre aparecia como um personagem que moldaria, de maneira determinante, uma estirpe de seres melhorados. Ora, ao vislumbrar isso, surpreendi-me de que seria exatamente você que produziria algo que nós, os deuses mais poderosos do Olimpo, não conseguiríamos efetivar nem em nós mesmos e tampouco nos nossos futuros descendentes. Por isso, ó Pandora, espero que me ouça com atenção, pois não temos muito tempo.

— Inicialmente, recomendo-lhe que cuide destas criaturas que você chama de “animais de duas pernas”, e as ensine a falar — explicou ela. — Sei que está ciente da importância disso, mas, para que você consiga realizar este objetivo, terá de conviver

com eles diariamente. E para que isso aconteça, precisará de ajuda para ir ao encontro deles sem que, com isso, coloque-os em perigo de serem descobertos. Portanto, eu a ajudarei a protegê-los. Sei que vocês já esconderam esses seus “animais de estimação” num lugar mais seguro, porém você precisará ir até aonde eles estão. Sendo assim, tirarei o foco da atenção de Zeus de vocês, de maneira que você ou Pirra possam entrar e sair do local em que eles estão a viver, mas sem que sejam seguidas pelos espiões do “Rei do Olimpo”. Ele ordenou que vocês duas fossem vigiadas constantemente. Até mesmo evite levar Prometeu ou Epimeteu a esse lugar, pois os espiões do Olimpo também os seguem o tempo todo. Hoje, consegui fazer com que todas as dúvidas e medo de uma vingança da sua parte fossem dissipadas e, portanto, Zeus concluiu que você não representa perigo para ele ou para o seu reinado. É muito importante que você possa agir sem estar sob tanto controle por parte do seu criador.

Témis nem me deu tempo para lhe perguntar como ela sabia de tantos detalhes sobre os “animais de duas pernas”, pois continuou com as suas explicações:

— Pandora, sobre você assenta-se todo um planejamento que nem eu entendo ou sequer percebo com clareza do que se trata, verdadeiramente. Contudo, quando tenho visões de possibilidades de um futuro, nele você sempre me aparece como a melhor via de atuação. Baseada nisso, comecei a prestar atenção em você e a seguir-lhe os passos. Vejo que o seu corpo está a passar por mudanças continuamente, porém, percebo que ainda lhe resta algum poder mental, o que lhe terá muita serventia para que leve a cabo os planos que tenho para você.

Eu a escutei, mas não entendi como ela possuía, sem que eu nunca tivesse suspeitado, tantas informações sobre mim, desde que deixei o Olimpo.

Curiosa, perguntei-lhe:

— Explique-me algo, ó Témis! Como, de repente, você sabe tanto sobre mim? O que acabou de me narrar, somente os que são muito próximo a mim é que possuem conhecimento desse assunto.

Por um acaso, você tem espiões na nossa moradia? É isso, são eles que a mantêm informada sobre o que acontece na casa dos irmãos titãs?

— Não, ó Pandora! — negou a minha criadora. — Já lhe disse que tenho visões! Não me escutou? Eu vejo possibilidades de um tempo que ainda está por vir, que pode ou não acontecer. Tudo depende das escolhas que fazem os seres que estão envolvidos nesse contexto. No seu caso, tenho a impressão que você já definiu certas possibilidades! Ontem mesmo, com uma enorme clareza, visualizei o que você planeia e o quanto está apegada a esses “animais de duas patas”.

— Veja, ó Pandora, se posso dar-lhe alguma sugestão, invista no desenvolvimento do cérebro dessas criaturas — aconselhou Témis. — Sei que Prometeu e Epimeteu a

ajudarão, porém devo adverti-la que é você quem deve tomar a iniciativa, senão, morre com você a evolução desses seres! Quando tiver feito algo nesse sentido, outros aparecerão para auxiliá-la. Contudo, neste momento, é com você! Depois que você iniciar esse processo, outros se juntarão a ele para que esses seres que você vai ajudar a evoluir, sejam aqueles que, num futuro que não consigo ainda determinar, sejam os que nos substituirão enquanto espécie dominante. Se bem compreendi, serão aqueles que estarão bem mais preparados para nos libertar, a todos nós, das amarras que nos prendem desde que passámos a existir nesta Criação!

Ao observar Témis mais de perto, reparei que ela estava a comportar-se do mesmo modo que Prometeu quando este entrava em transe. Cheguei mais perto e sem interferir nas suas colocações, deixei-a falar à vontade. Tentei descobrir se, na verdade, era ela que estava a dominar Prometeu com algum poder magnético e a instruí-lo ao que me dizer ou fazer. Se eu conseguisse comprovar que era ela que estava por trás disso, teria de mudar a minha atitude com relação a acreditar nas instruções que recebia durante os transe de Prometeu, pois não confiava na minha criadora!

— Ó Témis, diz-me se é você que anda a dominar Prometeu para que ele me diga o que fazer ou como agir? — perguntei, sem me preocupar se a minha criadora ficaria ou não furiosa com a minha acusação. — Fale-me a verdade! É você que o está a manipular quando ele entra num tipo de transe?

Olhando-me de modo firme, assertivamente confessou-me:

— Não, ó Pandora! Eu também sou dominada por forças que não consigo identificar. Não sei dizer-lhe quem são ou quais são os seus propósitos. Contudo, penso que, a partir do que me dizem e do que consigo ver, nada de mau vem delas. Eu nem sabia que Prometeu também era dominado por forças ocultas. Neste caso, pergunto-me se será por isso que este velho titã consegue antever tantas situações? Diga-me, ó Pandora, ele tem consciência de que forças são estas? Ele já estabeleceu algum tipo de diálogo com elas? Responda-me com honestidade, pois é muito importante que eu entenda como elas atuam em relação a ele.

Percebendo sinceridade na sua surpresa em constatar que o que acontecia com ela ocorria igualmente com Prometeu, assim lhe respondi:

— Não, ó Témis, ele nada percebe. Na verdade, fica totalmente fora de si. Algumas vezes, ele lembra-se de algo, entretanto, conforme me narrou, no começo, as ideias vinham como se fossem suas, mas com o passar do tempo, ele não se lembrava mais de nada e pediu-me para ficar atenta quando o visse em transe, e que anotasse tudo o que ele dissesse, pois, igual a você, tinha percebido que essas forças que o dominavam, davam soluções para os problemas que ele enfrentava. No entanto, devo confessar-lhe "que verifico que essas forças estão ultimamente mais ativas, pois sempre que ocorre

algum problema que envolva a nossa sobrevivência enquanto grupo, elas dominam Prometeu e nos instruem sobre o que devemos fazer.

Continuando com as minhas reflexões, disse-lhe o que estava a passar-me pela mente:

— A partir do que, agora, aconteceu aqui, começo a ter em conta que tudo tem a ver com essas “criaturas de duas pernas”, porque percebo um padrão de repetição no que você e Prometeu são orientados. Parece-me que algo ou alguém quer que essa nova espécie consiga sobreviver, e mais, que ela evolua com a nossa ajuda. O que acha disso, ó Témis?

— Sim, ó Pandora, também começo a pensar que você está certa! — concordou a titânide. — Se bem entendi, tudo tem a ver com a sobrevivência dessa espécie e da possível evolução que ela poderá alcançar. Parece que, seremos nós, os titãs mais antigos, e você e Pirra, principalmente, que darão seguimento e continuidade a esse projeto.

— Agora, sinto que você e Prometeu devem partir imediatamente! — alertou Témis. — Já não é seguro que vocês permaneçam aqui. Entretanto, antes de encerrarmos a nossa conversa, peço-lhe, ó Pandora, que não se desvie do que você anda a planear para essas “criaturas de duas pernas”. Os irmãos titãs têm um apreço muito grande por você e Pirra e, por isso, moverão todos os obstáculos necessários para que vocês duas sobrevivam. Sugiro que use esse fator com muita presteza, pois quando Zeus descobrir que esses seus “animais de duas pernas” representam o fim do seu reinado, certamente, elas estarão destinadas à destruição. Portanto, ó Pandora, a partir de hoje, esconda de todos a evolução que esses seres, porventura, venham a alcançar!

— Vou dizer algo que, talvez, você não acredite neste momento — explicou a minha criadora. — No entanto, correrei o risco e lhe revelarei mesmo assim. Ou seja, sinto que é extremamente importante que você esconda a evolução desses seres até mesmo de Prometeu, porque ele, nesta eterna disputa que adora travar com Zeus, poderá usar esse trunfo, em algum momento, para humilhar mais uma vez o “Rei do Olimpo”. Pense sobre isso e tome a sua própria decisão. Entenda bem o que estou a revelar-lhe! Compreenda que os irmãos titãs a ajudarão no que precisar, mas só estou pedir-lhe que, caso consiga algum progresso significativo com esses seres, não revele tudo a Prometeu e Epimeteu, imediatamente. Por enquanto, deixe esse conhecimento entre você e Pirra.

Com um tom de final de conversa, ela disse-me com uma certa seriedade no olhar:

— Esse legado que agora está a ser criado, pertence a você e a Pirra. Serão vocês duas que levarão adiante esse planeamento. Entendeu, ó Pandora?

Sem esperar pela minha resposta, Témis retirou a proteção que nos mantinha longe da percepção de Prometeu e foi logo nos dizendo:

— Precisam sair imediatamente do Olimpo! Este lugar não é mais seguro para vocês! Quando for conveniente, novamente me encontrarei com você, ó Pandora. Por agora, devem seguir com as suas vidas de maneira normal, tomando todas as precauções possíveis para não entrar em conflito com Ares. Ouviu-me, ó Prometeu?

— No que diz respeito aos seres que acabaram de chegar aos ambientes terrenos, vocês devem investigar e trazer alguma informação a Zeus, pois, assim, ele ficará mais tranquilo ao entender esse serviço como uma demonstração da lealdade de vocês os dois com relação a ele — explicou a titânide. — Se vocês seguirem essas minhas recomendações, garanto que todos ficarão bem, e até mesmo você, ó Prometeu, que é quem mais corre o risco de ser destruído por Ares ou pelo próprio “Rei dos Deuses”. Agora, vão! Deixem-me a sós! Preciso pensar de que modo agirei com Zeus quando ele retornar ao Olimpo. Ele foi ao encontro de Poseidon e, certamente, teremos os dois por aqui a qualquer momento.

Témis mal terminou de falar, quando um emissário de Zeus chegou e a convocou para o salão principal, pois que o “Rei do Olimpo” e Poseidon já estavam a aguardar por ela. Despedindo-se com um gesto de cabeça, seguiu, imediatamente, com o emissário.

Eu e Prometeu retirámo-nos da sala exclusiva da deusa Témis e voltámos o mais rápido que conseguimos para os ambientes terrenos. Na maior parte do percurso, permanecemos reflexivos e totalmente calados.

Em dado momento, Prometeu, quebrando o silêncio, comentou:

— Não quero saber da conversa que você teve com a sua criadora, ó Pandora. Quando for o momento certo, você me revelará tudo, e disso, eu sei. Neste momento, temos somente que nos preocuparmos, principalmente, em pensar a respeito do que ela nos revelou e providenciar para que nenhum de nós seja destruído. Além do mais, é mais seguro que as informações que ela lhe revelou, sejam somente do seu conhecimento, pois, caso eu entre em algum conflito com Zeus ou Ares, eles poderão arrancar de mim tais segredos ou, mesmo sem querer, eu até posso revelá-los. Se eu desconhecer do que se trata, nada poderei dizer e, desse modo, não colocarei você e Pirra em perigo. Não é mesmo, Pandora? Concordamos que é mais seguro agirmos assim?

Enquanto ele se expressava, refleti:

“Como pode isso acontecer? Témis alertou-me justamente sobre tudo o que Prometeu acabou de me dizer! Eu sei que o ambiente da sala de Témis estava selado, e por isso, ele jamais teria escutado a nossa conversa! Algo estranho se passa com a minha criadora, ou ela se encontra a usar, de alguma maneira, o seu conhecimento para

“prever” acontecimentos futuros ou está, realmente, a ser orientada por forças que têm essa capacidade!”

Não tive alternativa senão concordar com ele, porém, para que tudo ficasse esclarecido entre nós, acabei por confessar-lhe:

— Ó Prometeu, sinto que você deve afastar-se um pouco disso tudo e manter o controle sobre si mesmo. Quero que leve em consideração que precisamos de você e, portanto, não se dê ao luxo de entrar em confronto com Ares ou Zeus. Temo por você, querido amigo! Penso que, por ora, você apenas deve dar um passeio pelos ambientes que somente você tem acesso quando quer fugir dos olímpianos. Afirmando-lhe que estamos seguros e que eu e Pirra cuidaremos de Epimeteu.

— Falo assim, pois estou preocupada com você, ó Prometeu! — expliquei, demonstrando a minha aflição. — Sei que você adora confrontar Zeus, mas precisa resistir a esse hábito que lhe causa certo prazer. Além disso, se Ares tem a pretensão de destruir você, com certeza ele vai conseguir encontrar alguns motivos nas suas provocações, para efetivar o desejo que ele sente de vingança. “Não é mesmo, Prometeu?”

— Peço-lhe que reflita a respeito do que estou a falar-lhe e saia deste nosso ambiente por algum tempo — continuei a argumentar. — Até você voltar, Ares já terá achado outro ser para poder implicar e destruir. Pode fazer isso por nós, ó Prometeu? Pode resguardar a sua vida que é tão preciosa para nós?

Ele, que calado a tudo ouvia, disse-me, de repente:

— Minha querida Pandora, sei que você verdadeiramente se preocupa comigo e que todos vocês estão com medo de que eu faça algo e provoque a ira de Ares ou Zeus sobre mim ou mesmo sobre vocês! Concordo com você que todos estarão mais seguros se eu me ausentar um pouco dos ambientes terrenos. Portanto, passarei algum tempo longe daqui, de modo a poder refletir sobre qual a melhor estratégia a seguir quando eu retornar.

— Ajude-me somente a explicar, para Epimeteu e Pirra, que esta é a melhor opção neste momento — solicitou o titã. — O problema é que não conseguirei deixar de ser irônico diante de Ares, caso ele venha interrogar-me de maneira arrogante ou violenta! O melhor, neste momento, é evitar o meu encontro com esta criatura armada em deus, pois tenho um verdadeiro desprezo por ele! Eu não conseguirei segurar-me para não demonstrar claramente para ele o que penso e sinto a seu respeito, ó Pandora!

Ao ouvir a confissão de Prometeu, pensei no quanto Témis estava certa sobre os conselhos que ela havia me dado em relação a ele.

— Sugiro que, ao chegarmos ao laboratório no qual Pirra e Epimeteu se encontram, primeiro trataremos de tranquilizá-los com relação à nossa segurança — falei para Prometeu, — Depois, você dirá que, dada a ocasião estar propícia, fará mais uma das suas viagens. Entretanto, caso tentem convencê-lo a ficar, revelaremos os reais motivos dessa sua ausência repentina, e sei que eles concordarão que ela é a melhor opção a ser seguida neste momento.

Ele concordou comigo, e fomos ao encontro de Pirra e Epimeteu.

Ao juntarmo-nos a eles, imediatamente falei-lhes:

— Não existe necessidade de esclarecê-los com detalhes sobre o que ocorreu no Olimpo. Contudo, devemos dizer-lhes que fomos muito bem recebidos no salão principal, por Zeus e Témis. Vocês sabem que, nesse local, somente são recebidos aqueles por quem ele tem alguma estima. Também, podemos revelar que está tudo esclarecido entre nós e eles, e que conseguimos, com o “Rei dos Deuses” e a deusa Témis, a nossa liberdade de viver em paz, sem mais nos preocuparmos com acusações infundadas de traições da nossa parte. Para provar isso, Zeus deu-nos uma missão para, em seu nome, fazermos contato com os novos seres que aportaram nos ambientes terrenos. Por nos ter ofertado esse privilégio, essa é a prova de que já estamos novamente sob a proteção do poderoso Zeus, e que mais nada precisamos temer.

— No percurso até chegarmos aqui, Prometeu revelou-me que, agora que tudo havia voltado à normalidade, ele gostaria de partir em mais uma das suas aventuras, pois há tempos andava desejoso de fazer mais uma das suas viagens que tanto lhe dão prazer! — revelei, procurando justificar o afastamento de Prometeu.

Pirra, sagaz que era, percebendo o cuidado com que eu falava, logo ajudou-me:

— Ficamos felizes por isso, ó Pandora! Vejo que essa notícia fez muito bem ao meu tio Prometeu e, realmente, há bastante tempo que ele não faz uma das suas viagens que tanto gosta. Quando você planeia partir, ó meu tio? Por aqui, sentiremos a sua falta, mas percebemos o quanto você adora fazer esses passeios, e por isso lhe digo que você faz muito bem em viajar!

Pensei, comigo mesma, o quanto Pirra era inteligente, pois que conseguia perceber o que estava a acontecer depois de poucas palavras explicativas! Ela era rápida em captar e decidir o que era necessário dizer ou fazer para que certas situações fossem resolvidas.

Mentalmente, concluí:

“Tenho muito o que aprender com ela!”

Epimeteu, que até então estava calado, olhou para Pirra e, em seguida, reclamou com o irmão:

— Já a viajar de novo, ó Prometeu? Nem bem chegou! Para aonde você vai? Eu não consigo entender que prazer você tanto sente, indo de um local para outro! Ainda bem que, agora, tenho a companhia de Pirra e de Pandora, porque, assim, não fico mais sozinho, e você pode ausentar-se sossegado, sem se preocupar comigo.

Prometeu olhou-nos e retrucou, com um certo tom provocativo:

— Que bom que todos vocês sabem que uma das maiores satisfações que tenho nesta existência é andar por aí, sem destino certo. Na verdade, esse é o meu segundo prazer, porque o primeiro, por enquanto, quanto a este, nada posso fazer para efetivá-lo. Bem, deixemos essa conversa para outra altura!

— Vou partir imediatamente, tendo em vista que tudo está esclarecido com Zeus e nada devo mais temer com relação a ele ou a outros deuses do Olimpo — declarou Prometeu. — Devo deixá-los por um momento e fazer novas pesquisas. Divirtam-se e cuidem uns dos outros! Não tarda, e logo voltarei! Até ao meu retorno!

Prometeu deu meia volta e logo desapareceu. Sabíamos que, a partir daquele instante, ninguém poderia encontrá-lo! Nem mesmo Zeus ou qualquer deus sabia aonde Prometeu ia nas suas ausências. Então, agora sabíamos que ele estava totalmente seguro.

Logo que Epimeteu se afastou, Pirra aproximou-se de mim e tentou obter mais detalhes sobre o nosso encontro com Zeus e Témis.

— Depois, esclareço os motivos de termos sido convocados ao Olimpo — orientei-a eu. — Por hoje, já basta! Haverá tempo para conversarmos a respeito do que aconteceu lá. O importante, agora, é que Prometeu está seguro.

Ela concordou comigo e foi ao encontro de Epimeteu. Juntos, continuaram com o trabalho de catalogação das poções.

Dirigi-me aos meus aposentos e fiquei quieta, tentando organizar os meus pensamentos para começar a planejar o que fazer. Não podia esquecer que tinha a missão de descobrir quem eram os seres que haviam se instalado nos ambientes terrenos, pois precisava levar alguma notícia sobre esses estranhos para Zeus. Essa era mais uma questão que eu precisava administrar!

Percebi que, a partir da minha conversa com a minha criadora, algo em mim mudou com relação à raiva e ao desprezo que nutria por ela, e principalmente, com relação a Zeus. Compreendi que era mais inteligente da minha parte manter uma boa relação com ele, mesmo que falsa! Se eu conseguisse assim proceder, certamente manteria em segurança tanto Pirra e Epimeteu como as “criaturas de duas pernas”!

Eu precisava ser mais cautelosa. Começava a compreender que, a partir daquele momento, teria que analisar friamente todas as minhas futuras atitudes. Não poderia

dar-me ao luxo de agir impulsivamente. Tinha de controlar-me para conseguir perceber como melhor atuar para conseguir alcançar essa meta. Não me seria mais possível ser imprudente no uso das palavras ou no campo da ação, manifestando sentimentalismos estéreis. Dentro de mim, crescia a certeza da importância de obter total controlo sobre o meu psiquismo. Desse modo, o meu maior desafio era controlar-me e traçar uma maneira eficaz para atingir os meus objetivos.

CAPÍTULO 6

PIRRA, PARCEIRA DE IDEAL

“Não sê mais para ti que o pedestal no qual ergas a estátua do teu ser.”

Ricardo Reis – heterónimo de Fernando Pessoa

Com a ausência de Prometeu, ficámos mais sossegados, pois tínhamos muito receio de um encontro entre ele e Ares. Todos sabíamos que ele não aceitaria ser interrogado pelo “Deus da Guerra” e acabaria por confrontá-lo, e se isso ocorresse, certamente, esse titã não sairia vivo.

Nós, os descendentes dos deuses do Olimpo e os titãs, considerávamos que Ares representava tudo o que havia de pior nas nossas espécies, porque ele era autoritário, violento, controlador, vil e malvado. Destruir, era sempre o seu objetivo, porém, antes de assim proceder, achava melhor se ainda pudesse humilhar o seu adversário e demonstrar a própria força. Ou seja, primeiro, ele adorava causar sofrimento, para só depois aniquilar o adversário. Esse era Ares, o “Deus da Guerra”, filho de Zeus e Hera.

Diferente dele, Atena era justa e sempre procurava soluções pacíficas antes de entrar em qualquer conflito. E mesmo depois de estabelecido o confronto, ela planeava cada uma das suas atitudes. Não havia o que temer quanto à deusa Atena! Sabíamos que ela nada faria para nos prejudicar ou destruir sem que fosse comprovado que éramos culpados ou que era realmente necessário. Contudo, isso modificava-se quando ela recebia uma ordem direta de Zeus, pois nenhum olimpiano conseguia resistir à força dominadora que vinha atrelada a um comando de extermínio vindo dele.

Quando comecei a reparar na maneira como os olímpianos agiam, passei a ficar mais observadora e atenta ao que ocorria à nossa volta.

Pirra, percebendo que eu estava mais distante e quieta que o normal, em certo momento veio até mim e pediu-me:

— Ó Pandora, esclareça-me o que aconteceu no Olimpo. Sei que você fez o máximo possível para que o meu tio desaparecesse daqui. E consigo entender o motivo que a levou a planejar isso, pois que o conheço suficientemente para saber que ele não se conteria diante de uma afronta de Ares. No entanto, vejo que você permanece aflita e calada. Então, concluí que algo se passa, mas você nada nos revelou com relação a isso. Quer dividir comigo o peso dessa sua carga, ó Pandora? Posso ajudá-la?

Eu fiquei encantada com o que ouvia! Na minha frente, estava Pirra, pedindo-me para dividir o meu fardo com ela! Era mais do que eu podia esperar!

— Pirra, cabe a nós duas darmos andamento ao que a deusa Témis me revelou — comecei a contar-lhe, olhando-a seriamente e indo direto ao assunto. — De tudo o que ela me disse, muito eu já sabia ou andava a refletir a respeito. A nossa conversa serviu somente para confirmar isso e outros detalhes que eu havia escutado do próprio Prometeu, bem antes desse meu encontro com a minha criadora. Como um tipo de missão, nós duas temos que adestrar aqueles “animais de duas pernas”. Sei que, como já estamos a agir neste sentido, nessa questão não há nada de novo.

— No entanto, a novidade é que Témis nos ajudará, tirando o foco dos espiões de Zeus dos ambientes terrenos — expliquei. — Precisamos continuar a fazer tudo normalmente, e logo eles se cansarão de nos vigiar, posto que os olímpianos não aguentam ficar parados durante muito tempo. Entretanto, algo me deixa aflita, mas antes de lhe revelar o motivo dessa minha preocupação, selarei este ambiente em que estamos para que não sejamos ouvidas. Não sinto a presença de nenhum olímpiano, porém, é preciso ter todo o cuidado com as informações sobre as quais conversaremos.

Eu selei o ambiente da maneira que Prometeu havia me ensinado e falei a Pirra:

— Eu e Prometeu andamos desconfiados que a estirpe dos olímpianos está a degenerar-se a cada nova geração. Nós constatamos, há algum tempo, que os descendentes que estavam a nascer ultimamente eram bem piores que os primeiros que aqui vieram a existir. Para comprovar isso, basta você comparar os titãs, como o seu pai, o seu tio e Témis, com os olímpianos, como Zeus, Poseidon e Hades e os descendentes destes. A estirpe dos titãs e a dos olímpianos estão a caminhar para o mesmo declínio no campo do comportamento e do modo de existir, visto que nada de bom distingue as gerações mais novas em relação às que surgiram anteriormente. Vivemos e agimos do mesma maneira, existindo somente para pregar ardis uns nos outros e para as disputas de poder que não têm fim. Sempre foi dessa maneira que todas as gerações procederam e me parece que não será diferente no futuro.

— A meu ver, esse é um modo de existir simplesmente inútil — declarei. — Então, eu e Prometeu chegamos à conclusão que uma nova espécie deveria ser criada para que, talvez, ela pudesse realizar algo que não conseguimos enquanto estirpe de titãs e de olímpianos, ou seja, tornar o existir mais significativo e produtivo.

— Anteriormente, somente conhecíamos as nossas espécies e as desses animais que aqui vivem, nestes ambientes terrenos — expressei, atenta à reação de Pirra. — Agora, sabemos que há outros tipos de seres que também habitam este universo material. E como posso fazer tal afirmativa? Já lhe explico! De acordo com Zeus e Témis, recentemente, nos ambientes terrenos, aportaram seres que sequer sabíamos que eles existiam, ó Pirra! Zeus deu-me a incumbência de descobrir quais são as intenções deles, informando-o imediatamente, no Olimpo. Quanto a isso, certamente o farei, até porque me interessa saber quem são eles e o que querem. Desejo, principalmente, descobrir a

quem servem, para tentar verificar se eles poderão tornar-se nossos aliados ou se serão nossos inimigos. Essa é uma questão que ando a pensar ultimamente.

— O outro aspeto trata-se da importância que as “criaturas de duas pernas” representam neste contexto que acabei de explicar — continuei. — Algo estranho aconteceu neste encontro, ó Pirra, pois desconfio que as mesmas forças que envolvem Prometeu, fazem o mesmo com Témis. E mais, todas as orientações que são dadas a ambos, estão focadas em dois pontos principais: primeiro, proteger esses nossos “animais de estimação”, e, segundo, adestrá-los a fim de que possam falar e pensar por eles mesmos. Fico me perguntando o motivo de eles terem tanta importância para essas forças que andam a guiar tanto Prometeu como Témis. Afinal, por que eles são tão especiais, ó Pirra? Recordo-lhe que você me fez essa mesma pergunta antes, e eu não soube responder-lhe! Entretanto, agora, noto que eles são seres relevantes não somente para mim, mas também para essas forças e para a deusa Témis.

— A questão que quero salientar, é que a minha criadora faz parte dos doze titãs chamados de “Deuses Anciões”, que existem há muito mais tempo que os irmãos titãs Prometeu e Epimeteu — revelei. — Portanto, sendo ela uma titânide muito mais antiga que o seu tio e o seu pai e, se avaliarmos a sua vivência nesses milhares de anos desde que ela foi forjada, é de se esperar que o seu conhecimento seja vasto sobre esta existência e os seus pares de espécie, uma das primeiras que passou a existir neste universo! Témis é tida entre nós, os olímpianos, como a “Deusa da Justiça e do Conhecimento”. Então, se escuto diretamente dela o que somente se passava nos meus delírios, o que devo pensar, ó Pirra? O que acha? Será que sempre foi ela que estava a manipular-me ou até mesmo a orientar Prometeu para poder dominar-me? Estou extremamente preocupada com essa possibilidade e me questiono o quanto posso confiar nesse ser que me criou com a participação de Zeus.

— Recorde-se que o meu próprio criador tentou destruir-me¹, que forçou a “Assembleia dos Deuses do Olimpo” a violentar o meu psiquismo e obrigou Hefesto a modificar a minha composição corporal para que eu não fosse mais olímpiana — expressei. — Zeus impôs-me sofrimento e humilhação diante de todos, e Témis nada fez para evitar isso. Nem se deu ao trabalho de estar presente quando tudo aconteceu, no sentido de tentar defender-me ou proteger-me. Em vista disso, qual o motivo desse súbito interesse por mim, uma das suas menores e menos importantes criações? Eu não consigo entender essa questão! O que você pensa sobre tudo o que acabei de lhe falar? Diga-me, ó Pirra!

— Ó Pandora, nada há de estranho nisso, pois você bem sabe que os olímpianos se movimentam de acordo com as conveniências que eles possam ter — argumentou ela. — Portanto, naquele momento, se Témis sabia que nada poderia fazer, por que ela se intrometeria nesse assunto? Pensa, ó Pandora, por que ela se indisporia com Zeus se ela já sabia que nada podia ser feito? A sua criadora está sempre ao lado dele, e é com ela que ele sempre se aconselha. Então, ela já tinha conhecimento de tudo, com

antecedência. Penso que, caso ela tivesse interesse que isso não ocorresse, teria agido antes dessa situação se tornar irreversível. Talvez, tenha algo a mais nisso, ó Pandora. Temos de investigar um pouco mais sobre a deusa Témis! Acredito que pouco se sabe sobre ela, pois verifico que até mesmo você, que nasceu a partir dela, nada sabe sobre a sua criadora, portanto, imagine os outros olímpianos! Acho que, para melhor atuarmos, devemos tentar identificar melhor quem são os nossos aliados e quem são os nossos inimigos.

— Com relação a esses seres que chegaram aos ambientes terrestres, muito me interessa ir com você até eles — solicitou Pirra.

— Gostaria de conhecer uma nova estirpe e ver como eles agem e o que pensam. Leve-me com você, ó Pandora!

Cada vez mais eu ficava admirada com as percepções de Pirra.

Sentindo-me um pouco menos aflita, respondi:

— Sim, certamente que iremos juntas. Você será uma grande parceira, logo vejo! És perspicaz no teu raciocínio lógico! Preciso de alguém assim, perto de mim, pois vejo que a minha parte biológica está a deixar-me instável com relação às “emoções” e aos “sentimentos” que ando a experimentar. Devo confessar-lhe que não me sinto a mesma de antigamente, e isso há tempos! Algo em mim faz com que eu perceba de maneira diferente o que acontece à minha volta, pois ocorrem, no meu psiquismo e no meu corpo, sensações que desconhecia! Às vezes, sinto certos impulsos emocionais que, se não fosse a parte olímpiana que ainda possuo, tenho a certeza de que procederia de maneira muito mais descontrolada do que os olímpianos o fazem!

— Ando a pensar muito sobre isso e vejo uma crescente necessidade de conseguir controlar-me, seja lá o que isso signifique! — acrescentei. — Não posso deixar-me levar pelo que ando a sentir e, assim, tenho de examinar com mais clareza os meus pensamentos e, principalmente, as minhas ações. Peço-lhe que me observe e me alerte quanto ao meu comportamento diante dos olímpianos, pois preciso aparentar sempre uma postura frágil e indefesa. Não posso deixar que, em hipótese alguma, eles suspeitem que ainda possuo poderes mentais, visto que essa é a única arma que tenho para continuar a defender a todos nós.

— Julgo que levá-la comigo nessa missão, será até uma maneira de indicar que eu preciso de alguma proteção — expliquei a minha estratégia. — Digo-lhe, ó Pirra, você não foi criada para guerrear, mas para pensar com rapidez, além de ser forte e obstinada.

Entretanto, acho que devemos aprender a lutar, posto que precisamos nos defender tanto usando o nosso poder mental como a nossa força física. Vou procurar algum olímpiano que possa ajudar-nos nesse sentido. Talvez Atena possa treinar-nos! Vamos ver!

— Por agora, peço-lhe que termine a catalogação das poções e aprenda como fabricá-las com Epimeteu — orientei. — Eu vou pensar mais um pouco como conseguir sair daqui sem ser seguida. Preciso, urgentemente, ver como os nossos “animais de estimação” estão. Todavia, Témis orientou-me a esperar por um aviso dela no que diz respeito a ir ao encontro deles, pois somente seria seguro a partir do momento que ela assim me sinalizasse. Espero ansiosamente por esse sinal, e já se passaram mais de duas semanas que estivemos com ela, ó Pirra! Os “animais de duas pernas” nunca ficaram tanto tempo sem a nossa companhia ou orientação! Pergunto-me como eles estão e se conseguirão sobreviver sozinhos. O que acha, ó Pirra?

Olhando-me de modo sério, Pirra advertiu-me:

— Ó Pandora, eles acharão uma maneira de sobreviver, afinal, faziam isso antes de aqui chegarem. Então, não se preocupe, pois eles sobreviverão! E, se alguns morrerem, provavelmente ficarão os que são mais capazes de cuidar das suas vidas. Considere que, há muito, eles vivem largados por aí, indo de um lugar para outro! Apenas foram ficando aqui por mais tempo porque encontraram comida e abrigo entre os irmãos titãs. Você bem sabe disso, ó Pandora, então, por que se preocupar com eles dessa maneira? Acalme-se e lembre-se que o “macho especial” está a cuidar dos seus pares!

Pirra não podia imaginar que ele era justamente o motivo maior da minha preocupação. Nada disse, mas intimamente desejei que o “macho especial” estivesse bem e que não pensasse que eu o abandonei. Era inevitável que eu o deixasse largado à própria sorte e, para protegê-lo, teria de correr o risco dele ficar desapontado comigo. Não podia estar com eles enquanto não fosse seguro! Não havia outra hipótese a não ser aguardar a indicação da deusa Témis! Não havia alternativa razoável!

No momento, a única atitude que me restava, era planejar como faria para conhecer os nossos novos vizinhos extraterrestres!

¹ Episódio narrado no Livro 1 “*Os Livros da Vida de Pandora: Zeus, os Titãs e a Criação da Espécie Terrestre*”, capítulo 4.

APRENDENDO A SER ESTRATEGA

“Não é que vocês seja diferente, mas é que ninguém consegue ser igual a você.”

William Shakespeare

Comecei a planejar como faríamos para chegar o mais próximo possível dos nossos novos vizinhos.

Nesse sentido, chamei Pirra e revelei-lhe:

— Já que a deusa Témis não nos deu notícias, vamos investigar os seres que aqui aportaram para planejar melhor como os abordaremos. Contudo, Pirra, algo me incomoda nessa história toda, pois Zeus não é de enviar recados quando se trata de possíveis inimigos. Por que ele nos confiou essa missão? Nada me convence que, entre todos os deuses que estão ao seu dispor, ele tenha escolhido justamente a mim e Prometeu. Entretanto, penso que tudo isso terá a sua serventia, porém ainda não tenho certeza para quê. A minha impressão é que essa experiência nos será útil. Suspeito que há mais fatores do que imaginamos nesse pedido de Zeus, Ó Pirra! Pode acreditar que algum ardil está a ser feito para que o todo poderoso “Rei do Olimpo” nos tenha solicitado diretamente essa tarefa. No entanto, terei de esperar mais algum tempo para descobrir o real motivo desse pedido. Até lá, vamos em busca de novos conhecimentos, ao observarmos, de longe, esses seres extraterrestres.

— Penso, ó Pandora, que você tem razão! — concordou Pirra, — Não há dúvida que existe algo a mais nesse pedido de Zeus. Contudo, vamos aproveitar o momento para investigar esses novos seres que podem representar um novo modo de existir, e, a partir dessa nova experiência, quem sabe possamos aprender algo a mais para usar com as “criaturas de duas pernas”.

Não narrarei aqui como fomos ao encontro desses seres vindos de fora do planeta. Todavia, quando lá chegámos, notámos que tinham uma enorme nave que estava estacionada no centro de outras naves pequenas. Dava para perceber que aqueles seres estavam bem equipados, pois tinham tecnologia para cavar a terra de modo muito profundo. Ficámos durante muitas horas, ao longe, somente a espreitar o que eles estavam a fazer. Verificámos que possuíam um líder, pois um deles se distinguia dos demais por usar uma roupa mais pomposa, e era ele quem dava ordens e olhava o tempo todo para a terra escavada com máquinas e que apresentava algo brilhante. Tentei observar com mais atenção aquele tipo de terra, porque jamais havia visto algo que brilhasse tanto em contato com os raios do sol. Eu e Pirra ficámos a perguntar-nos do

que se tratava aquela terra que eles guardavam com tanto cuidado. Também vimos que alguns deles trabalhavam mais do que outros. O líder não trabalhava, mas apenas dava ordens e, de vez em quando, entrava para a nave maior e lá ficava por muito tempo.

Ao chegarmos à conclusão que eles mantinham esse padrão de trabalho, combinámos que deveríamos espionar esses seres por mais algum tempo, posto que não conseguimos entender o objetivo do que eles estavam a fazer todos os dias. Comentei com Pirra que seria interessante vir à noite, para perceber como eles se comportavam, ou seja, se procediam de modo diferente. Ela concordou comigo que isso seria interessante porque, assim, montaríamos um relatório completo das ações desses seres.

Depois de aproximadamente uma semana, no tempo humano de contar os dias, estávamos no laboratório de Epimeteu e conversávamos sobre as nossas deduções sobre os seres das naves. Acabámos por decidir que havia chegado o momento de ousarmos um pouco mais e tentarmos manter algum contato com eles.

Epimeteu que a tudo escutava, sem nada dizer, ao ouvir o nosso plano disse-nos, num tom sério de advertência:

— Vocês não devem correr perigo desnecessário! Não conseguem perceber os riscos ao se fazer contato com seres dos quais não se sabe nada a respeito? Não veem que devem ter cautela quando fazem esse tipo de abordagem?

Ficámos, eu e Pirra, surpresas com as questões que Epimeteu acabara de nos dizer.

Ele, vendo que não tínhamos respostas para as suas colocações, acabou por afirmar, de maneira contundente:

— Quem vai falar com esses seres, sou eu!

Imediatamente, recusámos a oferta que Epimeteu acabara de nos apresentar, pois bem sabíamos que se ele fosse por lá, os seres entenderiam a sua intromissão como um convite para um combate, e, caso isso acontecesse, certamente não teríamos a oportunidade de falar com o líder deles.

Rapidamente, Pirra retrucou ao seu criador:

— Ó Epimeteu, você deve ficar aqui e continuar com o processo de fabricação e catalogação das poções! Temos de seguir com o nosso plano de fabricação do novo coquetel para as “criaturas de duas pernas”!

Ele não aceitou a argumentação de Pirra e colocando na sua voz e expressão física toda a sua força de titã, declarou:

— Daqui, vocês não saem, sem que eu esteja junto! Está decidido! Quem vai falar com eles, sou eu!

Não havia outra maneira! Quando Epimeteu decidia algo, ninguém conseguia modificar a sua opinião.

Entretanto, ainda tentando fazer com que ele renunciasse a essa empreitada, disse-lhe em tom mais ameno:

— Ó Epimeteu, nós não vamos lá para armar uma guerra. Se decidir ir conosco, deve deixar que eu primeiro fale com eles antes de você se apresentar. Você só deve intervir no caso de ser realmente necessário defender-nos! E mais, a condução de toda conversa que vier a ocorrer, deve ser totalmente dirigida por mim, concorda?

— Sim, eu ficarei calado, entretanto, vou preparado — concordou ele. — Se não sabemos com quem lidamos, temos de levar algum trunfo. Eu não me meto com criaturas que não conheço, sem estar preparado e pronto para lutar. No entanto, deixo você conduzir toda a abordagem e somente vou agir se pressentir que é preciso. Vocês devem ouvir-me porque já vivi muito mais do que vocês duas! Consigo perceber uma situação complicada à distância e, se eu pressentir perigo, aviso que nenhuma de vocês duas conseguirão me conter! Aceita, ó Pandora?

Epimeteu mantinha a sua expressão extremamente firme, não deixando margem para uma negativa de minha parte. Logo, entendemos que ele tinha toda a razão nas suas colocações, pois, efetivamente, não estávamos a medir o real risco dessa empreitada. Não conhecíamos esses seres e, portanto, não sabíamos como reagiriam quanto à nossa abordagem e quais os dispositivos de defesa e proteção que eles teriam e que poderiam usar contra nós! Epimeteu estava corretíssimo! Fiquei aliviada por ele ter pensado nisso. E se, de facto, chegássemos lá e fôssemos feitas prisioneiras? Isso podia acontecer! Nem havíamos pensado nessa possibilidade! Ao perceber o nosso erro de estratégia, acabei por concordar com Epimeteu.

— Você fez bem em nos chamar à razão, ó Epimeteu — falei, reconhecendo o alerta dele. — Penso que será melhor você examinar esses seres com mais detalhes e, depois das suas observações, discutiremos como agir em relação a eles. De facto, vocês, os titãs, têm mais experiência na arte de arquitetar ações de como proceder em momento de crise e perigo. E tenho de admitir que fomos imprudentes e que nos colocaríamos em risco desnecessário! Você atuou muito bem, ó meu querido companheiro de existência. Os seus longos anos de experiência são muito bem-vindos para nos aconselhar!

Epimeteu que, até então, mostrava-se numa postura inflexível, finalmente relaxou a sua expressão e nos afirmou:

— Fico satisfeito em constatar que, agora, você usou a razão, ó Pandora! Vou tentar investigar esses seres de modo que eles não percebam a minha presença. Lembrem-se que posso ficar invisível¹? Portanto, usarei essa minha característica a nosso

favor e vou espiá-los bem de perto. Tentarei entrar na nave na qual o líder se mantém protegido. Esta noite, lá estarei, pois, a escuridão será a minha aliada!

— Ó Epimeteu, você deve ir antes do anoitecer, pois eles fecham a nave quando tudo fica escuro — expliquei. — Acho que não confiam neste planeta porque só trabalham durante o dia e recolhem-se na nave à noite e dela não mais saem até o dia clarear. Se você planeia lá adentrar, deve aguardar o anoitecer e aproveitar para entrar com eles na nave. Penso que assim será mais fácil!

— Está bem! — concordou ele. — Assim farei, ó querida Pandora! Se eu não retornar, não se preocupem. Caso eles fechem a nave, seguramente, ficarei preso até ao amanhecer. Não se aflijam, que eu tenho muitos anos de experiência em como me manter escondido. Você bem sabe disso, não é, Pandora?

— Sim, ó Epimeteu! — respondi. — As suas capacidades surpreendem-me mais a cada dia. Você é um excelente estrategista, como o seu irmão Prometeu!

Ao ouvir de mim tal elogio ao pai, Pirra dirigiu um olhar cheio de admiração para Epimeteu. Ele, ao notar o olhar de Pirra, apesar de ser um titã com um aspeto envelhecido, ficou a parecer um menino envergonhado diante daquela que representava para ele o que de mais precioso existe.

Tentando esconder os seus sentimentos, ele disse-nos:

— Prepararei o que vou precisar para essa missão, ó minhas duas queridas! Amanhã, com certeza, teremos mais elementos para melhor avaliar quem são esses seres e o que querem aqui. Ao procedermos desse modo, evitaremos que vocês caiam em alguma armadilha. Verificarei se na nave deles há algum artefato que possam usar contra nós. Penso que, se conseguir o meu intento, ficarei junto ao líder deles. Diga-me, ó Pandora, como são as suas roupas e o seu aspeto físico para que eu consiga reconhecê-lo com mais facilidade.

Descrevemos as características que havíamos notado naquele que acreditávamos ser o líder.

O titã escutou-nos calado e, depois, pronunciou-se:

— Pela descrição que vocês me fizeram desses seres, digo-vos que não é a primeira vez que eles estão aqui na Terra. Lembro-me que, há muito tempo, Prometeu me contou que havia contactado alguns integrantes de uma outra espécie e que eles em nada se pareciam com os olímpianos. E acabei de recordar-me que haviam aportado exatamente nesse mesmo lugar que vocês estão a indicar-me, e que o próprio Prometeu chegou a conversar com o líder deles!

Quando Epimeteu nos revelou as suas lembranças, imediatamente falei para Pirra:

— Aí está o motivo para Zeus ter pedido a mim e a Prometeu que fizéssemos uma investigação sobre esses seres! Com certeza, ele sabe que o seu tio já se havia encontrado com eles! Está explicada a razão da solicitação de Zeus, ó Pirra! Entretanto, agora me pergunto o que ele achará quando descobrir que Prometeu está a viajar novamente e que somente eu farei esse contato? O que acha, ó Epimeteu?

— Sinceramente, não sei dizer-lhe, ó Pandora — comentou ele. — Todavia, se descobrir algo que seja importante e se você levar essa novidade a Zeus, talvez ele não pergunte por Prometeu. Então, deixe-me tratar desse assunto no sentido de tentar achar algo importante a respeito dessas criaturas. Quando Prometeu voltar, cruzamos os dados que ele possui com os nossos e, aí, teremos notícias promissoras para levar a Zeus. Amanhã, ao retornar, irei ao encontro de vocês duas com as informações que conseguir, para estabelecermos um plano baseado em mais elementos.

Dirigindo-se ao seu criador, Pirra advertiu-o, carinhosamente:

— Tenha cuidado, ó meu pai! Não quero que você se ponha em risco. Lembre-se de se proteger e que, amanhã, ficarei à sua espera!

— Este velho titã não deixaria a sua mais preciosa joia desamparada — respondeu ele, muito emocionado. — Despreocupe-se, ó Pirra, que amanhã estarei aqui, com vocês. De antemão, agradeço a expressão de carinho para comigo. Nada me deixa mais feliz do que isso.

Despedimo-nos, e Epimeteu tomou o caminho que levava ao local que lhe revelámos, ou seja, aonde estavam pousadas as naves dos seres que precisávamos espionar para Zeus. Teríamos de esperar até à manhã seguinte para obter maiores novidades de Epimeteu sobre eles. Entrar na nave e observar o comportamento deles no seu próprio território, era algo que eu não havia pensado! Realmente, tinha muito o que aprender com esses titãs sobre como montar estratégias de ações em tempos de conflito ou de guerra.

Pelo menos, com a certeza da minha longevidade corporal, agora poderia dizer algo para mim mesma, como modo de uma advertência para o caso de querer viver por mais alguns milhares de anos: Havia muito o que aprender no que diz respeito à arte da estratégia, da defesa e da minha proteção pessoal, assim como daqueles que faziam parte dos que eu começava a chamar de família.

¹ Episódio narrado no Livro 2 “*Os Livros da Vida de Pandora: O Coquetel de Poções e o Ataque do Olimpo*”, Capítulo 11

OS SERES DAS NAVES

“É mais fácil obter o que se deseja com um sorriso do que à ponta da espada.”

William Shakespeare

Logo que amanheceu, ficámos a aguardar por Epimeteu no laboratório. Estávamos ansiosas pelo retorno dele.

Quando ele chegou, nem esperámos que ele dissesse algo e o enchemos de perguntas.

Ao perceber a nossa aflição, disse, sem perda de tempo:

— Acalmem-se, pois vou contar-lhes tudo! Consegui passar a noite na cabine do líder deles. Pelo que percebi da conversa que ele levava com os seus comandados, eles vieram de um mundo distante daqui. Ouvi a respeito de problemas que o planeta deles apresentava e que o material que eles estavam a levar daqui, por enquanto, abrandaria tais dificuldades. Eles chamavam o material brilhante de “ouro”, e essa substância é tremendamente importante para manter o equilíbrio das condições planetárias em que eles vivem. O líder disse a um dos seus pares que já estava a chegar o momento de irem embora e que eles precisavam trabalhar com mais afinco, pois o seu governante e pai, havia se comunicado com ele e lhe ordenado para não demorar mais. Então, se quer falar com ele, deve preparar-se agora, ó Pandora!

— Diga-nos, então, ó Epimeteu, se esses seres parecem violentos — expressei. — São seres brutos e ignorantes? Que linguagem falam eles? Bem, você os entendeu, então conseguiremos comunicar-nos, isso é certo!

— Sim, ó Pandora, eu consegui entendê-los, porém eles não falam como nós! — esclareceu o titã. — Não tive dificuldade para compreender as conversas deles. Devo dizer que são seres interessantes e que agem de modo formal entre si, possuindo mesmo um grau de tratamento elegante e cortês. Admito que isso muito me impressionou.

Continuando com a sua explanação, Epimeteu revelou-nos:

— Acredito que o líder é um membro importante do governo do seu povo, pois sempre via os outros seres a tratá-lo com certa cerimónia e fazendo um tipo de reverência ao falar com ele. Penso que ele percebeu a minha presença, pois manteve-se em estado de alerta a noite toda. Talvez, sentisse a minha energia, mas não conseguia acessar-me, apesar das suas constantes tentativas em localizar-me, ó Pandora! Portanto,

digo-vos que esses seres são diferentes das nossas estirpes, pois possuem um comportamento educado, mostram-se racionais, muito inteligentes e possuem um porte físico invejável até mesmo para nós titãs! Se entendi corretamente, somente nos ambientes terrenos é que eles conseguem encontrar o material que precisam para manter o mundo deles a salvo. Por isso, eles vêm aqui, de maneira sistemática, dentro de um tempo programado, para buscar o tal “ouro”.

Extremamente curiosa a respeito desses seres, perguntei a Epimeteu várias questões, sem ao menos esperar pela resposta de nenhuma delas:

— Eles possuem tecnologia na sua nave? Eles têm prisões dentro dela? Possuem artefatos que você julga que podem prejudicar-nos? Ir ao encontro deles parece ser uma atitude sensata para você, ó Epimeteu? O que você acha que devemos fazer? Vamos esperar Prometeu retornar para que ele nos conte como foi a sua conversa com esses seres, ou deslocamo-nos até à nave para obter as respostas diretamente deles?

Epimeteu, após parar um pouco para pensar, decidiu:

— Penso que não haveria risco com relação às suas vidas se vocês forem ao encontro desses seres. O líder é educado e cortês com os seus pares, mas não sei como se portará conosco. Portanto, eu as acompanharei e levarei comigo alguns artefatos, caso seja necessário fugirmos deles. Agora, pergunto-lhe, ó Pandora, o que você vai indagar a esses seres? Afinal, o que Zeus quer saber sobre eles?

— Não sei, ó Epimeteu! — confessei. — Também ando a perguntar-me sobre isso. Zeus disse-me que descobrisse quais eram as intenções deles com relação aos ambientes terrenos. Tenho a impressão de que ele, assim como nós, quer saber com quem está a lidar! E isso só descobriremos se ficarmos frente a frente com eles. Por ora, acho que você deve descansar e, a partir de tudo o que nos revelou, vamos elaborar as questões que usaremos para investigá-los. Quando terminarmos as nossas formulações, eu e Pirra iremos ao seu encontro para seguirmos os três ao local da grande nave. Estou muito curiosa com relação a eles. Nunca observei outro ser inteligente além de você e Prometeu, então, vai ser muito instrutivo conhecê-los.

— Sim, ó Pandora, sou da opinião que você gostará desse encontro — comentou ele. — Conforme conversámos, primeiro reflita sobre o que você deseja obter desses seres da nave. Aviso-a que eles são criaturas que sabem o que querem e possuem inteligência suficiente para nos negar informações. Então, não pense que está a ir ao encontro de seres dementados! Você deve ser precisa na sua fala e não demonstrar hesitação, pois acho que o líder é um rei, ou algo que o valha, entre eles.

A narrativa de Epimeteu deixou-me mais ansiosa. Constatar que existiam outros seres que possuíam alguma sagacidade, era algo que não podia acreditar! Se as impressões de Epimeteu com relação ao líder estiverem corretas, então, poderá ser muito útil uma negociação de troca de conhecimentos. E mais, se Prometeu,

anteriormente, aproximou-se e travou contato com eles, isso indica que ele também percebeu que os seres da nave eram importantes.

Deixei Pirra no laboratório e fui caminhar sozinha, pois precisava pensar um pouco mais sobre tudo o que acabara de ouvir. Andava distraída, concentrada em como devia agir, quando, repentinamente, senti certa aproximação. Ao reparar à minha volta com mais atenção, deparei-me com alguns integrantes dos seres da nave que estavam bem próximos a mim!

Rapidamente, ativei os meus poderes mentais, colocando-me em posição de defesa e fui logo dizendo:

— O que fazem aqui? O que querem?

Eles não responderam nada, e aquele que suspeitávamos que fosse o líder, observou calmamente à nossa volta, como se procurasse por algo e em seguida respondeu-me:

— Vim devolver a visita que alguém deste lugar me fez ontem, à noite. Gostaria de conhecer quem teve o atrevimento de entrar nos meus aposentos e acompanhar-me por toda a noite. Pela força pessoal que você emana, entendo que não era você, pois a sua energia é mais suave do que aquela que estava comigo ontem. Informo-lhe que reconheço este lugar! No passado, estive aqui a convite de um titã chamado Prometeu!

E o ser, continuando, esclareceu-me:

— Prometeu, eu o conheço e já o convidei a entrar na minha nave. Contudo, alguém daqui deste ambiente a invadiu sem a minha permissão, e isso eu não admito! Quero saber quem foi e com qual propósito realizou esse ato ignóbil!

Estava a ficar confusa com todo este diálogo. Ele deveria mesmo ser um rei entre os seus pares, pois que veio acompanhado por todo um séquito de indivíduos que pareciam estar prontos para atacar ou defendê-lo. Todos permaneciam em torno dele, em posição de ataque, portando artefatos que, para o entendimento terreno do leitor, devo dizer que se pareciam com lanças.

Pressentindo o perigo desta situação, tentei acalmá-lo dizendo:

— Se você veio anteriormente a este lugar, bem sabe que nada deve temer. Aqui residem os irmãos titãs Prometeu e Epimeteu. Eu chamo-me Pandora e sou a esposa de Epimeteu. Aqui também vive a nossa filha Pirra. Quem esteve na sua nave foi o irmão de Prometeu. Ele lá esteve a meu pedido, pois que faz algum tempo que gostaria de conhecê-los. Peço desculpas se violámos o seu espaço e entrámos na sua nave sem a sua permissão. Entretanto, tínhamos receio de como seríamos recebidos, visto que nada sabíamos sobre vocês.

— Devo esclarecê-lo que a nossa ideia era primeiro perceber como vocês pensavam e agiam, para depois abordá-los diretamente, e essa foi a motivação que nos fez entrar na sua nave, na surdina — expliquei. — Contudo, ao verificarmos que vocês são seres sagazes e educados, percebo que devemos nos desculpar por termos assim agido.

Ele permaneceu calado. Pareceu-me um ser frio, sem expressões emocionais. Pude confirmar que era educado e que falava de modo cortês, porém não demonstrava qualquer emoção ou sentimento nas suas atitudes.

Eu pensei:

“Estes seres são bem-parecidos conosco, os olímpianos, pois demonstram frieza no que diz respeito a emoções e sentimentos.”

Mal terminei de falar e vi Epimeteu e Pirra vindo ao nosso encontro. Devo dizer que tive receio do que poderia acontecer em seguida, porque percebi que o titã vinha preparado para o confronto.

Assim que chegaram junto a mim, avisei:

— Acalme-se, ó Epimeteu! Estamos apenas a conversar de maneira pacífica. Não há perigo! Ele veio aqui, devolver a visita que você lhe fez, somente isso.

Imediatamente, o líder virou-se para Epimeteu e, de modo severo, confrontou-o:

— Por que você entrou na minha nave sem a minha permissão? Essa é a primeira questão. Segunda, se você é irmão do titã que conheci noutra oportunidade que estive neste planeta, aonde ele está, neste momento? Terceira, por que você deixa que este ser que possui uma forma de existir que não conheço, mas que me parece ser frágil e sem nenhum poder, fale em nome da sua estirpe? De qual espécie ela faz parte? Posso perceber que não é um ente similar a vocês titãs. E, por fim, quem a criou?

Percebi que, realmente, o líder era muito inteligente, e adiantando-me a Epimeteu, respondi-lhe diretamente:

— Eu sou Pandora, filha de Zeus, o “Rei do Olimpo”, e da deusa titânide Témis. Sou casada com Epimeteu, que faz parte da segunda geração dos titãs. A minha natureza corporal, realmente não é mais olímpiana. Agora sou mais biológica. Penso que vocês devem desconhecer esta nova forma de vida. Nada mais posso explicar-lhe sobre como assim me tornei. Saiba que eu não represento ninguém e tampouco o quero!

— Já lhe expliquei que queríamos conhecê-los para poder entender quais eram as suas reais motivações e qual o propósito das suas escavações em ambientes tão próximo ao local aonde vivemos — continuei. — Não podíamos dirigir-nos diretamente a vocês, pois não tínhamos certeza de que seríamos bem recebidos. Por isso, passemos adiante

deste assunto que já foi explicado. E, agora, diga-nos o motivo que o trouxe ao ambiente terreno.

Pirra e Epimeteu permaneceram calados, esperando a resposta do líder, mas era visível que ambos permaneciam em estado de alerta com relação a um possível ataque. De todos eles, a que era mais frágil para enfrentar um confronto era eu, e os dois estavam cientes disso!

Quando todos estávamos a preparar-nos para o que parecia ser o início de uma possível batalha, eis que surgiu Prometeu entre nós, repentinamente.

Sem dar hipótese que alguém lhe perguntasse algo e demonstrando tranquilidade, entrou na conversa:

— Saudações, Príncipe Enlil! O que você faz aqui? Retornou há pouco ao planeta Terra? Ainda não conseguiu resolver o problema do seu mundo? Vejo que já conheceu o meu irmão Epimeteu, a sua esposa Pandora e a sua filha Pirra. Eles são a minha família!

Nós nos entreolhámos sem acreditar que Prometeu havia surgido assim, do nada, entre nós. Ao olhar para Epimeteu, observei que não estava surpreso, ou seja, certamente, ele havia se comunicado com o irmão e o havia chamado para aqui retornar. Realmente, esses dois titãs eram seres interessantíssimos!

O líder, focando em Prometeu, falou:

— Saudações! Aqui me reporto sob a ordem do meu pai e Rei Anu. Trago-lhe notícias nada boas sobre o meu planeta. Estávamos à espera pela sua visita, mas como você não foi ao nosso encontro, vim ao seu. Todavia, ontem, percebemos que a nossa nave havia sido violada e, ao seguirmos o rastro que o invasor deixou, para minha surpresa, ele aqui nos trouxe. Já foram resolvidas as dúvidas que eu tinha a respeito do motivo de tal invasão. No entanto, Prometeu, por que você não foi ao nosso encontro?

— Eu estava com alguns problemas urgentes a serem resolvidos — justificou Prometeu. — Vi quando chegaram à Terra, mas como sabia que vocês demoram muito tempo a extrair o material que precisam para o seu planeta, não tive pressa em ir ao seu encontro. No entanto, peço desculpa se os meus familiares agiram sem o meu conhecimento e invadiram a sua nave. Por favor, leve em consideração que eles não os conheciam e somente queriam saber se vocês eram seres violentos e se eles corriam algum perigo! Lembre-se que conosco aconteceu da mesma maneira, pois muito nos observámos antes de, finalmente, termos o nosso primeiro encontro!

— Isso é certo! — concordou Enlil. — Contudo, você não invadiu a minha nave. Esse comportamento não é adequado para seres civilizados! Bem, devemos deixar isso para o passado. Aceito as desculpas, mas aconselho-os que, para a segurança de vocês, antes de adentrarem a minha nave, peçam-me permissão para tal. Essa será a única vez

que desculpo tal afronta, portanto, que ela não mais se repita. Aviso-os que não serei tão benevolente como estou a ser agora!

— Necessito falar com você, Prometeu, sobre o material que aqui recolhi — expressou-se Enlil, mudando de assunto. — Preciso que me ajude a achar mais, pois o meu planeta está a ter sérios danos e somente com esse tipo de material é que estamos a conseguir manter uma certa estabilidade com relação às constantes oscilações que ele anda a passar. O meu pai e rei anda deveras preocupado, pois observamos, diariamente, que a leis que regem o nosso planeta estão a modificar-se de modo muito violento. Devo confessar-lhe que isso tem causado muitos estragos no nosso modo de viver. Quero que me ajude a perceber como podemos acelerar a construção da camada protetora que envolve o nosso planeta.

— Será um prazer conversar com você, ó Príncipe Enlil — respondeu Prometeu. — Deixe-me ter um momento com os meus familiares e logo estarei com você, na sua nave. Penso que lá é o local ideal para a nossa conversa. Tenho a sua permissão para levar Pandora e Pirra comigo, de modo que elas conheçam a sua nave como suas convidadas? O que me diz?

O ser olhou-nos profundamente e, virando o rosto para Prometeu, falou:

— Terei imenso gosto em mostrar o interior da nave para elas. Somos educados e não agimos com violência. Além disso, quero que elas percebam que estão a lidar com seres que detêm conhecimento tecnológico e possuem inteligência e uma conduta evoluída. Não faço objeções quanto a essa visita, agora que foi solicitada e permitida por mim. Contudo, peço-lhe que você não demore, ó Prometeu, pois que preciso ir embora deste planeta o mais rápido possível.

Dito isso, Enlil despediu-se com um aceno de cabeça e seguiu para a nave com os seus guardas, que permaneciam calados e sempre em volta dele.

Prometeu endereçou-nos um olhar muito sério e reclamou:

— Basta eu ficar uns dias ausentes e vocês já se colocam em perigo! Tiveram sorte neste encontro, pois esses seres são poderosos e não se comparam aos olímpianos. São fortes, obstinados, objetivos e frios. Levei muito tempo para conseguir aproximar-me deles de maneira pacífica e vocês quase acabaram, numa noite, com o que muito demorei para conquistar! Quem teve a brilhante ideia de adentrar a nave deles, ó Pandora? Entenda que usei de muita paciência até que eles permitissem que eu entrasse lá. Que bom que Epimeteu me chamou para aqui retornar, porque, assim, pude reverter esta situação que seria catastrófica para a aliança que tenho com eles!

— Ainda, perguntei de quem foi a ideia, porém já sei a resposta! — declarou Prometeu. — Sei que o meu irmão atuou dessa maneira precipitado para evitar que você e Pirra se colocassem em perigo! Mais uma vez, querida Pandora, ressalto que você deve

pensar melhor antes de agir! Não pode sair ao encontro do desconhecido de modo tão confiante e com tanta vontade. Isso não é prudente! Você deve sempre arquitetar cada passo que dará, refletindo sobre os possíveis problemas e dificuldades que poderá enfrentar e, de posse das possíveis soluções para todos eles, é que tratará de agir! É assim que um estrategista faz, ó Pandora! Espero, sinceramente, que você tenha aprendido esta lição com a quase desastrosa situação ocorrida com Enlil! Que você nunca mais cometa este tipo de erro!

Suavizando mais as suas palavras e expressões, Prometeu continuou:

— Agora que você tem a permissão de Enlil, poderemos entrar na nave com segurança e conversarmos diretamente com ele. Todavia, Pandora, peço-lhe que você fique em silêncio e me deixe conduzir a conversa com ele. Isso é importantíssimo! Para se dirigir ao Príncipe dentro da nave, há todo um cerimonial que é preciso ser realizado diante dos seus pares. Portanto, apenas observe como vou conduzir-me e aprenda algo que lhe será útil para as próximas conversas que você poderá ter com ele.

— Devo avisar-lhe que Enlil faz parte de uma espécie que detém conhecimento e tecnologia — falou o titã. — Ele é filho direto do rei que governa o planeta deles. Portanto, cuidado com as palavras e a maneira de proceder diante dele, pois é algo que ele leva em consideração. Advirto-a que não o trate como se ele fosse um qualquer, principalmente, como um olimpiano demente! Atente para o facto de que ele percebeu a presença de Epimeteu na nave, mesmo ele estando invisível. Em vista disso, leve em consideração que você não está a lidar com um Zeus, que você pode ludibriar. Longe disso, ó Pandora! É bom você ter isso em mente para evitar confusão, principalmente com Enlil! Não o queira como inimigo, pois você não sairia viva de um confronto com ele! Isso eu posso garantir-lhe!

— Depois explico com mais detalhes quem eles são e o que fazem aqui. Não demoremos mais, vamos ao seu encontro, porque não quero deixá-lo a aguardar. Precisamos manter uma boa relação com eles. Antes de lá chegarmos, Pandora, volto a pedir-lhe que não ponha tudo a perder, falando ou agindo de maneira imprudente. Tenha a certeza que precisei de muito tempo para conseguir que Enlil me respeitasse minimamente. Não vá destruir algo que me custou muito esforço e persistência!

Olhando de modo firme para Prometeu, asseverei que nada faria para colocá-lo numa situação difícil em relação a esses seres. Sentindo que eu estava a ser sincera, sinalizou que estávamos prontos para ir até à nave de Enlil.

Devo confessar que estava animada com esse encontro. Desejava muito conhecer o interior da nave e não era minha intenção, principalmente, prejudicar Prometeu. Entretanto, tinha muitas perguntas e queria maiores explicações deste titã sobre o motivo de Zeus ter justamente escolhido a mim e a ele para esta missão. Certamente, Prometeu sabia a razão desse pedido. Uma questão que me perturbava mais que todas

as outras é ele não haver me revelado, até então, que já conhecia esses seres extraterrestres. Eu teria de esperar uma ocasião propícia para obter respostas sobre essas minhas questões. Seguramente, quando retornássemos da visita à nave de Enlil, eu encontraria uma oportunidade para abordar todos esses assuntos com Prometeu.

Acompanhadas por Prometeu, eu e Pirra seguimos com uma certa ansiedade até ao local da escavação. Com certeza, se essa aventura era algo bem inusitado para mim que já vivi muito mais tempo que Pirra, imagine o leitor o quanto era significativo para ela, que tinha tão pouco tempo de existência!

Voltando-me para a minha criação, comentei:

— Veja Pirra, estamos a viver algo único. Acredito que, fora Prometeu e Epimeteu, nenhum outro titã ou olimpiano entrou numa nave destas. Penso que estamos a ir ao encontro de algo que será revelador para nós, visto que apenas conhecíamos essas duas estirpes racionais. As “criaturas de duas pernas” ainda não contam porque, somente agora, estamos a manipulá-los para que desenvolvam o raciocínio. Os seres da nave serão o nosso protótipo de observação de como uma nova estirpe pode se comportar. Vamos observar como eles se tratam entre si e como se comunicam, pois acho que poderemos usar esse conhecimento com os nossos “animais de estimação”.

Ao ouvir isso, Prometeu alertou:

— Ó Pandora, acho que você está tremendamente errada com relação a essa sua expectativa! Esses seres da nave não constituem nenhum modelo para as “criaturas de duas pernas”. Você logo entenderá a razão pela qual estou a afirmar-lhe isso. Esses extraterrestres são arrogantes e dão valor às hierarquias e ao poder. Penso que você não vai desejar que a nova espécie tenha essas características! Não é mesmo, Pandora? Se bem compreendi, o que estamos a querer obter, é justamente o oposto disso! Os integrantes da nova espécie precisam estar livres desses condicionamentos que somente trazem divisão, luta, sofrimento e desconfiança, sem falar da terrível submissão imposta ao mais fraco em relação ao mais forte em força física ou em poder! Ou entendi errado o nosso propósito em comum, ó Pandora?

Ao ouvir os argumentos de Prometeu, verifiquei que ele conhecia esses seres de outro planeta muito mais do que eu imaginava.

— Não, ó Prometeu! — respondi. — Você captou corretamente a ideia! Os nossos objetivos estão alinhados! É justamente esse tipo de comportamento e tendência afetados que queremos evitar na nova espécie que estamos a criar. As suas observações são pertinentes e estarei atenta ao modo como Enlil e os seus comandados se comportam entre si.

Assim que chegámos, fomos recebidos por dois seres que nos conduziram ao que me pareceu um salão de reunião. Bem no meio desse compartimento, havia um assento

parecido com um trono e que muito brilhava, pois era todo ornamentado com ouro, o mesmo material que eles tiravam do solo da Terra.

Fomos orientados a permanecer naquele lugar, aguardando que Enlil viesse ao nosso encontro.

Vou adiantar para o leitor que, quando ele chegou, estava vestido com toda uma suntuosidade digna de um rei!

Ao vê-lo, na minha mente, veio a seguinte reflexão:

“Se Zeus estivesse aqui, ficaria com inveja de Enlil.”

CAPÍTULO 9

O PRÍNCIPE ANUNNAKI

“As ideias das pessoas são pedaços da sua felicidade.”

William Shakespeare

Eu não acreditava no que estava a ver! Contudo, vou tentar descrever para o leitor, com o máximo de detalhes que conseguir, o que eu estava a presenciar naquele momento.

Enlil entrou no salão exibindo um manto que era todo revestido em ouro! A capa brilhava tanto que precisei fechar os olhos por alguns minutos, para conseguir mirar novamente o nosso anfitrião. Bem atrás dele, vinham dois seres carregando, lado a lado, as pontas do seu manto, de modo que este não fosse arrastado pelo chão da nave. Ele cumprimentou-nos com o olhar e Prometeu fez-lhe, imediatamente, um tipo de reverência. Eu estava estupefata com aquela cena! Não contava com isso!

Naquele momento, veio a seguinte conclusão à minha mente:

“Enfim, mais um Zeus que se apresenta! Na verdade, parece que Enlil mostra uma soberba ainda maior do que a do ‘Rei do Olimpo’!”

Outros seres que estavam próximo ao pomposo trono instalado no meio do salão, apressaram-se em ajudá-lo a sentar-se, o que Enlil fez de modo teatral e majestoso. Tudo isso ocorria sem que ninguém ousasse expressar qualquer som. Em seguida, ele fitou, vagarosamente, todos os que estavam no recinto e sinalizou para que um dos seus súditos nos trouxesse à sua presença. Quando fomos levados até mais perto dele, permanecemos de pé e em silêncio. Eu e Pirra entreolhámo-nos, pasmas com aquela cena inusitada.

Com um gesto, Prometeu pediu licença para falar com Enlil e ele, sem responder, mas com um movimento da mão, aparentemente permitiu que o titã se dirigisse a ele.

Ao perceber que podia expressar-se, Prometeu deslocou-se um pouco mais para a frente e pronunciou-se:

— Ó “Senhor dos Anunnaki”¹, segundo governante de Nibiru, Príncipe Enlil! Respeitosamente, venho à sua nave e, com a sua permissão, acompanhado dos meus parentes diretos, que desejam conhecê-lo e honrá-lo. Primeiro, quero apresentar-lhe Pandora, descendente de Zeus, o “Rei do Olimpo”, e da deusa titânide Témis. Agora, Pandora não é mais uma olimpiana, pois que fez uma transferência de fase e tornou-se

um protótipo de uma nova espécie que estamos a chamar de biológica. A minha segunda acompanhante é Pirra, filha do meu irmão Epimeteu, um titã de segunda geração, e de Pandora, quando esta ainda era uma olimpiana. Trago-as aqui para que sejam devidamente apresentadas a você.

Enlil, mirando-nos friamente, finalmente expressou:

— Sejam bem-vindas à minha nave. Reconheço a linhagem desta que se chama Pirra, considerando que conheço a sua, Prometeu. Entretanto, não conheço a descendência de Zeus e tampouco a que você se referiu como sendo “biológica”. Do que se trata essa espécie? Gostaria de saber um pouco mais sobre este tipo de ser, pois sinto que, apesar deste espécime que está na minha frente ter uma aparência corporal frágil, existe nela algo de poderoso! Vejo que ela esconde algo que, para os seres menos perceptíveis, passaria despercebido.

E, olhando diretamente para mim, ordenou-me:

— Aproxime-se de mim para que eu possa melhor observá-la!

Fiquei realmente incomodada com aquele tratamento. Quem era ele para me dar ordens?

Prometeu, ao notar que eu não tinha gostado da maneira com que ele se tinha referido a mim, chegou mais perto e sussurrou-me:

— Não o confronte! Seja prudente! Você está num território hostil e perigoso! Eles são muito poderosos! Por que você acha que Zeus e Poseidon estão preocupados com a chegada desses seres aqui nos ambientes terrenos, ó Pandora”?

Para tranquilizá-lo, fiz um leve sinal que havia entendido a sua mensagem e, conforme lhe havia prometido, agi com cautela ao me postar diante de Enlil. Ele me olhou atentamente e pediu a um dos seus pares que lhe trouxesse um equipamento. De posse dessa máquina que eu não saberia explicar do que se tratava, apontou-a para mim, e pude perceber que ele analisava, na tela do aparelho, o resultado que lhe era mostrado. Quando se deu por satisfeito, pediu a Pirra que ficasse à sua frente e procedeu do mesma maneira com ela.

Depois, comentou:

— É muito interessante o que pude apurar! Duas espécies de seres que parecem ser iguais, mas, na realidade, são bem distintas entre si.

— Esta tem uma composição na qual posso ver que as moléculas que formam o seu corpo têm em si um poder de renovação que servirá para que possa viver durante muito tempo — disse Enlil, apontando para Pirra.

— Já o corpo de Pandora, vejo que tem menos tempo — diagnosticou ele. — Entretanto, estou intrigado, pois apesar das poucas discrepâncias que observo entre as duas, existe algo que as diferenciam. Em Pirra, é evidente que as suas moléculas estão estabilizadas, porém, em Pandora, ainda estão em fase de transformação. Portanto, ela não está definida enquanto espécie. É fascinante poder constatar isso!

— Como matéria de pesquisa, Prometeu, quero acompanhar a evolução dela! — expressou ele, voltando-se para o titã. — Parece-me que foi realmente criado algo inédito, mas ainda não definido de todo, ou seja, podendo ainda transformar-se no que não foi elaborado inicialmente para ser. Quem idealizou este espécime e qual o propósito de sua criação?

Eu pensei, intimamente:

“Sem dúvida, Enlil é muito inteligente e tem máquinas impressionantes ao seu dispor! O seu poder de raciocínio é objetivo e linear, o que o diferencia dos olímpianos, pois pensar de maneira lógica não constitui o forte da espécie à qual eu pertenci.”

Do modo mais educado que consegui expressar-me, dirigi-me a Enlil e falei:

— Certamente, que terei todo o prazer de me deixar ser estudada por você, ó Príncipe Enlil!

Prometeu olhou-me com um ar de espanto e logo me endereçou uma mensagem mental:

“Muito bem, ó Pandora!”

Enlil cumprimentou-me com o olhar e disse-me, decidido:

— Quando eu aqui retornar, mandarei os meus emissários chamá-la para vir ao meu encontro! Por agora, preciso falar a sós com Prometeu. Podem visitar outros compartimentos da minha nave, acompanhadas pelos meus serviçais. Designo o comandante desta nave, para essa missão! Dou-lhes licença para perguntarem o que quiserem e o meu súdito tem a minha permissão para responder às suas dúvidas ou questões! Depois que eu terminar de falar com Prometeu, ele irá ao encontro de vocês!

Em seguida, deu a ordem ao comandante que nos guiasse pela nave e para que todos os outros também deixassem o salão. E quando somente permaneceram ele e Prometeu, a porta de acesso foi fechada, lacrando o ambiente em que estavam.

A partir desse momento, não mais pude perceber, mesmo mentalmente, a presença de Prometeu. Era uma conversa que deveria ficar apenas entre eles dois! Contudo, quando saíssemos dali, tentaria descobrir com ele qual era o mistério que envolvia estes seres da nave e o Olimpo.

Agora, tinha a certeza de que Zeus, Témis e Poseidon estavam preocupados com relação aos Anunnaki, porque estes eram perigosos para o mando do “Rei do Olimpo”. Apenas não conseguia entender o motivo pelo qual, eu, uma ex-olimpiana, a que foi humilhada e massacrada pela “Assembleia dos Deuses”, recebi do próprio Zeus a missão de fazer contato com eles. Qual era a verdadeira razão para eu fazer parte deste encontro? Tinha de descobrir o real motivo para eu estar presente ali!

1 Anunnaki — Filho(s) de Anu, cujo significado pode ser entendido como “os que vieram do céu”, “descendência da realeza” ou “prole do príncipe”, são um grupo de divindades sumérias, acádias e babilônicas. Entre os sumérios, os Anunnaki eram creditados como sendo descendentes de Anu, o “deus do céu”, e a sua consorte Ki, a “deusa da terra”. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Anunáqui>

CAPÍTULO 10

PUREZA GENÉTICA

“Choramos ao nascer porque chegamos a este imenso cenário de dementes.”

William Shakespeare

Tenho de admitir que o comandante era um ser muito interessante! Ele era diferente de Enlil, pois não estava a comportar-se connosco igual ao príncipe, ou seja, de modo teatral e pomposo! Inicialmente, visitámos a sala de comando. Ficámos impressionadas com o tamanho dela. O nosso guia explicou-nos que era ali que ele pilotava a nave e que tinha sob as suas ordens mais de dez seres.

Quanto mais adentrávamos a nave, mais nos surpreendíamos com a quantidade de compartimentos que ela possuía. O aposento de Enlil era o maior de todos. Não entrámos nele porque, conforme o comandante nos explicou, somente o príncipe poderia permitir que alguém entrasse naquele recinto.

Chegámos a um local em que vários seres estavam a conversar.

Aproveitei a oportunidade e perguntei ao nosso guia:

— O que vocês tanto procuram no solo terreno? Por que este material que vocês chamam de “ouro” é tão importante para o vosso planeta?

— No nosso planeta, que chamamos de “Nibiru”, temos um enorme problema, pois a camada que o protege das radiações que vêm do espaço, está a deteriorar-se — respondeu o comandante.

— Notámos que o planeta está cada vez mais abalado com a destruição dessa camada e, se nada for feito, Nibiru perderá as suas condições de abrigar vida e, conseqüentemente, o nosso povo perecerá. Por isso, sempre que possível, voltamos aqui com esta grande nave e com os nossos melhores engenheiros e alguns trabalhadores em busca de outro. Levamos este material no intento de restaurar o envoltório protetor do nosso planeta.

— Este ouro, quando transformado num pó fino, é lançado em cima da camada que protege o nosso planeta — continuou ele. — O mais impressionante é que ela absorve este tipo de material de tal maneira que se regenera com ele. Portanto, precisamos voltar à Terra, de tempos a tempos, com o objetivo de retirar o máximo possível desse material, levando-o connosco para Nibiru.

Naquele momento, formulei os seguintes pensamentos:

“Então, era isso! Eles precisam de ouro para salvar o seu planeta e a sua população! Essa era uma informação valiosa!”

— Observei que vocês têm poucos trabalhadores — comentei. — Como fazem para tirar da terra a quantidade que precisam, com tão poucos para essa tarefa?

Ele respondeu-me:

— De facto, para minha surpresa, tenho de admitir que você é perspicaz. Não podemos trazer muitos de nós porque precisamos de espaço para guardar o ouro. Então, viajamos com o mínimo possível de passageiros capazes de executar essa tarefa. Entretanto, sabemos que, em algum momento, teremos de arranjar uma outra solução para esse problema, pois estamos a precisar, cada vez mais, de ouro e não estamos a conseguir captar o suficiente com a quantidade de trabalhadores que dispomos. Como consequência dessa falta de trabalhadores é que estamos a demorar muito mais tempo do que dispomos para finalizar a nossa missão.

— Já tentámos ver se, neste planeta, existiam seres que pudessem servir-nos de trabalhadores — revelou ele. — Entretanto, os que aqui existem são animais não pensantes e, por não conseguirem entender as nossas ordens, inviabilizam a utilização deles para essa finalidade.

— Vocês conhecem alguma espécie minimamente pensante, para que possamos usar no trabalho das nossas minas? — questionou o comandante. — Pergunto-lhes, posto que vocês vivem aqui e talvez conheçam alguma que nós ainda não percebemos. Muito seria útil termos escravos para escavarem em busca de ouro, pois este apenas é encontrado nas profundezas da terra! Os nossos trabalhadores cansam-se bastante e temos de parar muitas vezes para eles se restabelecerem. Se tivéssemos seres, neste planeta, que entendessem as nossas ordens e que pudessemos obrigar a trabalhar o dia todo, resolvendo o nosso problema, certamente, iríamos mais rápido para casa.

Ao ouvir tudo aquilo de alguém que eu achava que era inteligente e razoável, deu-me arrepios só em imaginar o que eles fariam se descobrissem que estávamos a tentar produzir exatamente uma espécie que pudesse pensar por si mesma! Olhei para Pirra, que também o escutava sem nada comentar, e como se tivéssemos chegado à mesma conclusão, ficámos as duas em estado de choque com essa repentina solicitação.

Assim, pensei:

“Como este ser pode achar que eu indicaria uma espécie para que os Anunnaki a transformasse em escravos? Isso era demais para mim! De facto, a única conclusão que eu podia chegar ao ouvir tamanho absurdo, era que eles se mostravam como seres frios e que não se importavam com nada, a não ser consigo mesmos! Essa era a verdade!”

Quando me foquei nos “animais de duas pernas”, rapidamente ficou muito claro para mim que tínhamos de mantê-los escondidos e sequer deveríamos mencionar algo sobre eles, pois, se os seres da nave soubessem da existência dos nossos protegidos, certamente desejariam transformá-los nos seus escravos. E isso, eu nunca permitiria!

Estrategicamente, respondi:

— Não conheço nenhuma espécie que possa servir a esse propósito. Aconselho que traga mais dos seus pares para trabalhar aqui, caso queira lidar com seres que possam entender as suas ordens. De repente, ele questionou-me:

— De qual espécie você faz parte? Você não é igual a esta, ao seu lado. De que natureza é este seu corpo? Há mais seres iguais a você?

O meu senso de perigo logo foi alertado! Ele também estava a observar-me e agora dava claros sinais de que, se existissem mais iguais a mim, esses poderiam ser úteis a eles. Precisava sair dali imediatamente. Não responderia a mais nenhuma pergunta deste ser.

Pirra, tomando a palavra, respondeu-lhe, de modo altivo:

— Pandora é descendente direta de Zeus, o “Rei do Olimpo”! Não existe outro ser igual a ela.

O comandante, olhando-me de cima a baixo, acabou por revelar as suas intenções, quando nos disse:

— Se você não fosse filha do governante deste planeta, sugeriria ao meu rei que acho que você seria um excelente protótipo para criarmos uma nova espécie entre os Anunnaki. Entretanto, penso que ele não aceitaria tal proposta, porque não quer a genética dos Anunnaki misturada com a de outros seres. Somos muito seletivos no que diz respeito à nossa linhagem, portanto, não nos misturamos com outras espécies. Contudo, você me parece uma bela espécie de fêmea.

Escutei aquilo sem acreditar no que ouvia!

Pirra, ao perceber o que este ser estava a expressar, imediatamente o advertiu, de maneira contundente:

— Muito cuidado com o que fala, ó ser inferior à nossa estirpe! Não nos ofenda com as suas palavras! Não sabe com quem fala? Pandora é filha do deus Zeus e da deusa Témis, e as suas ofensas não ficarão sem uma punição!

O comandante ficou sério, porém não alterou o seu semblante ao dizer:

— Peço desculpas se a ofendi de algum modo. Contudo, devo dizer que, para um Anunnaki, ressaltar a genética de alguém, é algo valoroso. Quando fazemos esse tipo de comentário, estamos simplesmente a elogiar o ser a que estamos nos referindo, pois que damos imenso valor à linhagem. Temos muito cuidado em preservar a nossa pureza genética e, quando me referi desta maneira a você, Pandora, é um elogio da minha parte. Entretanto, se a ofendi, peço desculpas mais uma vez, pois não era essa a minha intenção.

Ao ouvir as suas explicações, pensei:

“Estes seres são muito interessantes! Descobrir que os Anunnaki valorizam a pureza genética, era algo que eu não esperava.”

Querendo saber um pouco mais sobre esse assunto, perguntei-lhe:

— Diga-me, comandante, a maneira como vocês fazem para preservar a pureza genética dos Anunnaki? Visto que não se misturam com outras espécies, como vocês criam os seus descendentes? Penso que deve existir uma enorme variedade de seres diferentes entre vocês para poderem fazer algum tipo de combinação genética.

— Não temos uma população muito grande — explicou ele, de modo altivo. — Contudo, procriamos entre nós mesmos, sem que, no entanto, precisemos misturar-nos a outras espécies. Os nossos governantes são os que possuem uma linhagem genética mais pura entre nós, posto que somente se relacionam entre si, ou seja, entre os que fazem parte da família real e, portanto, não se misturam com os demais seres da nossa população. Eles sim, são puros no sentido genético, e por isso nos governam. O resto do povo procria com os integrantes da própria família ou com os de outras famílias de Anunnaki.

Ao ouvir tal explanação, voltei a questioná-lo:

— Se os seus governantes procriam somente entre si, ou seja, entre aqueles que fazem parte da realeza, isso quer dizer que muitos integram a corte real, já que eles não se misturam com o próprio povo. Então, eles devem ser bem numerosos! É isso?

— Diferente disso, pois eles são poucos! — revelou o comandante. — Todavia, todos da realeza descendem do mesmo ramo genético do nosso Rei Anu. Veja Pandora, ele e a nossa Rainha Ki, que é a sua irmã, são descendentes diretos dos nossos mais antigos governantes. O rei manteve a pureza da sua linhagem ao procriar com ela, e deles nasceu o nosso Príncipe Enlil, o seu sucessor. O seu meio-irmão, o Príncipe Enki, é o filho primogênito de Anu.

A nossa conversa foi interrompida quando, repentinamente, Prometeu apareceu ao nosso lado e convidou-nos a retornarmos para casa. Despedimo-nos do nosso guia e seguimos Prometeu para fora da nave.

No caminho de volta, ele permaneceu calado durante todo o percurso, apesar das várias tentativas que fiz para descobrir algo sobre a sua conversa com Enlil.

Quando chegámos ao laboratório aonde Epimeteu se encontrava, quebrando o seu silêncio, inesperadamente, Prometeu anunciou:

Estarei ausente por uns dias. Peço que vocês, Pandora e Pirra, não tentem entrar em contato com os seres da nave. Mantenham-se longe deles e ajam com prudência! Não vale a pena arriscar-se, ó Pandora! Já lhe disse que eles são seres frios, objetivos e inteligentes. Fique afastada deles! Sei que percebeu que você despertou a atenção de Enlil, pois escutei parte da conversa que estavam a ter com o comandante quando me aproximei para chamá-las. Advirto-a que, quando ele mencionou o interesse deles por você, ó Pandora, pode ter certeza que foi a mando do príncipe, pois eles nada fazem sem a sua permissão. Portanto, é obvio que eles estão a tramar algo com relação a você!

— Sei que vocês devem ter também notado que não devemos falar com eles sobre os nossos “animais domésticos” — alertou o titã. — Precisamos manter total sigilo sobre a existência dos “animais de duas pernas” enquanto eles estiverem neste planeta. Enlil comentou comigo que eles andam a investigar se, nos ambientes terrenos, há alguma espécie minimamente racional para que eles possam usar como escravos, para executarem o trabalho que eles não querem fazer, ou seja, descer às profundezas da terra e retirar o outo de lá. Entenda, ó Pandora, que se os Anunnaki descobrirem que estamos a criar uma espécie biológica pensante, certamente eles tratarão de dominá-los, transformando-os em escravos. Por isso, peço que vocês as duas permaneçam longe das “criaturas de duas pernas”!

Depois, dirigindo-se diretamente a Epimeteu, instruiu:

— Fique alerta e de guarda na minha ausência e proteja o ambiente de maneira magnética! Precisamos ter esse cuidado para o caso de algum deles tentar entrar aqui para nos espionar. Penso que Enlil quer retribuir-nos a visita que você fez a ele!

Olhando de modo firme para nós as duas, advertiu-nos:

— É muito importante que vocês as duas não se ausentem dessa proteção que Epimeteu providenciará. Não provoquem nenhum problema com os seres da nave, pois que, sozinho, o meu irmão nada poderá fazer para ajudá-las. Eu não posso ficar por mais tempo, porque tenho uma missão que preciso rapidamente efetivar. Assim, peço-lhes que ajam com cautela e nada façam na minha ausência, pois não conseguirei voltar até que tenha concluído a missão que me foi dada.

Dito isso, Prometeu deu-nos as costas e logo saiu do laboratório. Não pude sequer jurar a ele que nada faria para me colocar em risco e tampouco Pirra. Ele desapareceu bem diante das nossas vistas!

Esta história com os Anunnaki estava a complicar-se cada vez mais! Primeiro, Prometeu saiu numa missão que certamente foi dada por Enlil; segundo, eles buscavam uma nova espécie para escravizar; e terceiro, pelo que pudemos perceber, eles queriam usar-me como um protótipo para poder criar uma outra espécie de seres para os servirem. Por isso, se não tivesse cuidado, com certeza eles iriam capturar-me!

Alguns instantes depois que Prometeu saiu, Pirra falou para mim:

— Temos de protegê-la, ó Pandora! Percebeu que o comandante da nave expressou exatamente o que o meu tio acabou de nos dizer, não é mesmo? Você tem de permanecer dentro da proteção que o meu pai já está a criar. Além disso, não poderemos ir, tão cedo, ao encontro dos “animais de duas patas”. Certamente, nós os colocaríamos em grande risco, se esses seres da nave nos seguissem até ao local aonde os escondemos.

Pensei, comigo mesma:

“E agora, mais essa! Já não bastavam os deuses do Olimpo a vigiar-me e, agora, tenho também os Anunnaki no meu encalço!”

Concordei com Pirra e admiti que estava muito preocupada com a segurança dos nossos “animais de estimação”, até porque já fazia muito tempo que nenhum de nós se encontrava com eles.

Fiquei a imaginar como o “macho especial” estava a sentir-se com a nossa ausência. Será que ele estava bem? Entretanto, diante de tudo o que acabara de ocorrer, sabia que tinha de permanecer por mais um longo tempo sem poder verificar, por mim mesma, a resposta a essa minha inquietação. Intimamente, apenas torcia para que ele não me esquecesse!

UM CONVITE INESPERADO

“Vivo sempre no presente. O futuro, não o conheço. O passado, já não o tenho.”

Fernando Pessoa

Eu estava com muito receio em fazer algo que colocasse os “animais de duas pernas” em risco! Contudo, mentalmente, continuava a procurar opções para ir ao encontro do “macho especial”, mas sem que fosse seguida.

Depois de alguns dias, quando eu ainda buscava um meio de sair da proteção que Epimeteu fez em torno do ambiente no qual residíamos, percebi que outros seres se aproximavam de mim. Quando cheguei ao limite do círculo que envolvia a nossa morada e boa parte do jardim, reconheci, entre eles, o comandante da nave. Eu fiquei surpresa com aquela repentina presença e ríspidamente disse-lhe:

— O que você pretende aqui? Por que veio sem sequer avisar-nos?

Sentindo que não poderia avançar para chegar mais perto de mim, calmamente, ele falou-me:

— Estou aqui a mando do Príncipe Enlil, descendente do meu Rei Anu! Vim fazer-lhe um convite. Ele quer vê-la novamente e a aguarda na sua nave, amanhã, por esta mesma hora. Confirme, para podermos prepará-lo para a sua presença.

Eu fiquei pasma com aquela situação! Eu havia lhe dito que iria quando ele me chamasse. Como me negaria a comparecer a esse novo encontro, sem acarretar algum problema entre ele e Prometeu? O que fazer?

Repentinamente, eis que aparece Epimeteu junto a mim.

Colocando-se à minha frente, advertiu:

— Pandora é minha esposa e eu sou descendente de Jápeto, da primeira geração de titãs! Eu respondo por ela! Do que se trata esse convite?

O comandante olhou com certa frieza para Epimeteu e disse-lhe:

— O Meu Príncipe Enlil convida a sua esposa a estar com ele para que possa conhecer um pouco mais sobre a espécie da qual ela, agora, faz parte. Este convite já foi feito no nosso último encontro, e por isso estou aqui somente para confirmar o dia e a hora. Se é você quem responde por ela, diga-me se Pandora irá ou não!

— Sim, agora me recordo que o meu irmão Prometeu avisou-me sobre este convite — respondeu Epimeteu, alterando a sua voz e erguendo-se acima do comandante. — Diga ao seu príncipe que teremos o prazer de ir ao seu encontro, amanhã. Avise-o que nós dois estaremos na sua nave, neste mesmo horário.

O comandante ficou em silêncio por um momento, como se estivesse a pensar em como proceder e, em seguida, comunicou-nos:

— Avisarei o meu Príncipe que ele receberá dois convidados, amanhã. Se você é quem responde por ela, certamente que teremos de receber os dois.

Despediu-se com um leve baixar de cabeça e seguiu com os demais Anunnaki em direção à nave.

Eu, que estava perplexa com toda aquela situação, falei para Epimeteu:

— O que aconteceu aqui? Por que intervir dessa maneira, ó Epimeteu, afirmando que você mandava em mim?

— Ó Pandora, Prometeu já tinha me alertado que, aproveitando a ausência dele, o Príncipe Enlil tentaria levá-la para a nave, com o objetivo de ficar sozinho com você — justificou o titã. — Portanto, o meu irmão solicitou-me, mentalmente, que não permitisse, de modo algum, que você se encontrasse com ele, sem que eu estivesse presente e que, quando eles viessem, eu os obrigasse a aceitar o meu comparecimento, colocando-me como o seu marido e representante. Assim, eles não poderiam impedir que eu a acompanhasse até à nave deles!

Epimeteu continuou a explicar-me:

— Se não agisse dessa maneira, eles poderiam dizer que não fui convidado e, portanto, não poderia ir junto com você, à Pandora! Não a avisei sobre isso para que você não estragasse o nosso plano. O que importa é que, afinal, a nossa estratégia deu certo! Irei com você, e manteremos uma boa aliança com esses seres da nave.

Reafirmo que não gostei da situação de ser apresentada como propriedade de alguém, mesmo de Epimeteu, que me era muito querido. Apesar disso, tinha que reconhecer que eles haviam montado um excelente plano, pois estava numa encruzilhada terrível, e a intervenção de Epimeteu foi providencial! De facto, irmos juntos deixaria tudo mais calmo, dado que eles pensariam duas vezes antes de me aprisionarem quando acompanhada por Epimeteu.

Agradecendo por mais esse ensinamento, disse para Epimeteu, com enorme satisfação:

— Vocês dois sempre têm um plano para evitar os confrontos! Fico admirada como Prometeu consegue perceber os perigos e precaver-se em relação a eles. Explique-me, ó Epimeteu, como ele consegue pensar em tudo, antecipadamente?

— Isso é bem simples de compreender, minha querida Pandora! — respondeu o titã. — Nós temos milhões de anos de experiência em montar estratégias de guerra, o que faz com que possamos antever algumas situações. Por exemplo, conseguimos vislumbrar uma visão antecipada do que poderá acontecer ao observar, apenas, o comportamento e as possíveis ações que os nossos inimigos tomarão para resolver determinadas situações ou para atingir os objetivos desejados. Então, ao analisarmos, com cautela, as possibilidades, acabámos por ficar entre uma ou duas alternativas, e aí montámos algumas estratégias que respondam à demanda necessária para diminuir os riscos quando nos colocarmos em perigo.

Isso é algo que você precisa aprender, ó Pandora! Primeiro, deve conhecer o seu inimigo e saber como eles agem, descobrindo os princípios que regem as suas ações, de modo a poder usar essas informações a seu favor.

— Repare que Prometeu sabia que os Anunnaki gostam de respeitar as hierarquias — continuou ele. — Portanto, deduzimos que, se eu me colocasse na posição de responsável por você, eles teriam de falar comigo caso desejassem negociar algo relacionado a você. Sendo assim, a partir de agora, Enlil não poderá mais reportar-se diretamente a você e terá que se dirigir a mim, primeiro. Entenda, ó Pandora, que procedi dessa maneira para protegê-la e para que eles soubessem que, se fizessem algo a você, era comigo que eles se resolveriam. Quando se trata de hierarquias, os Anunnaki têm por elas um imenso respeito e veem isso como uma atitude civilizada e superior. Eles são incapazes de desprezar esse tipo de procedimento e, aproveitando-me desse conhecimento, simplesmente agi conforme o modo cultural deles, e por isso o comandante viu-se obrigado a permitir a minha presença na nave, com você! Agora, Pandora, precisamos conversar sobre como agiremos na presença de Enlil. Vamos montar uma estratégia com Pirra, pois, caso corramos algum risco, ela será o nosso apoio fora da nave.

— Tudo isso pode acontecer, ó Pandora — avaliou ele. — Prepare-se para lutar sozinha, caso um tipo de disputa seja provocado pelo clã de Enlil em relação à sua posse. Amanhã, veremos o que acontece, de facto. Eu já havia pensado nesse possível confronto. Saiba que Pirra está a ajudar-me a montar um plano para fugirmos da nave, caso seja necessário. Venha comigo até Pirra, que vamos colocar você inteirada sobre o que já planeámos.

Eu fiquei surpresa com a análise que os irmãos titãs haviam feito sobre o comportamento e as intenções dos Anunnaki. Não suspeitei que algo desse porte estivesse a ocorrer, de tão preocupada que estava em achar uma maneira de visitar os

nossos “animais domésticos”. Realmente, não havia me dado conta do perigo que corria em relação aos seres da nave, e tampouco dos riscos envolvidos!

Ao entramos no laboratório, Epimeteu selou o ambiente e avisou:

— Pirra, chegou o momento! Explique à sua criadora o que planeamos para a nossa fuga da nave e aonde nos esconderemos até ao retorno de Prometeu. Enquanto isso, vou terminar a poção necessária para esconder a genética de Pandora.

E dirigindo-se diretamente a mim, o titã esclareceu:

— Essa nova poção terá a propriedade de camuflar a verdadeira constituição da sua atual genética, ó minha querida Pandora. Se, de algum modo, Enlil conseguir tirar qualquer amostra do seu código genético, este não será o verdadeiro, pois acho que consegui que essa beberagem baralhe o seu código, por algumas horas. Pirra, explique-lhe no que estivemos a trabalhar nestes últimos dias, e já retorno com a poção.

Pirra passou a explicar-me tudo o que haviam feito para me protegerem. Ao ouvi-la, devo confessar que fiquei bastante surpreendida com as suas revelações, pois, conforme já afirmei, sequer tinha percebido o enorme perigo a que estava exposta.

— Pandora, o meu tio percebeu que Enlil ficou extremamente interessado na sua genética — esclareceu ela. — Prometeu está desconfiado que o príncipe está com a intenção de começar a criar, a partir do seu código genético, uma nova espécie para servir de escrava para eles. A novidade é que o meu tio está a suspeitar que o líder Anunnaki quer misturar a sua genética com a deles, visando formar seres mais adaptados à natureza terrena. Enlil vislumbrou essa possibilidade desde a primeira visita que você lhe fez. Então, se ele conseguir retirar o seu genótipo¹, certamente produzirá os novos escravos que precisa. Por isso, logo após a saída de Prometeu, eu e o meu pai passámos a planear o que faríamos caso você fosse convidada a voltar à nave, e montámos uma estratégia.

Mostrando um semblante sério e preocupado, Pirra continuou a explicar:

— De acordo com o nosso plano, o meu pai teria de conseguir acompanhá-la nessa segunda visita a Enlil, o que se dará amanhã. A ideia é que, quando entrarem na nave, você não deve, nem por um momento, ficar longe do meu pai, e é importante que ele conduza a conversa! Escutou com atenção o que acabei de lhe falar, ó Pandora? Não reclame de nada que Epimeteu fizer e sequer desobedeça qualquer pedido ou ordem dele! Isso é fundamental para que o nosso plano tenha sucesso, pois, assim, os Anunnaki respeitarão as decisões que o meu pai vier a tomar com relação a você. Entenda que esse é o motivo pelo qual estou a indicar-lhe a maneira exata de você comportar-se amanhã! Se você desobedecer ou deixar claro que é independente, eles imediatamente deixarão o meu pai de lado e se dirigirão diretamente a você. Ele explicou-me que esses seres da

nave somente respeitam aqueles que são fortes e que mandam nos outros. Por isso, você não deve demonstrar força ou coragem diante deles!

Fiquei realmente indignada com o que acabara de ouvir! De que maneira, eu, que encarei, de cabeça erguida, Zeus e a “Assembleia dos Deuses do Olimpo”, demonstraria fraqueza e submissão na presença de Enlil, o príncipe Anunnaki?

— Como poderei, depois de tudo o que enfrentei, ter um comportamento dessa classe, deixando que me vejam como uma propriedade de alguém? — perguntei a Pirra.

— Você não está a entender a gravidade da situação, minha criadora! — retrucou ela. — Pode perceber isso? Caso Enlil decida transformá-la na sua escrava, e ele tem poder suficiente para fazê-lo, você terá que se defender. O problema é que, sentindo-se indignada e não concordando com o nosso plano, terá que optar pelo combate, e eles a submeterão, pois possuem força física e tecnológica para tal. Se você partir para a luta, eles ganharão, e mesmo se apenas confrontar o príncipe, esses Anunnaki a farão prisioneira, sendo que nem o meu tio poderá ajudá-la. No caso de um conflito dentro da nave, o meu pai será destruído imediatamente e você acabará prisioneira deles! Já antevemos todas essas possibilidades e por isso precisamos que você aceite esse nosso plano! Peço-lhe que compreenda o risco ao qual o meu pai está a expor-se por você!

— Ultimamente, você somente tem pensado numa maneira de visitar os “animais de duas pernas”, de modo que perdeu o senso do enorme perigo que ronda a todos nós! — argumentou Pirra. — O meu pai está a arriscar-se para que você não seja aprisionada, ó Pandora! Espero que leve isso em consideração quando pensar em afrontar esses seres da nave! Estamos todos em perigo, não percebe? Prometeu alertou-nos que não tivéssemos qualquer conflito com eles, pois não sairíamos vivos dele. Compreenda que estou a referir-me ao grande Prometeu, o “Senhor dos Ardis”, que não quer entrar em confronto com eles, pois que sabe que não está a lidar com Zeus ou os deuses dementados do Olimpo.

Eu fiquei surpresa quando percebi que até Pirra, que era muito controlada, estava aflita com a possibilidade de termos sérios problemas com esses seres da nave.

Na tentativa de tranquilizá-la, disse:

— Acalme-se! Nada farei para colocar Epimeteu em risco e tampouco você! Garanto-lhe que agirei de acordo com «o cuco vemos está me orientando. Seguirei o plano elaborado, pois confio em todos vocês! Se eu ainda não consegui compreender a gravidade da situação, é devido ao fato, conforme você bem disse, de que nos últimos dias ando somente pensando em como achar um jeito de estar com os nossos “animais domésticos”. Entretanto, continue a me explicar como tenho de me comportar, que agirei conforme as suas orientações. Peço desculpas se me ausentes do convívio de vocês e das preocupações que, certamente, também deveriam ser minhas! Vamos, explique-me tudo com mais detalhes, que ajudarei no que for possível!

Ao me expressar assim, senti que Pirra finalmente relaxou e, ao fazer Isso, percebi que ela estava mais próxima a mim, pois há alguns instantes, estava me tratando como uma demente qualquer do Olimpo!

Tive que admitir que ela tinha razão! Nos últimos tempos, estive apenas a endereçar o foco da minha atenção para os “seres de duas pernas”, esquecendo-me das demais situações que nos envolviam e dos perigos que poderiam tanto me destruir como também aniquilar aqueles a quem eu mais valorizava!

1 **Genótipo** é o conjunto de genes do indivíduo. <https://wwwbiologianet.com/genetica/conceitos-genetica.htm>

O SOFRIMENTO DE PIRRA!

“Tudo o que se passa no onde vivemos é em nós que se passa. Tudo o que cessa no que vemos é em nós que cessa.”

Fernando Pessoa

E pimeteu, ao entrar no laboratório, disse-me:

— Vem, ó Pandora, e tome esta poção para podermos analisar o resultado. Preciso ter certeza de que ela conseguirá baralhar o seu código genético. Beba-a, porque precisamos esperar por uma hora, pelo menos, para verificar se funcionou ou não!

Tomei a poção e, para passar o tempo de espera necessário, ficámos ali, a analisar possíveis rotas de fuga, caso fôssemos atacados dentro da nave. Notei que Pirra estava bastante inquieta.

Quando Epimeteu se ausentou um pouco do laboratório, perguntei-lhe:

— Por que você está tão aflita, minha filha?

— Ó Pandora, não consigo compreender o motivo de termos de ficar, o tempo todo, a montar estratégias para poder sobreviver! — respondeu ela, desabafando. O meu pai não aguenta mais isso! Vejo que se esforça no sentido de manter o foco da sua atenção nas nossas necessidades, porém, esse esforço é demasiado para ele! Como não se interessa mais por conflitos e por seres que somente pensam em conseguir mais poder, ele sofre ao ter que lidar com o cenário atual. Epimeteu confessou-me que se eu ou você não existíssemos na sua vida, ele já teria se transportado para um dos seus mundos virtuais, pois lá ele é feliz, visto que tudo acontece da maneira que ele quer. Às vezes, pergunto-me se devo mantê-lo aqui, junto a nós, somente por causa do seu conhecimento em fabricar poções que nós precisamos para nos manter vivas! Eu ando a pensar que não estou a ser uma boa filha ao agir desse modo.

Por alguns instantes, fiquei a olhar para Pirra enquanto me perguntava como não pude notar que ela e Epimeteu estavam a sofrer com todas as disputas e ardis em que eu e Prometeu estávamos metidos. Então, argumentei:

— Ó Pirra! Vejo em você alguns traços que antes não havia. Exatamente quando você começou a pensar dessa maneira? Desde quando passou a apresentar esse tipo de sentimentos, pois preocupar-se dessa maneira com outro ser, não é próprio nem da

natureza dos titãs nem da dos olímpianos. Sei que você guarda um apreço muito grande pelo seu pai, porém, conseguir colocar-se no lugar dele e compreender a sua dor, isso é novidade para mim! Você percebe que está a ter emoções e sentimentos que não são próprios da sua natureza, ó Pirra?

Ela pensou por alguns segundos e, em seguida, confirmou:

— Sim, tenho me observado e vejo que estou a ter sensações que não consigo definir. Alguns dos meus pensamentos são reflexos dessas sensações que passaram a encontrar guarida no meu modo de ser. Não sei explicar como ou o porquê disso ocorrer comigo. Entenda, ó Pandora, que eu até mesmo ando a “sofrer”, seja lá o que isso signifique, por causa do “sacrifício” do meu pai!

Eu tentei entender como Pirra estava a desenvolver esse tipo de emoção e, principalmente, os sentimentos que não são próprios da natureza dela, que é uma parte olímpiana e outra titânide. De repente, recordei-me de que ela foi engendrada depois que eu havia me modificado, ou seja, já era metade biológica e metade olímpiana. Provavelmente, a minha parte biológica foi repassada para ela. Só podia ser isso! Ela possuía a minha genética, portanto, também tinha uma parte biológica, e baseado no que ela havia me revelado, seguramente, estava a passar por algum tipo de transformação que estava a mexer com o seu código genético! Parecia-me que Isso estava a acontecer de modo natural e devagar com ela, a partir das novas circunstâncias e acontecimentos que estava a ser obrigada a vivenciar nos últimos tempos.

Essa minha constatação causou-me uma enorme surpresa e quando Epimeteu retornou ao laboratório, perguntei-lhe:

— Ó Epimeteu, você acha que é possível que Pirra transmute de fase sem que, no entanto, ela precise beber as poções que eu tomei para realizar isso? Andei a refletir sobre essa questão e concluí que, talvez, a minha genética biológica foi repassada para ela, e com as contínuas mudanças e perigos que estamos a passar nestes últimos tempos, penso que ela esteja a alterar o seu código genético, anexando a parte biológica, vinda de mim, na sua composição corporal de titânide e olímpiana. O que acha? Isso é possível?

Ele observou Pirra por um instante e sugeriu:

— Podemos fazer alguns testes em Pirra para verificar se os genes dela estão em mutação, ó Pandora! No entanto, neste momento, não podemos perder o foco da nossa atenção no que estamos a fazer. Deixe-me analisar se consegui desconfigurar o seu código genético. Tenho aqui o seu verdadeiro código e vou compará-lo com a amostra que agora vou retirar de você. Logo, veremos se eu consegui o meu intento!

Epimeteu coletou uma amostra do meu fluido corporal alterado, utilizando-se de um aparelho parecido com o que vocês, os humanos da atualidade, usam para retirar o

sangue quando precisam fazer algum exame. Em um outro equipamento, ele inseriu as duas amostras, uma ao lado da outra, e observou os resultados num tipo de lupa.

Contente com o que viu, ele chamou-nos:

— Aproximem-se e vejam se eu estou correto ao afirmar que consegui! Venha primeiro você, ó Pirra! Observe bem os filamentos do código verdadeiro e, em seguida, verifique se a estrutura do segundo, o alterado, é diferente. Analise com cuidado!

Alternadamente, Pirra observou as duas amostras por algumas vezes e, finalmente, afirmou:

— Posso perceber, claramente, que uma difere da outra. Eu reafirmo a sua constatação, que os códigos genéticos são diferentes entre si, meu pai!

Em seguida, Epimeteu solicitou-me que aplicasse o mesmo procedimento usado por Pirra, na observação dos resultados das duas amostras. Eu analisei com muita atenção e afirmei-lhe que também encontrei diferenças entre os dois códigos genéticos das duas amostras testadas.

— Está feito! — exclamou um Epimeteu todo satisfeito. — Pandora, você precisa tomar essa poção de quatro em quatro horas. Vamos começar por agora a contagem do tempo. Fiz o suficiente para que você possa bebê-la por até três dias, no caso de ficarmos presos na nave de Enlil, de modo a manter o seu código genético verdadeiro a salvo deles. Vou esconder a poção junto a mim. Você deve tomá-la antes de entrarmos na nave, e se passarmos lá dentro mais do que quatro horas, teremos de achar uma maneira para que você volte a bebê-la. Para que essa nossa estratégia dê certo, é imperioso que você não fique longe de mim nem por um momento.

— Acredito que Pirra já tenha lhe explicado que, diante daqueles Anunnaki, você deve obedecer-me, parecendo submissa a mim, e que não pode confrontar-me ou mesmo responder-me diante deles — falou o titã. — Compreendeu a importância disso, ó Pandora? Se você reagir às minhas ordens, nada poderei fazer caso Enlil me peça para sair da nave sem você! Óbvio que, se isso ocorrer, haveremos de lutar pela sua posse, depois! Está ciente que seremos apenas nós dois contra quase uma centena de seres fortes, inteligentes e armados com tecnologias que desconhecemos? Está a entender os riscos que corremos, até mesmo de finalização para estas nossas existências, ó Pandora?

— Sim, ó Epimeteu! — respondi. — Pirra alertou-me sobre eles. Garanto-lhe, mais uma vez, que nada farei para nos colocar em conflito com o clã de Enlil!

— Por segurança, vamos repassar o nosso plano diante de todas as possibilidades que poderemos enfrentar, ou seja, no caso de tudo correr bem ou se houver conflito — decidiu Epimeteu, preocupado. — Temos que estar preparados para essas duas hipóteses.

Permaneci, por algum tempo, a observar aqueles dois seres que me eram tão queridos e compreendi, finalmente, que não poderia deixar que eles fossem destruídos. Não permitiria que ninguém os magoasse, e isso eu jurei para mim mesma! Em vista dessa certeza que crescia no meu íntimo, comecei a planejar uma saída de emergência para o caso de Epimeteu ou Pirra ficarem em condições inseguras, se eu chegasse à conclusão que um conflito seria inevitável. Estava disposta até a firmar qualquer acordo com Enlil, mas não deixaria que eles fossem destruídos ou aprisionados por minha causa. Quanto a isso, eu tinha plena convicção!

O SEGUNDO ENCONTRO OFICIAL COM ENLIL

“Qualquer indivíduo é ao mesmo tempo indivíduo e humano: difere de todos os outros e parece-se com todos os outros.”

Fernando Pessoa

No dia e hora combinados para comparecermos à presença de Enlil, dirigimo-nos até à sua nave. Lá chegando, fomos recebidos pelo comandante, que nos saudou e informou que o Príncipe Enlil nos aguardava no salão principal.

Quando entrámos no salão, deparámo-nos com uma cena no mínimo inusitada, que vou detalhar para o leitor. Enlil estava vestido de maneira simples, com uma vestimenta muito parecida à do comandante. Devo admitir que vê-lo assim, causou-me imensa surpresa, pois esperava que ele estivesse ornamentado com todo o aparato de roupas suntuosas que vestiu no nosso primeiro encontro na nave. O que o distinguiu dos demais era somente algo similar a uma coroa repleta de pedras, que ele usava na sua cabeça. No local, havia sido posta uma “mesa” com algumas “comidas e bebidas”, comparando com o que os humanos da atualidade entendem na Terra. Em seguida, ele convidou-nos para nos sentarmos à mesa e ordenou que nos servissem.

Epimeteu, percebendo o perigo daquela situação, mentalmente alertou-me para que eu nada consumisse, pois desconfiava que poderia ser algum ardil para drogar-nos ou algo do género.

Notando que estávamos em estado de defesa, Enlil disse-nos, educadamente:

— Vejo que estão nervosos com esta visita. Não há com o que se preocupar, Epimeteu, pois já o desculpei pela sua atrevida ousadia em entrar na minha nave sem a minha permissão. E, quanto a você, Pandora, convidei-a pessoalmente para aqui retornar. Nós, os Anunnaki, somos um povo civilizado e não maltratamos ou sequer subjugamos os nossos convidados. Estão diante de um possível rei do nosso povo, portanto, a minha palavra é sagrada. Não há com o que se preocuparem. Peço que partilhem comigo o banquete que foi feito em homenagem a vocês, os meus dois convidados.

Compreendendo que seria inevitável que partilhássemos com o príncipe aquele momento, Epimeteu disse:

— Agradecemos imensamente, ó Príncipe Enlil pelo seu convite! É uma honra estarmos aqui na sua presença. Eu e a minha esposa Pandora viemos de bom grado ao seu encontro e partilharemos com você desta oferenda tão gentil que está a proporcionar-nos. Entretanto, gostaria que nos explicasse de que são feitos estes alimentos e estas bebidas, pois fiquei muito curioso a respeito da maneira como vocês se alimentam e, principalmente, com o requinte destas preparações.

Reparei que Epimeteu estava a levar a conversa para o campo das futilidades, talvez para distrair Enlil e fazer com que o tempo gasto na nave fosse em torno de temas banais.

Enlil entrou no jogo e passou alguns momentos a explicar-nos como eles preparavam o seu alimento. Depois de uma longa explanação que envolveu outros seres Anunnaki, repentinamente ele voltou-se para mim e perguntou-me diretamente:

— Gostaria que me falasse um pouco mais sobre a sua espécie Pandora.

E dirigindo-se a Epimeteu, pediu-lhe:

— Gostaria que lhe desse permissão para que ela me respondesse, Epimeteu. Compreendo que ela é sua propriedade e sei que somente poderá responder-me se você permitir. Portanto, solicito-lhe que dê a sua autorização para que ela possa explicar-me o que acabei de lhe questionar.

Ao escutar esse diálogo, fiquei totalmente em alerta com relação ao que ele acabara de fazer e, mentalmente, questionei Epimeteu se ele havia percebido que Enlil estava a provocar-nos.

Epimeteu entendeu o meu alerta e, extraordinariamente calmo e de modo firme, disse-lhe:

— Sim, Príncipe Enlil, dou permissão para que Pandora, a minha esposa e propriedade, reporte-se a você diretamente quanto à questão feita. Entretanto, gostaria de lhe solicitar que, a partir deste momento, qualquer assunto relacionado a ela, primeiro deve ser direcionado a mim. Espero que você e os seus comandados respeitem a minha esposa conforme as regras da boa convivência e civilidade que regem o seu povo. Digo isso porque o seu comandante fez algumas insinuações que desrespeitaram a minha esposa e quero deixar claro que tal deselegância não deve repetir-se! Suponho que os seus súditos se comportarão como o seu rei ou como o seu príncipe!

Enlil, extremamente surpreso com as palavras de Epimeteu, falou:

— Peço desculpas se o meu comandante foi descortês com a sua esposa. Isso não voltará a acontecer. Conforme você disse, somos um povo civilizado e, portanto, respeitamos as regras da boa convivência e não nos comportamos como alguns povos brutos e animalizados que vivem neste planeta. Garanto-lhe, e esta é a palavra do Príncipe Enlil, futuro governante do planeta Nibiru, que a sua esposa não será novamente maltratada por mim ou por aqueles que me servem diretamente! A minha palavra é uma ordem!

Eu fiquei impressionada com o ardil que Epimeteu acabara de pregar em Enlil! Ele tinha dado uma ordem real para que eu não fosse mais molestada pelos servos que estavam ao seu serviço direto, e isso incluía o comandante da nave!

Aproveitando o momento, dirigindo-me diretamente a Enlil, revelei:

— O meu esposo permitiu-me falar, e agora posso responder-lhe com maior clareza, ó Príncipe Enlil. Eu não tenho espécie. Sou um ente único. A minha genética é o resultado de várias combinações. Sou um ser em estado de transmutação, e por isso você percebeu a diferença entre mim e a nossa filha Pirra.

Enlil, que estava atento à minha explicação, questionou:

— Como ocorreu essa mistura genética e qual o propósito desse processo? Se bem me lembro, você é filha do rei deste planeta. Então, por que ele deixou que um dos seus descendentes diretos fosse manipulado geneticamente? Isso fere completamente a pureza genética da realeza! Não consigo compreender como ele permitiu tal propósito! Para quê misturar uma genética pura com uma outra de gerações passadas de titãs, e até com essa nova que você mesma chamou de biológica? Por qual motivo ele consentiu algo tão terrível?

Sem me dar tempo para responder-lhe, e como se estivesse a pensar em voz alta, Enlil continuou a expor as suas dúvidas:

— Diga-me, Pandora, o seu rei e senhor anda a produzir uma nova espécie de seres para compor a realeza? Se assim for, por que essa junção de tantas outras genéticas? Não consigo entender as motivações para essa mistura tão complexa! Para o meu povo, isso é uma verdadeira afronta! A genética real nunca foi misturada com qualquer outra! Não aprovamos esse tipo de atitude! Eu, que faço parte da realeza, sou filho do Rei Anu e da sua irmã e esposa Ki. E eles são descendentes diretos dos reis e das rainhas anteriores, que também pertenciam à mesma família. Todos os indivíduos da realeza do meu Planeta vêm do mesmo ramo familiar e, portanto, possuímos a mesma genética!

— Afinal, qual o propósito para a sua criação? — indagou o príncipe, mais uma vez. — Por que essa mistura genética? O que significa tornar-se um ser biológico? Esta é a questão que mais me intriga!

Ficámos, eu e Epimeteu, totalmente em alerta! Ele estava a ser bastante assertivo ao demonstrar claramente o seu interesse com relação a entender do que se tratava um ser “biológico”!

Assim respondi, depois de perceber um sinal de Epimeteu para que eu continuasse a minha explicação:

— Ó Príncipe Enlil, dos planos do meu pai e rei, nada sei! Para obter tais respostas, você deve dirigir-se a ele e perguntar-lhe pessoalmente. Quanto a tornar-me um ser “biológico”, devo admitir que também nada sei a esse respeito. O que percebo é que, a partir da mutação que me foi imposta, passei a ter componentes em mim que não são iguais aos que eu tinha quando era totalmente olimpiana. Apenas isso posso afirmar-lhe. Eu ainda sou uma olimpiana e como tal ainda tenho o meu poder mental e o meu corpo celular. No geral, nada mudei. Somente passei a sentir algumas diferenças no campo das emoções. Penso que, nesse quesito, os olímpianos ou vocês Anunnaki não possuem algo significativo no que diz respeito ao que estou a chamar de “emoções e sentimentos”. Ao observar o comportamento de vocês, cheguei à conclusão de que a sua espécie não é dada a ter emoções ou sentimentos do porte que ando a experimentar!

Enlil, olhando diretamente para Epimeteu, solicitou-lhe:

— Epimeteu, peço permissão para realizar alguns testes na sua esposa. Tenho aparelhos que poderão verificar a sua genética e saberemos imediatamente qual é o resultado dessa leitura. Ela nada sofrerá, isso posso afirmar-lhe. Para fazer essa avaliação, somente precisamos retirar um pouco do seu fluído vital, e logo teremos a resposta para as questões que aqui abordamos. Temos a capacidade tecnológica para averiguar do que se trata essa parte biológica que agora faz parte do seu corpo. Peço-lhe que nos deixe pesquisar, na sua presença, a sua esposa e propriedade.

Epimeteu manteve-se frio e impassível diante do olhar firme que Enlil direcionou a ele, e demonstrando claramente o seu descontentamento com relação ao pedido de Enlil, anunciou:

— Ó Príncipe Enlil, pensa que permitirei que a minha esposa seja assim tratada? Se foi para esse fim que aqui fomos convidados, digo-lhe que iremos embora, imediatamente! Você convidou-nos a vir, mas agora revela-nos o real propósito deste convite! Entrei como seu convidado e daqui sairei da mesma maneira. Não admito que toquem na minha esposa! Devo adverti-los que não permito e sequer autorizo que, na minha presença ou na minha ausência, isso seja feito!

— Sairemos imediatamente desta nave, pois considero esta solicitação uma verdadeira afronta! — declarou o titã. — Entretanto, Príncipe Enlil, antes devo dizer-lhe que não é civilizado e sequer cortês da sua parte, assim tratar os seus convidados! Não se faz esse tipo de pedido a um marido, ó Príncipe Enlil. Digo-lhe que me sinto extremamente ofendido e, por isso, tenho o dever de me retirar imediatamente daqui!

Ao pronunciar essas últimas palavras, o titã levantou-se bruscamente, indicando que aquela visita estava encerrada.

Enlil, que a tudo escutava em profundo silêncio, finalmente respondeu a Epimeteu da seguinte maneira:

— Não tive a intenção de ofendê-lo e tampouco à sua esposa. Entendo a sua reação. Como um ser civilizado que sou, compreendo que, por se tratar da sua esposa, é aceitável que não me autorize fazer alguma intervenção no sentido de pesquisar ou testar a sua composição corporal. Eu permito que saiam da minha nave. São meus convidados e sairão daqui do mesmo modo que foram recebidos, ou seja, acompanhados dos meus súditos e em segurança.

— Entretanto, devo admitir que o meu interesse ao fazer essa solicitação se deve apenas ao facto de querer compreender o motivo pelo qual o rei deste planeta violou a pureza genética da sua realeza — declarou Enlil. — Gostaria de entender do que se trata esta composição corporal que vocês chamaram de “biológica”. São interesses puramente científicos. Contudo, neste momento, sem a sua permissão, nada será feito, asseguro-lhe, Epimeteu. Aqui me despeço de vocês e lhes garanto um pacífico retorno ao seu lar. Todavia, digo-lhes que não mais serão convidados à minha presença. Reafirmo-lhe que, por não ter a sua permissão para me aproximar da sua esposa, respeitarei plenamente a sua decisão. Dito isso, peço-lhes que deixem a nave.

Depois de ouvir o príncipe, imediatamente levantei-me e fiquei junto a Epimeteu, que se despediu fazendo uma breve reverência a Enlil. Assegurando-se que eu estava com ele, o titã conduziu-me diretamente para fora da nave. Ao sairmos, ele, que estava o tempo todo ao meu lado, falou-me mentalmente:

— Isto não acabou, Pandora! Enlil somente mencionou que ele não chegaria perto de você sem a minha presença ou permissão. Entretanto, não assegurou ou sequer ordenou que os seus serviçais também não o fizessem, ou seja, eles não estão obrigados a cumprir essa determinação. Consegui que ele apenas ordenasse aos seus serviçais que não a maltratassem! Portanto, Pandora, o que conseguimos neste encontro foi impedir que, hoje, você fosse investigada. Entretanto, não consegui evitar que, em algum outro momento, algum dos comandados do príncipe tente efetivar essa pesquisa!

Saímos apressadamente e encontrámo-nos com Pirra, que esperava fora da nave. Em todo o percurso de retorno, Epimeteu permaneceu em silêncio. Mentalmente, disse a Pirra que nada lhe perguntasse sobre o que havia acontecido dentro da nave, e que depois conversaria com ela a respeito do que ocorreu lá.

Por hoje, pensei comigo mesma, bastam os problemas deste dia! Acabámos de passar por um desafio e, nos dias seguintes, resolveríamos outros, que certamente aparecerão!

CAPÍTULO 14

A IRA DE ZEUS

“Se queres ser feliz neste mundo, estrangula a tua consciência!”

Friedrich Nietzsche

Enquanto caminhávamos de volta para a nossa habitação, eu e Pirra permanecemos um pouco para trás e deixámos que Epimeteu ficasse sozinho com os seus pensamentos. Eu sabia que ele estava deveras preocupado e que não falaria connosco até que conseguisse achar uma solução para as questões que ficaram pendentes!

Expliquei para ela:

— Hoje, conseguimos evitar que eu fosse investigada. Contudo, não conseguimos que Enlil desse uma ordem direta aos seus comandados para que eles não voltassem a aproximar-se de mim. O seu pai não ficou satisfeito com isso e anda nervoso, tentando achar uma solução para resolver esse problema. É melhor que o deixemos em paz, pois ele somente falará connosco quando tiver tudo equacionado.

Pirra concordou comigo e passou a narrar-me o que observou enquanto estávamos dentro da nave:

— Esses seres extraterrestres são altamente organizados, ó Pandora. Eles dividem-se em grupos para descer ao fundo da terra e somente retornam quando as caixas que trazem, estão extremamente cheias de ouro. Principalmente por carregarem tanto peso, eles chegam exaustos à superfície, e ao entrarem na nave, não retornam mais. Depois, outros saem de lá e os substituem na mineração. Penso que esse labor é altamente desgastante para eles! Deve ser por isso que o príncipe Enlil está com a intenção de criar escravos para realizar esse serviço por eles. Acredito que os “animais de duas pernas” não aguentariam muito tempo se tivessem de trabalhar embaixo da superfície da terra. Portanto, mais do que nunca, devemos mantê-los em segurança e longe dos Anunnaki!

Devo confessar que estava a ficar cada vez mais aflita com tudo aquilo! Já não bastava ter de me preocupar com as investidas de Zeus e de Témis e agora teria de me cuidar até mesmo em relação aos Anunnaki! Tinha de admitir que, desde que vim morar com os irmãos titãs, a minha vida nunca mais foi como aquela que eu levava quando vivia no Olimpo, pois de surpresa em surpresa, estava a ser obrigada a aprender a raciocinar rápido e a montar estratégias para solucionar os problemas que apareciam. Sentia-me bastante diferente! Com certeza, o meu cérebro de quando eu somente era uma olimpiana, também havia mudado, e os meus pensamentos, antes similares ao do

psiquismo de uma criança pequena, agora apresentavam uma magnitude tal, parecido aos de um adulto que já viveu muitas experiências!

Para meu total espanto, ao entrarmos no laboratório de Epimeteu, eis que nos deparámos com um emissário de Zeus, que já se encontrava à nossa espera!

Vendo mais esse desafio, refleti:

“Não acredito! Acabei de sair da nave, e Zeus já tomou conhecimento disso!”

Novamente, Horas, um dos filhos diletos da deusa Témis, sem meias-palavras, anunciou:

— A nossa criadora e deusa Ihe ordena que me siga imediatamente ao salão principal do Olimpo, ó Pandora!

Pirra, que estava ao meu lado, fez menção de me acompanhar, mas Horas logo protestou:

— Você não foi chamada! Somente Pandora deve ir!

— Pirra irá conosco, ó Horas! — insisti, usando-me de um tom decisivo. Ela tem informações preciosas para revelar a Zeus e à deusa Témis! Seguramente, eles desejarão saber o que Pirra descobriu.

— Horas ficou em silêncio por alguns instantes e logo se pronunciou:

Sim, a deusa Témis autorizou a entrada de Pirra no Olimpo. Sigam-me! Não percamos mais tempo, pois o “Rei do Olimpo” já as espera e, com ele está Poseidon, o “Rei dos Ambientes Aquáticos”!

Pensei, comigo mesma:

“E mais essa! Até Poseidon estará presente! Nada mais falta acontecer hoje!”

Epimeteu, que até então estava em algum local do laboratório, repentinamente apareceu e questionou-nos sobre o que estava a acontecer.

Mantendo a calma, esclareci:

— Não há com o que se preocupar, ó Epimeteu. Reportaremos a Zeus e à deusa Témis o que vimos na nave, pois Pirra irá comigo.

Ao ouvir isso, Epimeteu agigantou-se e, num tom de causar medo em qualquer um, falou diretamente ao emissário de Zeus:

— As duas não saem daqui sem mim! Diga a Zeus e a Témis que eu também irei, já que estive por duas vezes dentro da nave e mantive contato com esses seres. Portanto, tenho mais informações sobre eles do que as duas juntas!

— Não vamos ficar a discutir! Andem todos vocês! — falou Horas, rapidamente, impaciente com tantas intervenções. Eles já nos aguardam há muito tempo!

Seguimos Horas em direção ao Olimpo. No caminho, Epimeteu falou-me, mentalmente e de modo autoritário, que eu o deixasse conduzir a conversa com eles, ordenando-me que não interferisse no seu relato e, principalmente, apenas respondesse àquilo que me fosse perguntado diretamente. Advertiu-me que Poseidon estaria presente e com ele a conversa deveria ser a mais direta possível, pois o “Rei dos Mares” era bem mais esperto que Zeus e, certamente, perceberia, se mentíssemos para eles. Em seguida, olhando-me profundamente, expressou que eu havia cometido um erro enorme ao trazer Pirra a esse encontro no Olimpo e que eu deveria tê-la mantido, a todo o custo, fora desta reunião, pois agora Zeus conheceria a nossa filha e não seria nada prudente que ele percebesse que ela era um protótipo melhorado da estirpe dos olímpianos!

Eu respondi-lhe, também mentalmente, que foi Pirra que tinha decidido ir, e o lembrei que nós estaríamos igualmente presentes e que a protegeríamos! Ademais, é evidente que Zeus já sabia da existência de Pirra e que, seguramente, ele já a estava a observar há muito tempo. Expliquei-lhe que Pirra precisava conhecer a estirpe da qual ela também fazia parte, e este era o momento para ela perceber com quem estava a lidar! Finalizei a questão afirmando que não conseguiríamos mantê-la escondida por muito mais tempo! Ele que, obviamente, mostrava-se contrariado, assim permaneceu e ficou em silêncio por todo o trajeto.

Ao chegarmos ao Olimpo, Horas levou-nos diretamente ao salão principal, e lá não estavam somente Zeus, Poseidon e Témis, mas também Ares e Atena.

Deduzi que eles estavam preparados para uma guerra!

Dirigindo-se ao “Rei do Olimpo”, Epimeteu justificou-se:

— Ó Zeus, vim ao seu encontro para lhe narrar o que vi e ouvi nas duas oportunidades que estive dentro da nave dos seres que se autodenominam como Anunnaki. Acredito que será muito útil o que pude observar, pois permaneci, por toda uma noite, dentro dos aposentos de um dos príncipes dos Anunnaki.

— Conte-nos tudo, ó Epimeteu! — solicitou Zeus, que o havia escutado com muita atenção. — Fale-nos o que observou sobre o comportamento desses seres e, em especial, do príncipe! Ares e Atena aqui estão para ouvir e prontamente montarem uma estratégia para subjugar-los completamente!

Demonstrando a sua ira de modo muito claro, Zeus expressou-se, de modo veemente:

— Como eles ousam aportar nos ambientes terrenos sem a minha permissão! Eles verão com quem estão lidando?! O nosso irmão Hades, o “Rei do Submundo”, também está ciente da entrada desses seres nos ambientes terrenos e aqui virá para saber qual a nossa decisão com relação a essa afronta, no que diz respeito à invasão dos nossos domínios, principalmente do dele, posto que estão a escavar nas profundezas da Terra! É importante que você nos relate tudo o que você viu e ouviu, ó Epimeteu, pois logo esses invasores saberão que isso não ficará assim!

Epimeteu narrou com detalhes o que ele presenciou dentro da nave e também falou a respeito do material que eles estavam a retirar do planeta.

Em seguida, o titã abordou-me mentalmente, pedindo-me para dizer a Pirra que se mantivesse calada e que apenas observasse tudo, pois não deveria, de modo algum, chamar a atenção para ela! Estando de acordo com ele, comuniquei-me mentalmente com Pirra e lhe repassei essas instruções. Ela aceitou ficar em silêncio, entendendo que essa era a melhor opção a se adotar naquele momento.

Aos começar a falar sobre o ouro que eles extraíam do fundo da Terra e do quanto esse material era fundamental para sobrevivência e manutenção do planeta de origem dos Anunnakis, chamado por eles de Nibiru, Epimeteu atraiu, propositadamente, a atenção de todos para si.

De repente, Poseidon interrompe a narrativa de Epimeteu e reportando-se diretamente a Zeus, comentou:

— Eu o adverti, ó Zeus, que estes seres estavam a tirar da Terra algo que era extremamente importante para eles! Agora sabemos o motivo disso! Temos de impedir que eles continuem a remover esse material do nosso domínio, e você, que é o nosso rei, deve ordenar, imediatamente, aos doze deuses da Assembleia do Olimpo, que se preparem para a guerra! Não podemos permitir que esses seres aqui venham e roubem algo que é nosso e nos pertence, ó Zeus! Você deve mostrar a eles quem é que manda neste planeta!

Nisso, Hades chegou ao salão e foi logo respondendo ao apelo efusivo de Poseidon:

— Já não era sem tempo entrarmos em guerra com esses invasores, ó irmãos! Os meus domínios foram violados! Esses seres invadiram as profundezas da terra e eu não mais permitirei tal afronta! Aqui vim para resolvermos essa questão!

Epimeteu voltou para o nosso lado e disse-nos, mentalmente, que permanecêssemos quietas e caladas, pois agora era com os deuses do Olimpo, e o quanto menos fossemos percebidos, melhor seria para nós.

Dirigindo-se primeiro a Zeus e depois aos demais deuses, Témis expressou:

— Ó deuses do Olimpo, devemos tratar dessa questão em sigilo absoluto. Acalmem-se e vamos deliberar quais as ações que tomaremos com relação à ameaça que esses seres representam para nós. Contudo, esse é um assunto que deve ser tratado somente pelos deuses do Olimpo. Portanto, peço que Zeus ordene a Epimeteu e às suas acompanhantes que saiam imediatamente daqui. No salão principal somente deve permanecer a elite dos deuses!

Concordando com Témis, Zeus ordenou-nos:

— Saiam agora mesmo do Olimpo! Nós, os deuses, resolveremos esta questão! Não comentem com ninguém nada do que aqui foi dito, e continuem a observar esses seres da nave. Se algo perceberem de importante, devem rapidamente reportar as suas observações à deusa Atena. Essa é a minha ordem, ó Epimeteu! Você deve repassar essa minha ordem também a Prometeu. E, afinal, por onde ele anda? Por que aqui não se apresentou?

— Ó Zeus, Prometeu saiu em mais uma das suas viagens e você bem sabe que nós não conseguimos localizá-lo quando isso acontece — respondeu o titã. Todavia, antes de partir, deixou-me ciente das suas ordens e que deveria reportar-me diretamente a você a respeito das observações que eu estava a levantar com relação aos Anunnaki.

Zeus escutou as explicações de Epimeteu e, em seguida, virando-se para Poseidon e Hades, comentou:

— Prometeu deve estar a montar algum artil para podermos destruir esses invasores. Vamos aguardar pelo seu retorno e logo saberemos o que ele anda a tramar.

Dirigindo-se diretamente a Atena, Zeus ordenou:

— Convoque a “Assembleia dos Deuses”, sem perda de tempo!

Erguendo a voz de modo firme e olhando diretamente para Hades, Zeus garantiu-lhe:

— Combateremos esses inimigos e mostraremos a eles quem é que manda nos céus, nas águas e, principalmente, no submundo terreno, ó Hades! Ninguém invadirá os seus domínios sem uma retaliação maior do que a afronta que foi feita, isso eu lhe afirmo! Esses seres não sabem com quem estão a lidar! Eles se arrependirão de aqui terem chegado!

Em seguida, dirigindo-se novamente a nós, ordenou:

— Agora, voltem para os ambientes terrenos e permaneçam vigilantes. Conforme eu já lhes orientei, no caso de obterem novas informações, avisem sem demora à deusa Atena.

Ao ouvirmos isso, considerámo-nos dispensados e saímos o mais rápido que conseguimos do salão principal do Olimpo.

Seguimos em direção ao laboratório de Epimeteu e ao chegarmos, ele imediatamente selou o ambiente e, com imensa satisfação, revelou:

— Está feito! A partir de agora, Enlil vai ter bastante problemas para se preocupar. Nós seremos o menor deles e lhes asseguro que isso será garantido pelos deuses dementes do Olimpo! Certamente, teremos um momento de paz, ó Pandora, pois a guerra entre o Olimpo e os Anunnaki está prestes a ser declarada! Parece que recomeçaremos as nossas atividades normais, ó Pirra! Eles nos esquecerão por um bom período! Podem ter certeza disso!

Devo admitir que, por duas razões, fiquei bastante satisfeita ao escutar essa avaliação que Epimeteu fez. Primeiro, Pirra tinha passado despercebida a todos eles e, segundo, com a guerra sendo declarada, Enlil enfrentaria o poderio dos doze deuses do Olimpo e os seus descendentes. Seguramente, ele teria com o que mais se preocupar e me deixaria em paz por um bom tempo! Os Anunnaki, estando em guerra com os olímpianos, não mais poderiam se dedicar ao projeto de Enlil sobre a produção de escravos, o que incluía a obtenção de uma amostra do meu fluido vital.

Fiquei animada devido a essa última constatação, e o motivo para me sentir assim é que eu poderia ir ao encontro dos nossos “animais de estimação”, sem ter tanto receio de ser seguida!

Com toda a certeza, neste momento, todos os olímpianos que estivessem a espionar-nos já saberiam que o Olimpo entraria em guerra contra os Anunnaki. Pelo que me lembrava, quando isso acontecia, a primeira providência que os deuses tomavam era convocar os seus melhores espiões e mandar que passassem a vigiar os seus inimigos. Isso era bem certo para mim, pois Zeus sempre agia assim!

Então, era só esperar a guerra começar e, depois, eu poderia ir ao encontro dos “animais de duas pernas”. Já fazia muito tempo que não tinha notícias deles, e eu não estava a suportar mais não saber como estava o “macho especial”!

OLIMPIANOS VERSUS ANUNNAKI: QUE VENÇA O MAIS FORTE!

“Se não puder voar, corra. Se não poder correr, ande. Se não puder andar, rasteje, mas continue em frente de qualquer maneira.”

Martin Luther King Jr.

Ficámos a aguardar por informações da eminente guerra, e essa foi a melhor notícia que tivemos nos últimos tempos. Quando ela finalmente chegou, mais um emissário de Zeus veio ao nosso encontro, ordenando-nos que ficássemos vigilantes, pois o Olimpo atacaria a nave dos Anunnaki a qualquer momento.

Logo que o olimpiano saiu, Epimeteu convocou-nos, comunicando como agiríamos a partir daquele momento.

Com um semblante sério, o titã falou-nos de um modo que, claramente, demonstrava que não aceitaria qualquer contra-argumentação:

— Vamos manter-nos longe disto tudo! Iremos para o meu segundo laboratório, que fica escondido muito distante daqui, e de lá observaremos o desenrolar desse confronto! É essencial que estejamos em segurança! Vou camuflar a nossa casa e este laboratório para o caso dos Anunnaki virem aqui tirar algum tipo de satisfação connosco. Já não é seguro permanecermos neste local, portanto, temos de sair, imediatamente!

— Venha Pirra, ajude-me a espalhar a poção de camuflagem por todo o ambiente — solicitou ele. — Precisamos agir rápido, posto que o emissário de Zeus alertou-me que o ataque acontecerá a qualquer instante, e quero que estejamos longe daqui quando isso acontecer.

Eu fiquei tremendamente confusa com toda aquela situação e perguntei, um pouco aflita:

— Ó Epimeteu, eu achei que quando essa guerra ocorresse, ficaríamos livres de todos eles! Pensei que, finalmente, teríamos paz e poderíamos retornar às nossas vidas de antes, porém, o que está a acontecer é justamente algo bem diferente disso! Por que temos de fugir?

Epimeteu endereçou-me um ar de espanto e explicou:

— Pandora, você não entende nada de guerra, não é mesmo? Quando ela explode, sobra para todos os lados! Logo, Enlil vai achar que ajudamos os olímpianos ao dar-lhes informações a respeito de como atacá-los, o que não está de todo errado. Então, com certeza, virá ao nosso encontro para nos fazer prisioneiros! Não percebe isso? Você precisa, urgentemente, aprender a raciocinar de maneira estratégica diante de eventos que não controla, refletindo sobre todas as possibilidades e atuando em várias frentes, ao mesmo tempo, de maneira a antecipar-se ao que poderá vir deles!

— Não aprendeu nada com Prometeu? — perguntou-me o titã, que já estava acostumado com mais guerras do que eu poderia imaginar.

De novo, os factos apresentavam-se a mim de modo completamente aterrador! Como em muitas outras ocasiões, fui apanhada sem que fosse capaz de perceber o iminente perigo em que estávamos envolvidos, o que levou Epimeteu a chamar-me à razão.

Ao perceber o quanto a estupidez e a demência ainda faziam parte da minha genética olímpiana, respondi-lhe:

— Mais uma vez, é você que nos salva de maiores complicações, ó Epimeteu! Pergunto-me quanto mais tempo demorarei para desenvolver a habilidade de perceber o perigo, de maneira a conseguir antecipar-me a ele. Ainda bem que o temos conosco, ó meu querido!

O velho titã, dirigindo-se a nós duas, expressou:

— A minha insignificante existência somente ganhou algum sentido quando vocês duas passaram a fazer parte dela! Sem vocês, eu nada seria! No passado, prometi-lhe que ninguém tocaria em você sem a sua permissão, ó Pandora, e que daria a minha vida para defendê-la. Agora, dedico-me a proteger vocês as duas!

— Vamos logo! — pediu o titã. — Não temos tempo para mais conversas! Sem mais demora, acabemos com isso! Precisamos agir rapidamente! Pirra, continue a espalhar as poções, e você, ó Pandora, deve pegar o que for necessário para ficarmos longe daqui por um tempo. Algumas vezes, virei invisível aqui, e apenas quando perceber que já estamos seguros, retornaremos para esta nossa casa. Andem, e não percam mais tempo!

Epimeteu e Pirra continuaram a espalhar as poções em torno da nossa casa e do laboratório, e eu fiquei a pensar em como estava errada ao acreditar que logo estaria com os “animais de duas pernas”.

Arrumei tudo o que achei que poderíamos precisar e encontrei-me com Epimeteu e Pirra.

— Permaneçam caladas e sem fazerem ruídos até chegarmos ao segundo laboratório! — orientou ele. Isso é muito importante para que ninguém nos perceba! Sigam-me!

Estranhamente, ao olhar para onde ficava a nossa casa e o laboratório, já não conseguia mais vê-los! Caminhámos por um local no qual, se bem me lembrava, estava a nossa casa, porém, para o meu espanto, atravessámos as suas paredes sem que houvesse qualquer obstáculo que dificultasse o nosso trajeto que, literalmente, foi feito dentro dela! Que poção poderosa era essa que conseguia realizar tal efeito?

Mentalmente, o titã disse-me que depois me explicaria do que se tratava, pois tínhamos de partir imediatamente. De repente, o titã lançou sobre nós três o seu manto de invisibilidade e, protegidos por ele, deslocámo-nos para o local onde ele havia construído o seu segundo laboratório.

Conversando mentalmente com Epimeteu, perguntei-lhe como o seu irmão nos acharia, caso ele retornasse, e ele respondeu-me que havia deixado uma mensagem criptografada, com o mapa do local em que estaríamos. Ele garantiu-me que somente Prometeu seria capaz de entender aquela escrita e que, portanto, poderíamos partir seguros de que ele nos acharia, caso desejasse.

O MELHOR PROTÓTIPO DOS TITÃS E OLIMPIANOS

“Sabemos o que somos, mas não sabemos o que poderemos ser.”

William Shakespeare

Quando chegámos ao novo laboratório, imediatamente questionei Epimeteu:

— Posso usar o seu manto da invisibilidade para apenas ver como estão os “animais de duas pernas”, ó Epimeteu? Por que não pensei nisso antes? Enquanto eu estiver a usar o manto, ninguém poderá seguir-me, não é mesmo?

— Não é assim tão simples, ó Pandora! — esclareceu-me o titã, demonstrando uma certa impaciência em relação à minha fixação nos nossos “animais de estimação”. — O facto é que ninguém conseguirá vê-la, mas conseguirão ouvi-la, e por isso pedi para que vocês duas fizessem todo o percurso em total silêncio. Quando uso o manto, além de me manter calado e quieto, pois alguns seres podem escutar até mesmo a minha respiração, localizando-me por meio dela, também tenho todo o cuidado para não tocar ou ser tocado por qualquer outro ente! Hoje, tivemos a sorte de não sermos perseguidos, e por isso apliquei somente a estratégia de vir por caminhos que eu sabia que dificilmente encontraríamos alguém.

— No caso de você decidir encontrar-se com os “animais de duas pernas”, primeiro deve dominar todo o seu corpo de modo a não colocar-se em risco, O que exige tempo e esforço — explicou ele. Portanto, eu a treinarei para que consiga controlar até mesmo a sua respiração. Depois, empresto-lhe o manto, e você poderá verificar como eles estão, pois que sei o quanto anda, há muito tempo, preocupada com eles. Combinado assim, ó minha querida Pandora?

Eu afirmei que sim, que gostaria de saber dominar este meu corpo da mesma maneira que havia presenciado Prometeu fazer com o dele quando não queria ser notado. Em certas ocasiões, ele aproximava-se de mim, mas eu somente notava a sua presença quando ele já estava ao meu lado! E devo dizer que nós, os olimpianos, temos os nossos sentidos aguçados quando alguém se aproxima. Somos seres desconfiados e não permitimos que ninguém chegue tão perto sem que estejamos preparados para isso!

Acertámos começar o meu treino a partir do dia seguinte, pois, antes, era primordial colocarmos em ordem o que seria a nossa morada provisória por algum tempo. Epimeteu mostrou-nos como funcionava o seu segundo laboratório e explicou-nos como fazia para o local ficar totalmente invisível para os outros seres. Também nos ensinou como entrar e sair dele sem sermos vistos e quais seriam os aposentos em que ficaríamos enquanto estivéssemos ali escondidos. Eu e Pirra dividimos o mesmo ambiente, e Epimeteu ficou no seu local de trabalho, uma vez que esse segundo laboratório era pequeno, pois quando foi construído, destinava-se apenas ao armazenamento das poções e, portanto, não estava preparado para servir como moradia. Entretanto, apesar do espaço reduzido, o mais importante era que estávamos seguros!

Epimeteu foi arrumar os ingredientes que ele havia trazido consigo para continuar a preparar as suas beberagens. Vimos que ele as estava a guardar há muito tempo, posto que lá havia um enorme depósito de poções que ele e Pirra andaram a produzir. Ele nos revelou que sempre que criava uma delas, levava um pouco para cada laboratório que possuía, pois, assim, teria todas à sua disposição, caso precisasse deixar, às pressas, o seu laboratório principal, como acabara de acontecer. Epimeteu era previdente quando se tratava das suas poções. Isso era um facto!

Depois que eu e Pirra fomos para o recinto que ele havia nos destinado, passámos a conversar livremente, sobre os últimos acontecimentos.

— Ó Pandora, não me lembro de ultimamente termos um só dia sem que algo terrível não estivesse por desabar sobre as nossas cabeças! — desabafou ela. — O que está a acontecer? Quando estivemos no Olimpo, observei Zeus e a deusa Témis, atentamente, e preciso comentar com você as minhas impressões sobre eles. Para o meu pai, não quero tocar neste assunto, pois ele se incomoda e fica muito preocupado connosco. Acho melhor nada falarmos com ele, pelo menos por enquanto.

Conte-me, ó Pirra! — animei-a. — Estou curiosa para saber a sua opinião a respeito dos olímpianos! O que achou de Zeus?

— Percebi que ele é poderoso, ó Pandora! — revelou ela, com alguma preocupação. — De alguma maneira, os olímpianos têm um certo respeito por ele. Contudo, também notei o quanto ele é manipulável! A deusa Témis possui total controlo sobre as ações dele. Em alguns momentos, observei que ele me olhava com algum interesse, porém sem conseguir manter o olhar em mim por muito tempo, pois a cada instante, ele voltava a sua atenção para o que o meu pai estava a narrar.

— Quanto à deusa Témis, ela me encarou por um bom tempo. Senti que estava a analisar o meu íntimo. — comentou Pirra. Qual o motivo do interesse dela por mim, ó Pandora? Por que será que me olhava tanto? Em determinado momento, senti o seu olhar sobre mim ao ponto de me incomodar profundamente com isso!

E continuando, Pirra revelou-me:

— De todos no Olimpo, pelo que pude observar, somente Zeus e Témis se deram conta da minha presença naquele ambiente. O que mais me preocupou foi a insistência dela em analisar o meu íntimo, pois ela tentou invadir a minha mente para vasculhar os meus pensamentos. Eu lutei contra essa invasão e disse-lhe, mentalmente, que parasse de tentar fazer isso porque eu não permitiria que ela assim se comportasse comigo! Nada disse ao meu pai para que ele não ficasse preocupado. No entanto, ó Pandora, divido com você esse pormenor que aconteceu, pois sei que conseguirá lidar com essa situação de um modo mais tranquilo do que o meu criador. Ajude-me a entender o que ela estava a fazer, uma vez que você a conhece mais do que eu! O que a deusa Témis tentava achar no meu íntimo? O que ela queria descobrir, afinal?

Pensei, comigo mesma:

“A deusa Témis querendo invadir a mente de Pirra! Por essa, eu não esperava! Por que ela faria Isso”

Sem ter uma resposta bem fundamentada para oferecer à questão colocada por Pirra, falei:

— Sinceramente, não sei como devo lhe responder, ó Pirra. Peço que me dê um tempo para pensar. Fiquei perplexa e curiosa com essa atitude de Témis, mas isso não tem a ver com o facto de não achar que ela não seja capaz de tal ato, mas sim, por perceber que deve haver uma razão especial que a levou a tentar entrar na sua mente!

— Ó Pandora, acho que a apanhei de surpresa! — comentou Pirra. — Acredito que ela não esperava que eu notasse a sua intromissão e muito menos que fosse capaz de expulsá-la da minha mente, advertindo-a que não mais agisse assim comigo. Penso que ela ficou extremamente admirada com a minha atitude!

— Você agiu muito mal, ó Pirra! — expressei. Não deveria ter se mostrado tão perspicaz diante de Témis! Ela agora sabe que você é melhor do que todos os olímpianos, posto que está acostumada a invadir facilmente as mentes deles, colhendo informações e até mesmo plantando sugestões, sem que sequer percebam! Ela faz isso o tempo todo, até mesmo com o próprio Zeus e ele nem se dá conta que, muitas vezes, as ordens que dá, na verdade, foi ela que as inseriu na sua mente!

— Se tivesse deixado Témis vasculhar a sua mente, apenas escondendo dela os seus mais valiosos pensamentos, ela pensaria que você era similar aos outros olímpianos, ou seja, dementes e de fácil controlo — concluí.

— Ó Pandora, foi tudo tão inesperado! — justificou-se ela. — Nunca havia ocorrido comigo nada parecido com isso! Quando percebi que ela estava a investigar dentro da minha própria mente, logo me defendi! Se eu soubesse que isso aconteceria, teria

atuado de outra maneira. Vocês precisam preparar-me para esses encontros, ensinando-me o que sabem! Você deve contar-me todos os detalhes sobre os seres do Olimpo, principalmente como eles agem, pois somente assim estarei preparada para lidar com cada um deles!

Tinha de concordar com Pirra. Ela não teve culpa quanto ao seu modo de agir em relação à minha criadora. Nós deveríamos tê-la mais bem preparado para esse tipo de encontro. Epimeteu, mais uma vez, estava com a razão, pois ela não deveria ter ido conosco! Agora era tarde para qualquer arrependimento! Provavelmente, Témis chegou à conclusão de que Pirra era diferente e especial. Se a minha filha foi capaz de perceber a sua investigação mental e, além disso, se conseguiu anular essa invasão, Témis saberia que, de todos os descendentes dos titãs e dos olímpianos, Pirra era o melhor resultado alcançado até então. Ela era o que de melhor existia a partir dessas duas estirpes!

Epimeteu, que acabara de entrar no recinto em que estávamos, declarou:

— Amanhã, treinarei as duas para saberem controlar os seus corpos, as suas mentes e os poderes que cada uma possui. Montaremos várias estratégias de atuação para cada deus do Olimpo. Pirra, a partir de agora, você somente sairá deste laboratório quando acompanhada por mim! Essa é uma ordem, e você deve obedecer-me, pois sou o seu criador! Nada indico para você, ó Pandora! Proceda conforme você decidir! No entanto, Pirra ficará sob os meus cuidados e extrema proteção. Ela é minha responsabilidade pessoal! Não permitirei que você a coloque em perigo, novamente! Ó minha querida Pandora, já lhe falei que você precisa aprender a pensar antes de agir. Nesse quesito, você está pior que eu, que apresento certa deficiência quando comparado a Prometeu e aos meus outros irmãos.

— É fundamental montar estratégias de atuação para todas as possibilidades que você imagine que poderão acontecer — expressou o titã, dirigindo-se a mim. — Contudo, apesar de estar sempre a dizendo-lhe isso, você não se contém e ainda age impulsivamente, sem antes pensar nas consequências, e por isso arranja mais problemas do que soluções. Não estou furioso com você, ó Pandora, porém, de agora em diante, peço-lhe mais prudência, sob pena de nos colocar em risco desnecessário por agir ignorando as resultantes dos seus atos. Eu, que sou tido como o mais inconsequente e imprudente dos meus irmãos, estou sempre a ter que ficar atento e pensar antes, para você não cometer tantas tolices, ó minha querida. Entretanto, pode chegar o dia em que não me tenha mais para fazer isso por você. Portanto, comece a agir com mais cautela e responsabilidade.

Com um olhar triste, Epimeteu continuou a advertir-me:

— Talvez o meu tempo já esteja por acabar, e devo treiná-las a sobreviverem sem a minha ajuda. Eu sinto isso e ando extremamente preocupado, pois percebo que basta

manter-me longe de vocês duas por alguns instantes, e quando retorno, deparar-me com situações altamente arriscadas para as suas existências. Sei que estou a ser duro, principalmente com você, ó Pandora! Entretanto, assim procedo porque você é a criadora e protetora de Pirra, o ser que ilumina todos os dias da minha vida. Então, você deve pensar e agir como tal, procurando não a colocar em risco desnecessário devido somente à sua falta de capacidade em dominar a si mesma. Precisa controlar esses seus rompantes emocionais, pois você está a ficar frágil e extremamente manipulável ao demonstrar as inquietações que agora marcam a sua mente. Bem sabe que nós, os titãs e os olímpianos, não demonstramos esse tipo de fraqueza pela qual, ultimamente, você tem se deixado levar.

— Peço-lhe que não arraste Pirra para esse tipo de comportamento, pois ela precisa ser diferente desse padrão que, agora, você tem no seu íntimo — repreendeu-me ele, com certo pesar. Ela foi criada por nós dois para ser totalmente diferente disso! A nossa filha foi destinada a ser criativa, forte e determinada e a saber montar estratégias de luta. Lembre-se que ela tem as suas antigas capacidades e as minhas, portanto, é o resultado do que existe de melhor em mim e em você! Têmis deve ter percebido isso e, agora, ela sabe que Pirra é o melhor descendente que existe das nossas duas estirpes! Eu escutei a conversa de vocês as duas e, portanto, sei que aconteceu exatamente o que tentei evitar a todo o custo, ou seja, que descobrissem que aquela que faz os meus dias mais felizes, é o melhor protótipo que existe dos titãs e dos olímpianos!

Eu fiquei apavorada com aquela constatação! Epimeteu, além de ter escutado tudo, tinha total razão na maneira como estava a chamar-me a atenção! Realmente, por imprudência, eu tinha colocado Pirra em risco! Não deveria ter permitido que ela fosse conosco! Deveria saber que ela não passaria despercebida por Têmis ou até mesmo pelo próprio Zeus. Havia cometido mais um erro! Agora, precisávamos manter Pirra escondida, e eu era a única responsável por isso!

Assumindo a minha culpa, falei:

— Peço desculpas por ter agido assim, ó Pirra e Epimeteu! Fui novamente imprudente e se, agora, Pirra corre algum perigo, eu sou a responsável. Imploro-lhe, ó Epimeteu, ensine-me como agir com mais prudência, mostre-me como conter o que estou a tornar-me, pois percebo que este meu novo corpo é desconhecido para mim e que a minha mente e o meu modo de atuar já não são os mesmos. Você tem toda a razão, ó Epimeteu! Ando a afetar-me pelo que penso e sinto, e essa é a fraqueza que preciso tratar de anular. Quero voltar a ter controlo sobre mim, e somente você poderá ensinar-me a dominar este corpo e, principalmente, a minha nova mente, de maneira que eu consiga modelar, sem tantas fraquezas e sem tanta afetação, todas as emoções que ando a sentir. Tenho de controlar este novo modo de agir! Perdoe-me Pirra e meu querido Epimeteu, por expô-los a tantos perigos nestes últimos tempos, somente trazendo mais problemas para que vocês resolvam.

— Garanto-lhes que, a partir deste instante, procurarei controlar o processo pelo qual estou a passar! — declarei. Não deixarei mais que outros me controlem ou, até mesmo, que este novo modo de existir seja o motivo da minha ruína pessoal e tampouco daqueles que agora são tão preciosos para mim! Juro-lhe, ó Epimeteu, que você não precisará mais de me chamar a atenção por agir de maneira impudente! Eu tomarei as rédeas dos meus desejos e das minhas atitudes! Aprenderei como controlar os impulsos que andam a dominar-me! Todavia, preciso de você, ó meu querido, para que me ensine como alcançar isso.

— A partir de agora, Pirra, você terá conhecimento de tudo o que sabemos ou que venhamos a saber — afirmei. — Você deve aprender a defender-se dos deuses do Olimpo. O seu pai e criador nos instruirá nesse sentido e aprenderemos a montar as estratégias necessárias para evitar que nos coloquemos em risco. Não percamos mais tempo e comecemos agora mesmo, ó Epimeteu. Temos muito o que aprender com você e, quando Prometeu aqui retornar, pediremos que ele nos ensine também!

— Caso conseguirmos aprender o que eles sabem, ó Pirra, nos tornaremos os melhores protótipos que existem a partir das duas estirpes que, agora, tentam dominar esta Criação — acrescentei. — Se Prometeu nos ensinar a sermos astutas e perspicazes, fecharemos o círculo de aprendizagem, posto que o seu pai nos ensinará a usar a inteligência e a criatividade a nosso favor. Vamos logo começar com isso, ó Epimeteu! Enquanto esta guerra continuar, teremos tempo para aprender e quando daqui sairmos, estaremos mais bem preparadas para enfrentar os desafios que, decerto, virão ao nosso encontro!

CONSTATAÇÕES INEVITÁVEIS

“Há mais eus do que eu mesmo.”

Ricardo Reis – Heterónimo de Fernando Pessoa

Passámos um longo período a aprender com Epimeteu como desenvolver um completo domínio sobre os nossos corpos, psiquismo e, principalmente, no uso do nosso poder mental. Com a continuação do treino, comecei a reparar que Pirra estava a progredir de maneira muito mais rápida do que eu, naquilo que estávamos a aprender. Quando me apercebi desse facto, passei a desconfiar que a parte biológica poderia estar, cada vez mais, consolidada no meu ser e, talvez, isso estivesse a dificultar o meu rápido desenvolvimento. Era imperioso que eu admitisse que, em toda a minha existência como olimpiana, nunca havia sentido tanta dificuldade em usar o meu poder mental!

Em certo momento, Epimeteu revelou-nos:

— Estamos há algum tempo sem notícias do que ocorre fora deste laboratório. Preciso saber o que aconteceu entre os olímpianos e os Anunnaki. Portanto, aviso-as que sairei para tentar descobrir o que aconteceu. Entretanto, vocês as duas não vão comigo e devem permanecer aqui, à minha espera, pois não sabemos quais são os perigos que existem fora dos muros desta nossa moradia provisória! Vocês estão a aprender como se defenderem, contudo, ainda não sabem o suficiente para enfrentar uma situação inusitada e que envolva um grande perigo. Pensando nisso, decidi que eu vou primeiro e, depois de analisar a situação, talvez possamos sair daqui, todos juntos.

Eu concordei com Epimeteu, que esse era o melhor plano para este momento.

Em seguida, ele pegou a sua manta de invisibilidade e, dirigindo-se a mim, advertiu-me:

— Pandora, espero que você não cometa a asneira de tentar seguir-me. Lembre-se que precisa ficar aqui e proteger Pirra para o caso do meu retorno não se dar. Vocês as duas têm que estar preparadas para qualquer situação e, quando eu sair, tudo pode acontecer! Logo, devem ficar alertas, e se eu não voltar até ao fim do dia, saibam que algo de errado ocorreu. No entanto, alerto-as que não devem tentar achar-me, pois com o tempo, encontrarei uma maneira de me safar de qualquer situação complicada, na qual esteja metido. Se vocês forem atrás de mim, passarão a constituir mais um problema que eu terei de resolver e, seguramente, isso piorará ainda mais a questão. Deixo-lhe um pedido, querida filha, para que não permita que as “emoções” tomem conta de você,

pois não deve colocar-se em apuros, pensando que me ajudará. Devo dizer-lhes que, se eu estiver metido em alguma grande confusão, o único que poderá me ajudar será Prometeu. Vocês as duas nada conseguirão fazer!

— Para o caso de ser extremamente imperioso comunicarem-se com Prometeu, deixei um modo de vocês conseguirem falar com ele — explicou o titã. Mais uma vez, peço que usem a razão e não tentem localizar-me, mas apenas procurem falar com Prometeu e ele saberá o que fazer. Volto a repetir que não saiam à minha procura, pois isso seria altamente imprudente e perigoso para vocês e para mim.

Sem nos dar tempo sequer para nos despedirmos dele, Epimeteu colocou o manto da invisibilidade e desapareceu!

Pirra, ao perceber a gravidade do que acabara de ouvir, com uma expressão extremamente aflita, disse-me:

— Ó Pandora, se algo acontecer a ele, o que faremos? Não consigo ficar aqui, na expectativa se ele vai voltar ou não! Vamos pensar no que faremos para o caso de ele não retornar!

Eu olhei friamente para ela e assegurei-lhe:

— O seu criador já deixou tudo determinado e, desta vez, agiremos conforme as suas instruções. Lembre-se, ó Pirra, que o seu pai tem milhões de anos de existência a mais do que nós duas, tendo sobrevivido a inúmeras guerras bem piores do que esta. Portanto, se alguém sabe o que fazer para se proteger ou sobreviver, são os irmãos titãs, e não nós as duas!

— Continuemos com o nosso treino e vamos aguardar até ao final do dia — determinei. — Depois, veremos o que acontecerá. Acalme-se! Você é senhora de si mesma! Não permita que as “emoções” a dominem! O nosso treino é sobre essa questão, lembra-se? Passámos um bom tempo a aprender como controlar-nos diante do inevitável, de sabermos enfrentar os nossos inimigos de maneira prudente e astuta. Domine-se, ó Pirra, pois agora é que vem a parte prática do nosso treino.

Ao ouvir-me, Pirra estabilizou-se, assumindo o controlo sobre si mesma.

Em seguida, expressou:

— Você tem toda razão, ó Pandora! Por alguns instantes, deixei-me levar pela terrível sensação de perdê-lo, e isso me transtornou por completo. Sabe que não sou dada a essa classe de comportamento, entretanto, quando se trata da vida do meu criador, algo mexe comigo ao ponto de me fazer perder o meu senso de razão. Todavia, penso que passaremos por vários testes práticos desse tipo, pois já percebi que estamos o tempo todo sob stress extremo! Somos expostas a questões e problemas para os quais não fomos orquestradas no sentido de vivenciá-los e sequer de solucioná-los!

— No entanto, devo aceitar que me sinto diferente após vencer esses desafios, como se algo a mais fosse anexado à minha maneira de pensar e agir — comentou ela. Do que se trata isso, ó Pandora? Às vezes, parece-me que o propósito de estarmos a lidar com situações complexas é o de ultrapassarmos o que somos e aquilo para o que fomos criadas. Ando a refletir que, talvez, estejamos o tempo todo a vivenciar situações de confronto para, de algum modo, ao acharmos soluções que nunca foram pensadas por nós, anexar nos nossos cérebros um novo modo de pensar e agir e, tudo isso, com o objetivo de nos tornarmos seres completamente diferentes do que éramos antes!

— Ando a pensar no motivo disso tudo ocorrer conosco, ó Pandora! — revelou Pirra. — Ao refletir sobre o processo que você anda a passar, percebo que existe uma constante somatória de acontecimentos. Quando examino um possível resultado de cada evento, concluo que uma série de novas informações estão a ser processadas por você. Noto também que o mesmo está a acontecer comigo, ao acompanhá-la nessas aventuras que estamos a viver. Penso que se não vivenciássemos nada disso, talvez nos comportássemos de modo similar aos seres que você diz desprezar, e que vivem no Olimpo. Quem sabe, ó minha criadora, estejamos a passar por essas situações limites no sentido de melhorar o nosso entendimento, ou seja, justamente para poder dar um salto em direção ao desconhecido. E mais, por isso ocorrer com uma frequência maior, mudamos o tempo todo, construindo e reconstruindo o nosso íntimo conforme as constantes alterações que somos obrigadas a experimentar. O que acha disso, ó Pandora? Acha que tenho razão ou estou a exagerar?

Parei por alguns instantes e pensei sobre o que Pirra acabara de me dizer e, por fim, percebi que ela tinha razão. Ao analisar todos os pormenores que me aconteceram a partir do momento que conheci os irmãos titãs e os seus “animais domésticos”, tudo tinha acontecido tão rapidamente e com mudanças tão drásticas que sequer poderia imaginar no que eu me tornaria a partir desses constantes conflitos e condições perigosas com os quais fui obrigada a conviver desde então.

— Pirra, tenho a impressão de que você está correta nas suas reflexões! — respondi. Temos passado por muitas situações de conflito, de confronto, de perigo e acima de tudo, de novidades para os nossos padrões de entendimento enquanto seres que nasceram prontos e que não mudam quase nada ao longo de toda a existência. Se formos pensar um pouco mais sobre esse assunto, veremos que eu, você, os irmãos titãs e a deusa Témis, somos os únicos que se comportam de modo diferente dentro das estirpes dos olímpianos e dos titãs. Devo dizer que Atena, em algumas situações, também age e pensa de modo diverso dos nossos pares. Contudo, os demais bilhões de seres do Olimpo procedem sempre da mesma forma, e não existe nada neles que faça com que um deles atue ou raciocine de maneira diferenciada dos demais. Comportando-se assim, são improdutíveis e dementes! As suas existências são totalmente inúteis, devo admitir.

— Entretanto, Pirra, esse tipo de raciocínio que estamos a ter neste momento não é algo natural nas espécies das quais nos originámos! — comentei. — Nem mesmo é normal para os doze deuses mais poderosos que fazem parte da “Assembleia dos Deuses do Olimpo”! Veja que todos eles agem e pensam de modo similar aos seus descendentes, ou seja, vivem em torno da disputa de poder! Nada fazem de diferente entre si. E sempre o mesmo comportamento, divertindo-se ao pregar ardis uns nos outros e tentando, o tempo todo, conseguir mais poder para mandar e controlar os demais! A única preocupação que eles possuem é querer mostrar o quanto são mais poderosos que os seus pares!

— Nós fugimos desse contexto, ó Pirra! — continuei. A cada dia, ficamos mais distantes desses conflitos e dessa forma de viver. Penso que estamos a seguir em frente e a tentar ser diferentes deles, visto que nós, com os irmãos titãs, criamos laços de respeito, proteção e de algo que é impensável entre os olímpianos, e que eu chamaria de “carinho” por aqueles que se tornaram importantes para nós! Por isso, estou a chegar à conclusão de que já não somos as mesmas e que nos tornámos seres únicos, diferenciados. Talvez, ó Pirra, sejamos novas criaturas e o que de melhor existe entre todos os seres relacionados ao Olimpo!

— Será que, conforme você disse anteriormente, estou igualmente a ser exagerada, ó Pirra? — perguntei. — Por outro lado, parece tudo tão pretensioso e sem coerência! Supondo que o que falámos neste momento tenha alguma lógica, ainda assim, parece-me que estamos diante de algo diferente, pois não sabemos o porquê disso acontecer connosco. Sim, a questão é descobrirmos o motivo de isso se dar exatamente com nós as duas! Por ora, o que temos são somente reflexões! Devemos parar por aqui, já que não temos respostas para elas. Talvez, mais no futuro, possamos ter algumas explicações para essas nossas questões. Vamos aguardar a chegada de Prometeu que, com certeza, poderá ajudar-nos a chegar a alguma conclusão sobre esse assunto.

— De momento, precisamos continuar com o nosso treino e esperar calmamente pelo retorno de Epimeteu — falei, encerrando a conversa sobre qual seria o significado das nossas existências. — Quando ele aqui chegar, saberemos o que anda a acontecer lá fora desta nossa moradia provisória!

A FUGA DOS ANUNNAKI!

“Vão para o diabo sem mim, ou deixem-me ir sozinho para o diabo! Para que haveremos de ir juntos”?

Fernando Pessoa

Passados alguns dias, finalmente, Epimeteu retornou ao laboratório que agora nos servia de morada. Estávamos tão “ansiosas” por vê-lo que o abraçamos com toda a força que conseguimos.

Epimeteu, um pouco surpreso com a recepção, comentou:

— Que excelente acolhimento! Que bom vê-las novamente, ó minhas queridas! Deixem que eu me recomponha e logo contarei tudo a vocês. Sei que demorei mais do que pude preveni-las, porém só retornei quando tive a certeza de que não seria seguido.

— Conte-nos, ó Epimeteu, afinal, o que está a acontecer? — perguntei, ansiosa.
— Não aguentamos mais de tanta curiosidade! O Olimpo atacou ou não a nave dos Anunnaki?

— Sim, ó Pandora, e o ataque foi chefiado por Ares e Atenas — informou o titã. — Enlil teve de sair rapidamente, pois não pôde enfrentar a fúria de Ares por muito tempo. O príncipe Anunnaki conseguiu decolar dos ambientes terrenos com a sua nave, mas tenho a certeza de que ele muito pensará antes de aqui retornar, posto que teve de escapar daqui, em fuga! Quanto aos Anunnaki que ficaram frente a frente com Ares, nenhum deles sobreviveu. Devo admitir que é uma cena apavorante ver o “Deus da Guerra” em ação, diante da fúria sanguinária que ele demonstra ao atacar. Ele não hesita, nem por um instante, em destruir seja o que for!

— Enlil não teve muita escolha — relatou Epimeteu. — Revidou como pôde com as suas armas, porém nada conseguiu fazer para defender os que estavam fora da nave ou dentro do buraco escavado. Todos foram abatidos por Ares. Na verdade, acredito que Enlil e o comandante salvaram-se, pois assim que começou o ataque, o príncipe encontrava-se dentro da nave que rapidamente levantou voo. Entretanto, o que eles não esperavam é que Atena e outros deuses aguardavam por eles no espaço aéreo! Não sei o que aconteceu com Enlil e a sua nave a partir da sua decolagem. Estive a tentar descobrir se eles haviam sido destruídos ou não. Nada consegui saber, pois o Olimpo está a comemorar o rápido desfecho desse ataque e a total vitória dos deuses contra os Anunnaki. Portanto, achei melhor não me arriscar, ficando a vagar por lá com tantos seres repletos de euforia provocada pela guerra.

— Saibam, ó Pandora e Pirra, que os momentos que se seguem após a batalha, esses são os piores, uma vez que os vitoriosos sentem que podem fazer o que quiserem, que eles podem tudo! — alertou ele. — Lembrem-se que, quando uma batalha acabar, vocês devem redobrar o cuidado com os vencedores, esperando que o entusiasmo da vitória tenha passado para, então, tratar qualquer assunto com eles. Agindo assim, evitarão sérios problemas, e foi o que fiz, saindo imediatamente do Olimpo. Vamos aguardar mais um tempo, e irei pedir uma audiência com a deusa Témis para termos mais detalhes do que aconteceu com Enlil. Quando lá estivermos, será uma ótima oportunidade para que você tente descobrir o motivo pelo qual ela sondou a mente de Pirra, ó Pandora!

Pirra, que a tudo escutava em silêncio, imediatamente sinalizou:

— Então, podemos retornar para a nossa casa! Veja Pandora, talvez já possamos ir ao encontro dos “animais de duas pernas”! Os Anunnaki se foram e os olímpianos estão a comemorar a sua vitória, portanto, podemos ir ao encontro deles sem medo de sermos seguidas! Eu também estou extremamente curiosa para ver como eles estão!

Imensamente satisfeita após ouvir o comentário de Pirra, elogiei:

— Bem pensando, ó Pirra! Vamos aprontar-nos para o retorno à nossa casa, e logo iremos ao encontro dos nossos “animais de duas pernas”.

Epimeteu, ao ouvir o nosso plano, disse:

— Eu também vou com vocês, pois quero anotar tudo o que eles fizeram ao longo de quase um ano que passámos longe deles. Penso em verificar se o “macho especial” conseguiu comandá-los a ponto de, efetivamente, proporcionar algum progresso no estilo de vida deles. Vamos, arrumem o que for necessário e retornemos para a nossa casa, nos ambientes terrenos.

Eu fiquei “feliz” por voltar a ter novamente a possibilidade de ver como estavam os “animais de duas pernas”. Finalmente, estaria pessoalmente com o “macho especial”! Não aguentava mais não ter nenhuma notícia de como ele estava.

No retorno para casa, passei o tempo todo a pensar se ele me rejeitaria e se voltaria a confiar em mim, pois havia lhe dito, no nosso último encontro, que logo voltaria, e isso foi há quase um ano. Por fim, percebi que apenas esperava que, pelo menos, eles estivessem vivos! Se assim os encontrasse, já seria o suficiente para me deixar satisfeita!

Teria de aguardar por mais algum tempo para obter essa resposta! Não havia outra maneira!

SOBRE A AUTORA



Jeane Miranda é escritora da Editora Nova Egrégora, tem formação como Mestre em Ciências da Educação, pelo Instituto de Educação da Universidade do Minho em Portugal.

Atualmente estuda a Revelação Cósmica desenvolvida por Jan Val Ellam. À medida que os seus estudos avançam, novos painéis ficam disponíveis no seu psiquismo permitindo a escrita, por meio da psicografia, de livros narrados por protagonistas que fizeram parte de um passado esquecido pela humanidade terrestre.

Resgatar esse passado perdido pelo obscurantismo e ressignificar a participação desses personagens, que por vezes foram mal interpretados pela história humana, tem sido a finalidade das suas obras.

LIVROS DA AUTORA

- **Anjos Decaídos:** O Legado Cósmico da Humanidade.
- **Os Livros da Vida de Pandora 1** – Zeus, os Titãs e a Criação da Espécie Humana Terrestre.
- **Os Livros da Vida de Pandora 2** – O Coquetel das Poções e o Iminente Ataque do Olimpo.
- **Os Livros da Vida de Pandora 3** – Os Anunnaki e a Disputa pela Genética de Pandora
- **Os Livros de Yel Luzbel:** A Revolta do Anjo Decaído.
- **O Senhor Javé:** O Criador deste Universo.